



**ESTUDO**  
**UMA FAIXA, UMA ROTA**

---

**CONCEITO E ABORDAGEM  
NUMA PERSPECTIVA DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO DO  
SECTOR METALÚRGICO  
E ELETROMECAÂNICO**



**aneme**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS  
METALÚRGICAS E ELECTROMECÂNICAS

---

### **PROPRIEDADE E EDIÇÃO**

ANEME – Associação Nacional  
das Empresas Metalúrgicas  
e Electromecânicas

#### **Morada**

PóloTecnológico de Lisboa  
Rua Francisco Cortês Pinto,  
n.º 2 (Lote 13 b)  
1600-602 Lisboa  
PORTUGAL

#### **Telefone**

+351 217 112 740

#### **Email**

[aneme@aneme.pt](mailto:aneme@aneme.pt)

#### **Website**

[www.aneme.pt](http://www.aneme.pt)

---

### **AUTORIA**

ANEME – Associação Nacional  
das Empresas Metalúrgicas  
e Electromecânicas

Mundi Consulting

---

### **DESIGN E PAGINAÇÃO**

Cempalavras – Comunicação  
Empresarial, Lda.

#### **Telefone**

+351 218 141 574

#### **Email**

[geral@cempalavras.pt](mailto:geral@cempalavras.pt)

#### **Website**

[www.cempalavras.pt](http://www.cempalavras.pt)

---

### **ANO**

2022

---

**ESTUDO UMA FAIXA, UMA ROTA**  
*Conceito e Abordagem numa Perspectiva de Internacionalização  
do Sector Metalúrgico e Eletromecânico*

♦

## ÍNDICE

---

ÂMBITO E ABORDAGEM .....	5
<b>I. PARTE</b> .....	<b>11</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO INICIATIVA E SECTOR</b> .....	<b>11</b>
1. Estratégia Político-económica China .....	12
1.1. Rota da Seda .....	12
1.2. China no Século XX .....	14
1.3. Estratégia Comercial .....	19
2. Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” .....	25
2.1. Caracterização .....	25
2.2. Meios e Recursos .....	27
3. Impactos a Nível Internacional .....	30
3.1. Impacto Global .....	30
3.2. Impacto na Europa .....	34
3.3. Impacto na Comunidade CPLP .....	35
4. Sector Metalúrgico e Eletromecânico .....	41
4.1. Caracterização do Sector .....	41
4.2. Exportações Portuguesas .....	50
4.3. Importações Portuguesas .....	53
<b>II. PARTE</b> .....	<b>55</b>
<b>INTEGRAÇÃO INSTITUCIONAL E EMPRESARIAL</b> .....	<b>55</b>
1. Sectores e Projetos .....	56
1.1. Sectores Abrangidos pela Iniciativa .....	56
1.2. Principais Projetos “Uma Faixa, Uma Rota” .....	57
2. Papel dos Parceiros de Desenvolvimento .....	65
2.1. Financiamentos e Papel das Multilaterais .....	65
2.2. China e Conceito de Multilateralismo .....	68
3. Relações da China com o Mundo .....	71
3.1. China e Estados Unidos da América .....	71
3.2. China e Paquistão – Índia .....	77
3.3. China e União Europeia .....	79
4. Relacionamento China-Portugal .....	84
4.1. Relações Históricas .....	84
4.2. Relações Recentes .....	85
4.3. Interesses da China em Portugal .....	87

## **ESTUDO UMA FAIXA, UMA ROTA**

*Conceito e Abordagem numa Perspectiva de Internacionalização  
do Sector Metalúrgico e Eletromecânico*

### **ÍNDICE (CONTINUAÇÃO)**

<b>III. PARTE</b> .....	<b>91</b>
<b>ESTRATÉGIA PARA PME E SECTOR</b> .....	<b>91</b>
1. Capacidade Internacionalização de Portugal .....	<b>92</b>
1.1. Abertura da Economia Portuguesa .....	<b>92</b>
1.2. Desafio da Internacionalização .....	<b>95</b>
2. Estratégia de Portugal com a China .....	<b>98</b>
2.1. Relação de Cooperação .....	<b>98</b>
2.2. Projetos Sines e 5G .....	<b>100</b>
2.3. Cooperação com Países Terceiros .....	<b>103</b>
3. Cooperação Portugal China .....	<b>105</b>
3.1. Sectores a Apoiar .....	<b>105</b>
4. Empresas do Sector e a China .....	<b>107</b>
4.1. Considerações Gerais .....	<b>107</b>
4.2. Oportunidades .....	<b>108</b>
4.3. Incentivos ao Envolvimento das Empresas .....	<b>111</b>
5. Como Trabalhar com a China .....	<b>113</b>
5.1. Como Iniciar uma Relação de Negócio .....	<b>113</b>
5.2. Estilo de Negociação com Entidades Chinesas .....	<b>115</b>
5.3. Protocolo Cultural .....	<b>119</b>
5.4. Algumas Regras para Fazer Negócio .....	<b>121</b>
<b>IV. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES</b> .....	<b>125</b>
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>126</b>
<b>RECOMENDAÇÕES</b> .....	<b>130</b>
<b>V. FONTES DE INFORMAÇÃO E BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>133</b>



ÂMBITO E  
ABORDAGEM

## ÂMBITO DO ESTUDO

### ENQUADRAMENTO

#### ÂMBITO

O âmbito da realização do Estudo “Uma Faixa, Uma Rota”, consiste no desenvolvimento de que, numa Perspectiva de Internacionalização do Sector Metalúrgico e Eletromecânico, permitindo analisar e explicitar a iniciativa da República Popular da China, designada como “Uma Faixa, Uma Rota”.

Pretende-se estudar em que medida as PME portuguesas podem vir ou não a beneficiar desta iniciativa atendendo a que Portugal, conforme foi declarado pelo próprio Presidente Xi, é um dos Países que se constitui como um parceiro significativo para a construção conjunta da “Uma Faixa, uma Rota”.

O principal Foco do Estudo consiste em:

- Estudar a estratégia chinesa, consubstanciada na iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”;
- Analisar os impactos que a iniciativa tem vindo a evidenciar a nível mundial e, particularmente, em Portugal;
- Entender e avaliar a CPLP, em termos de:
  - Exportações de bens e serviços;
  - Subcontratações como é que as empresas do Sector Metalúrgico e Eletromecânico podem participar na iniciativa chinesa, quer no mercado nacional, quer internacional, incluindo o;
  - Estabelecimento de parcerias.

#### OBJETIVOS DO ESTUDO

- Estudar a iniciativa chinesa;
- Dotar as PME do sector de um quadro referencial sobre a iniciativa, particularmente informação sobre a decorrente estratégia comercial chinesa;
- Saber como as empresas nacionais podem inserir-se na estratégia chinesa.

#### RESULTADOS

- Contribuir para detetar oportunidades de negócios decorrentes do lançamento da iniciativa;
- Contribuir para o aumento da taxa de retorno de Portugal no Banco Asiático de Desenvolvimento, atendendo a que este é co-financiador da iniciativa chinesa;
- Contribuir para o reforço da presença das empresas do Sector nos mercados tradicionais onde existam financiamentos chineses.

## ABORDAGEM DO ESTUDO

### TEMAS POR FASE

#### PARTE I

O Presidente da República Portuguesa deslocou-se à China em Abril de 2019, para participar, em conjunto com outros 37 chefes de Estado e de Governo, no 2º Fórum do “Uma faixa, uma Rota”<sup>(1)</sup>. No dia 29 de Abril o presidente português foi recebido no Grande Palácio do Povo, em Pequim. Nesta receção o Presidente Xi Jinping afirmou:

*“Consideramos Portugal como um parceiro significativo para a construção conjunta da “Uma Faixa, uma Rota”, “Pretendemos fortalecer a Cooperação bilateral em áreas como o comércio, investimento, energia e infraestruturas”. “A China está disponível para cooperar com Portugal para fomentar uma cooperação mais produtiva com o Países de Língua Portuguesa”.*

Tais afirmações foram um dos motores para a concepção deste Estudo. As palavras do Presidente da China mostram, por si só, uma oportunidade de negócio para vários sectores em Portugal. A ANEME, atenta ao desenvolvimento das relações entre Portugal e a China, e verificando o potencial da iniciativa para as empresas portuguesas, sentiu a necessidade de estudar e avaliar a oportunidade desta iniciativa para o sector industrial em geral e para o sector das empresas metalúrgicas e metalomecânicas.

Na realidade a iniciativa chinesa propicia necessidades às quais as empresas portuguesas poderão corresponder.

Os principais sectores abrangidos são as ligações ferroviárias, a energia, os oleodutos e gasodutos, os portos, os transportes e as comunicações e telecomunicações. A intervenção nestes sectores, alinhado com a política de abertura da China à cooperação bilateral, propicia condições para a oportunidade de uma profícua participação portuguesa.

O Estudo inicia-se com uma abordagem sobre o que consistiu a Rota da Seda, precursora para muitos de “Uma Faixa, Uma Rota”<sup>(2)</sup>, nomeadamente a análise das suas origens, a capacidade comercial da China, as suas rotas, o seu esplendor e queda com a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

É efetuada uma descrição histórica sobre a China do século XX. De facto, só conhecendo a história do país se poderá entender o que é a China dos nossos dias. Uma China marcada por catástrofes – inundações, pragas de insetos, secas, conflitos militares internos e externos, fomes, entre outros – que já no século XX assistiu a eventos profundos que a transformaram.

(1) Participaram neste evento cerca de 150 países, 5.000 pessoas e 90 organizações internacionais.

(2) As similitudes conduziram a que muitos designem ainda a iniciativa como “Nova Rota da Seda”.

### Da queda da dinastia imperial à ditadura.

Da ocupação japonesa ao surgimento dos “Senhores da Guerra”, do surgimento de Chiang Kai-shek e de Mao Tsé-Tung, do isolamento da China do mundo mas à doutrinação internacional, das boas e más relações com a União Soviética, da visita do Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, da obtenção de alguma estabilidade e desenvolvimento protagonizado por Deng Xiaoping, e finalmente, do surgimento do “Socialismo de Mercado”, da criação do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura e da estratégia em curso de Xi Jinping.

No estudo é efectuada uma breve análise ao desempenho macroeconómico chinês, desde a China rural até os nossos dias, altura em que o país se posiciona como a segunda maior potência económica mundial, a primeira potência em termos de exportação, a que detém a maior reserva de divisas estrangeiras, o maior credor do mundo e o maior comprador de Títulos de Tesouro dos Estados Unidos da América. Explanam-se quais os fatores responsáveis pelo sucesso económico e os principais constrangimentos da sua economia atual.

Efetua-se de seguida uma análise sobre a estratégia comercial chinesa, com referência aos oito fatores responsáveis pelo sucesso económico da República Popular da China, que permitiram o lançamento da Iniciativa. Depois é efetuada uma caracterização-geral da “Uma Faixa, uma Rota” procurando-se dar uma perspectiva sobre o que é a iniciativa, que recursos detém e que meios utiliza.

Segue-se uma análise sobre os impactos da Iniciativa a nível internacional, colocando de um lado quem fortemente critica a China, apelidando toda a estratégia de “armadilha” até quem a defende e a considere uma ação que permitirá o desenvolvimento global. Nesta análise é dado ênfase à criação do Banco de Investimento em Infraestrutura, que, como multilateral, se lança num desafio a instituições como o Banco Asiático de Desenvolvimento e o Banco Mundial. É dada nota dos países membros de que se destacam naturalmente a China, mas também a Alemanha, a França e a Índia.

Aborda-se de seguida os impactos que a Iniciativa tem tido nos Países de Língua portuguesa, com exceção do Brasil.

Nesta abordagem é feita menção a vários investimentos feitos pela China nos países de língua portuguesa tal como os principais projetos que aí se implementaram. Aproveita-se para dar nota de intervenções públicas de várias personalidades sobre o tema.

Termina-se fazendo uma caracterização do Sector Metalúrgico e Eletromecânico de Portugal, apurando-se as questões estruturais dos subsectores, as suas capacidades e experiência, para que num outro momento do estudo, numa situação mais avançada, se possa efetuar o cruzamento de informação entre a Iniciativa chinesa e o Sector Metalúrgico e Eletromecânico e assim se apurarem as reais potencialidades para Portugal vir a participar na Iniciativa.

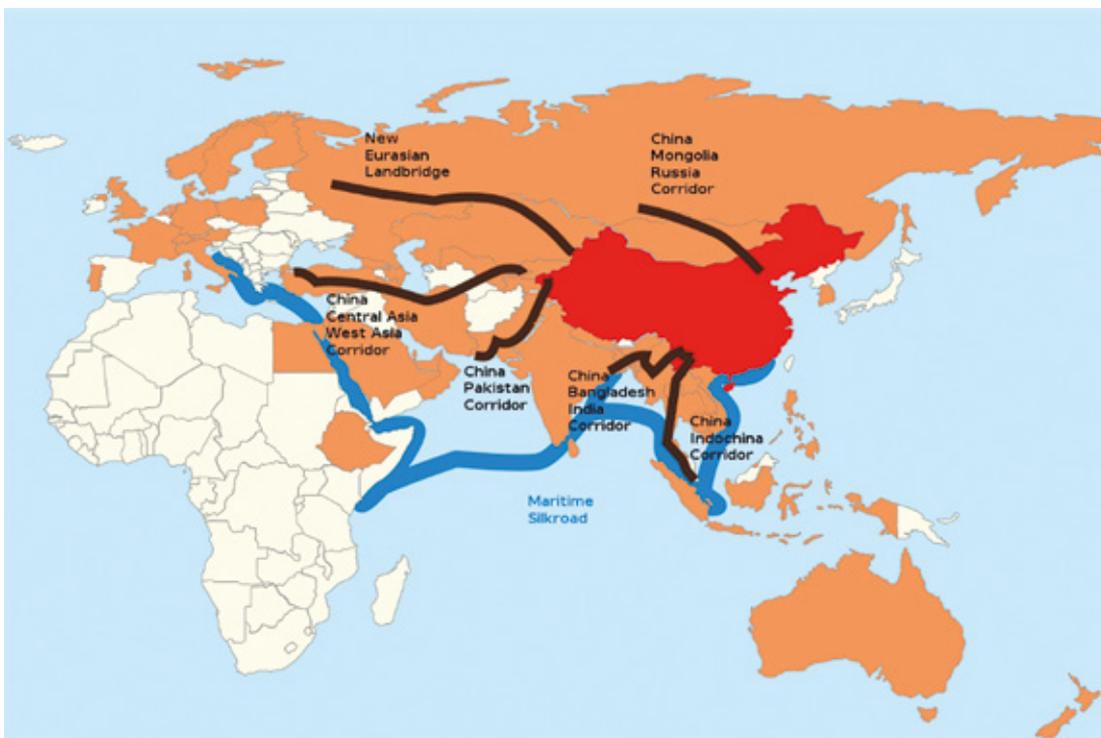
## PARTE II

Iniciando um segunda parte do Estudo, é feita uma apresentação sobre os sectores e projetos para os quais concorreu a Iniciativa, procurando-se dar uma informação breve, mas o mais atualizada possível, sobre os projetos de que há conhecimento público. Descreve-se o projeto (data de início, objeto, data de conclusão) e ilustra-se, sempre que possível, com uma fotografia.

Aborda-se de seguida o tema da origem dos financiamentos para a Iniciativa, abordando-se a questão do multilateralismo, quer no conceito clássico, quer analisando como os chineses o abordam. Neste ponto é dado destaque ao papel do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII), não só por ser uma entidade recente, mas pelo facto de poder ter um importante desempenho no financiamento de projetos.

De seguida aborda-se o tema “China no Mundo” pela importância que a geoestratégia desempenha ao nível do relacionamento internacional. São abordadas neste capítulo, entre outras, as tensões políticas, o resfriar e aquecer de relações, o porquê de determinadas posições, a manutenção de políticas agressivas (EUA), os embargos, as dificuldades (da UE) em se expressar a uma só voz, a importância da crise financeira americana, o mudar de estratégias por parte da China, o reconhecimento de uma potência histórica.

Para explicitar estas questões abordam-se as relações da China com os Estados Unidos, da China com a Índia e Paquistão, da China com a União Europeia e finalmente da China com Portugal.



### PARTE III

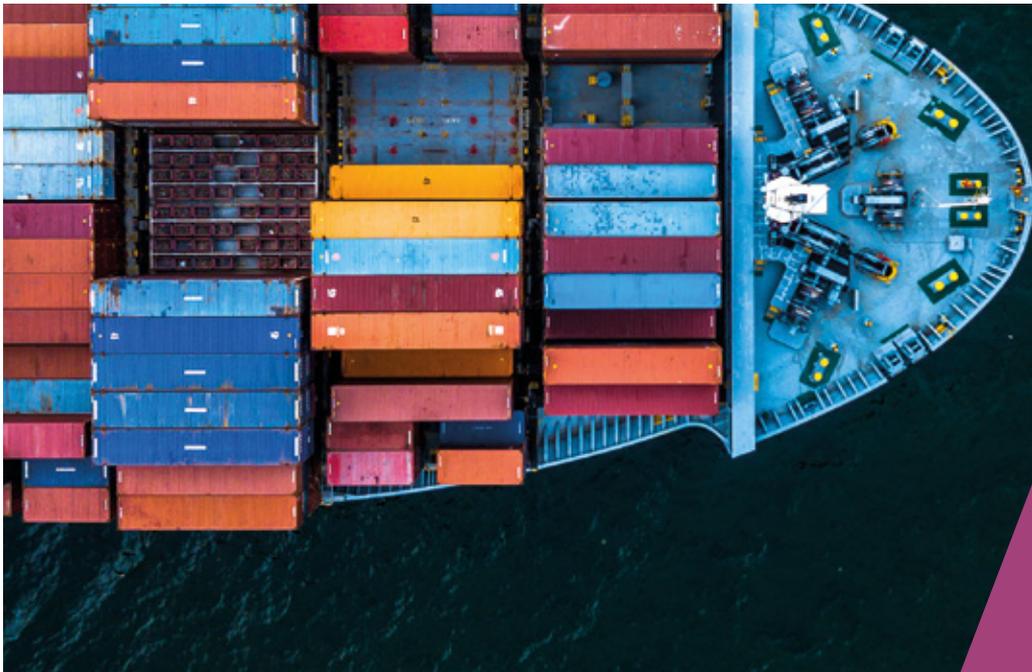
Nesta parte do Estudo trabalham-se no fundamental seis grandes temas. Começa-se pela abordagem da capacidade que as empresas portuguesas têm vindo a demonstrar no processo de internacionalização da economia portuguesa demonstrativa do potencial que têm para trabalhar em novas geografias.

Segue-se uma abordagem à estratégia de Portugal para com a China, onde se aborda a questão do Terminal Vasco da Gama em Sines e a questão da introdução da tecnologia 5G. Neste tema aborda-se ainda a desejável cooperação entre a China-Portugal e os Países Terceiros dando destaque ao posicionamento de Macau na problemática e aos Fundos que gere.

No tema seguinte trata-se da questão da identificação dos sectores em Países Terceiros que poderão vir a ser “trabalhados” pelas empresas portuguesas do sector e é precisamente sobre estas a que é dedicado o capítulo seguinte. Nesse ponto abordam-se as oportunidades e os incentivos à envolvimento das empresas no “Uma Faixa, Uma Rota”.

Os dois capítulos seguintes são dedicados à China. Neles abordam-se as formas de trabalhar com as entidades chinesas tendo como base as experiências tidas por empresas de cultura ocidental dando-se destaque à forma de iniciar relações de trabalho e os estilos de negociação a utilizar. Trata-se ainda com algum detalhe o protocolo cultural, indo-se desde o comportamento a ter nas reuniões até à forma de vestir e se apresentar.

Finalmente são apresentadas algumas conclusões e recomendações.





**I. PARTE**  
**CARACTERIZAÇÃO**  
**INICIATIVA E SECTOR**

# 1. ESTRATÉGIA POLÍTICO-ECONÓMICA DA CHINA

## 1.1. A ROTA DA SEDA

A iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”<sup>(3)</sup> começou a ser conhecida por “Nova Rota da Seda”. De facto, existem similitudes que explicam tal designação.

A designação de “Nova Rota da Seda” foi dada por um geógrafo alemão de nome Ferdinand von Richthofen<sup>(4)</sup> e consistia num sistema de rotas comerciais interligadas que nascendo na China, mais concretamente na atual cidade de Xi’an percorria a Ásia Menor, Índia, Arábia, Mar Vermelho, Egipto, Leste Europeu, Crimeia, Balcãs e finalmente chegava a Veneza.

A Rota direcionava-se ainda ao Japão e Coreia por um lado e por outro à Pérsia, Repúblicas integrantes da ex-URSS e ainda a países africanos como a Somália e o Quênia.

Não é certo quando estas Rotas tiveram o seu início, mas admite-se que o seu desenvolvimento tenha sido impulsionado por Alexandre o Grande ao chegar às fronteiras de Xinjiang, já em plena China, em 329 a.C.

Nestas Rotas eram comercializados todos os tipos de produtos, particularmente a seda, a porcelana e as especiarias. A Rota, que era efetuada por caravanas e embarcações, assegurava o fornecimento de bens orientais a todo o Ocidente e constituiu-se como a maior rede comercial do Mundo Antigo.

Foi ela que propiciou a criação das grandes civilizações como o Egipto, a Mesopotâmia, a China, a Pérsia, a Índia e Roma. De facto, a Rota foi uma das maiores jornadas da História da Humanidade. A Rota mostrou-se, até ao seu declínio, muito lucrativa. Durante centenas de anos bens exóticos, novas tecnologias, exércitos conquistadores e ideias geniais viajaram ao longo da Rota da Seda. O comércio na sua zona de influência ajudou a construir e a derrotar impérios.

Ajudou a criar laços poderosos entre povos distantes. Originou a criação de poderosas famílias aristocratas e burguesas e, finalmente, motivou a descoberta e conquista de novos mundos para a Europa.

Mas porquê a designação de Rota da Seda? Na verdade, von Richthofen, conhecendo bem a China, entendeu que a seda desempenhava, na altura, um papel importante no desenvolvimento da Rota.



(3) A iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” para além de ser também conhecida como “Nova Rota da Seda” tem sido igualmente apelidada de “Cinturão e Rota”, ou simplesmente por “B&R”, ou ainda pela sigla inglesa “BRI”.

(4) Ferdinand von Richthofen designou originalmente a Rota como “Seidenstraße”, ou seja traduzindo do alemão “Rota da Seda”. Von Richthofen foi um geógrafo, cientista e viajante, de nacionalidade alemã que se deslocou à China por sete vezes, patrocinado pelo Banco da Califórnia. Von Richthofen, falecido em 1905, terá sido o primeiro europeu a conhecer e divulgar o Sistema de Rotas.

Os chineses tinham há muito tempo descoberto a forma de produzir tecidos de seda e de há muito – 600 anos a.C. – que a exportavam para a Índia e desde 114 a.C. para o Próximo Oriente. Admite-se que o apogeu do comércio da seda sob monopólio chinês tenha sido atingido por volta do ano 186 d.C na dinastia Wu-ti. A partir desta altura, várias convulsões surgiram na Ásia Central e a China perdeu o monopólio da comercialização, assim como a capacidade de “exportar” a doutrina budista e, mais tarde, o nestorianismo, que desde o início estavam associados à comercialização da seda.

O Império de Bizâncio no século VI assumia-se como o principal comercializador da seda, particularmente pela sua capacidade de exportação para mercados como a Arábia e a Índia. Nesta altura os produtos do Ocidente (tecidos de lã, coral, âmbar, etc...) eram trocados por seda, especiarias, pedras preciosas, porcelanas, ébano e pérolas.

Quando os chineses começaram os seus contactos com o mundo ocidental verificaram que a seda era muito valorizada e, por tal motivo, mantiveram durante anos o segredo da sua forma de produção. Naturalmente que a seda passou a figurar entre os principais produtos que eram transportados e comercializados pela utilização da Rota, embora já sem a China ter o monopólio da comercialização.

A Rota acabou por perder o seu vigor quando em 1498 Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, passando todo o comércio do Oriente a ser canalizado através da rota do Cabo da Boa Esperança. Os chineses, entretanto, acabaram também por perder os segredos do fabrico da seda e esta começou a ser fabricada em países de que Portugal é exemplo<sup>(5)</sup>. A Rota foi, assim, ultrapassada pelos caminhos da história, mas foi a grande Rota da antiguidade, aquela que aproximou gentes, divulgou *know-how*, edificou novas cidades e criou civilizações.

Hong Kong pretende propor a Rota da Seda como Património da Humanidade.



(5) Em Portugal, a cultura do bicho-da-seda é impulsionada pelo Marquês de Pombal que de igual modo incentivou o fabrico de tecidos de seda, implantando-se uma fábrica em Lisboa. Portugal ficava assim autossuficiente em tecidos de seda.

## 1.2. A CHINA NO SÉCULO XX

Chegámos ao século XX. A China encontra-se debilitada, quer política, quer economicamente. A dinastia imperial – a Qing – não obstante ter empreendido algumas reformas exigidas pelos intelectuais, cai em 1912, não conseguindo fazer face às sucessivas revoluções e levantamentos ocorridos.

A China entra numa nova era, a da República e a da luta política intensa entre os diversos partidos políticos. A ditadura é instituída em 1914 e exercida por Yuan Shikai que efetua diversas reformas políticas abrangendo o sistema judicial, a educação, a moeda e o sistema penitenciário. O mundo tinha entrado em guerra – Grande Guerra de 1914-1918 – e o Japão aproveita a oportunidade para provocar a China com exigências comerciais.

A China cede face às dificuldades financeiras que atravessava e Yuan Shikai restaura a monarquia na China através de uma Assembleia representativa nomeada por ele próprio. Yuan sobe ao trono mas enfrenta a contestação dos líderes militares, acabando por renunciar e morrer pouco depois. A República volta a vigorar sob a liderança de Li Yuanhong. Nova restauração da monarquia é imposta em 1917 por um chefe militar e mais uma vez, não se consegue impor.

**A China estava esfrangalhada, sem poder central, sem ser reconhecida internacionalmente, sem poder económico,** entregue aos chefes militares, os chamados “senhores da guerra”. O fim da Grande Guerra trouxe novas desilusões aos chineses. O Japão, aliado da Grã-Bretanha, vencedora da guerra apodera-se de todos os direitos que a Alemanha tinha conquistado na China, o que teve como consequência forte contestação popular interna e animosidade contra os nipónicos.

Surge na cena política o Kuomintang que se transformou pela mão de Sun Yat-sen num partido que tinha como aspiração unificar a China. Sun Yat-sen, não sendo comunista, entende que a China necessitava de aliados internacionais, para poder desenvolver-se. Assim recorreu ao apoio militar e económico da Internacional Comunista<sup>(6)</sup> que apoiava o ainda frágil Partido Comunista Chinês.

É desta ligação que emerge Chiang Kai-shek, muito próximo de Sun Yat-sen e um anti-comunista fervoroso.

As divergências entre o Kuomintang agravam-se cada vez mais e confrontos entre os partidos, incluindo ações militares ocorreram no país que continuava assim mergulhado na tensão, na depilação da economia e no agravar das condições sociais dos chineses.

A nomeação de Chiang Kai-shek para Comandante-Chefe e a morte do último senhor da guerra que tinha apoio japonês conduziu a que a China unificasse as suas regiões centrais e orientais, passando a ter como capital Nanjing.

Não obstante o Partido Comunista ter perdido muita da sua influência, ela mantinha-se em várias partes da China rural. Entre elas, Jiangxi, onde emerge a figura de Mao Tsé-Tung, que criou na província um sistema comunista que, chegou a emitir selos sob a designação de República Soviética da China.

---

(6) A Internacional Comunista, Comintern ou Komintern ou ainda Terceira Internacional foi fundada por Lenine em Março de 1919 e tinha como objetivo reunir os partidos comunistas dos diferentes países.

O exército de Chiang Kai-shek fez várias incursões de combate ao comunismo nas Províncias o que levou Mao a fugir para o norte<sup>(7)</sup>. A sua ideologia cativava os camponeses e a ele aderiram milhares de entusiastas. Mao propagava que o papel dos camponeses era, na revolução, mais importante que o papel dos urbanos e por isso com eles trabalhava, incitando-os à revolução.

Chiang Kai-shek enfrentava também um agressor externo – o Japão. O Império Japonês aumentava a sua pressão sobre a China, mantendo presença militar na Manchúria e em Shandong, estabelecendo inclusivamente um Estado fantoche na Manchúria – o Manchukuo – de que entregaram a governação ao último imperador Chinês – Puyi.

Tal não foi tolerado pela China e uma guerra entre os dois países eclodiu. A Segunda Grande Guerra, agravou ainda toda a situação da China, uma vez que o Japão invadiu o país, o que levou o governo de Chiang Kai-shek a suspender as tentativas de unificar a China e a mudar a capital de Nanjing para Chongqing.

O Japão, entretanto, ocupou a faixa costeira chinesa, o que significou ter tomado o controlo sobre os centros de produção económica e criou, à semelhança do que fez com Manchukou, outros regimes fantoches entre eles Taiwan, Nanjing e Pequim.

Naturalmente que a presença japonesa que se impunha pelas armas e persistia na política de criação de novos territórios fantoches levou Chiang Kai-shek a atenuar a perseguição ao Partido Comunista e a voltar embora, a contra gosto<sup>(8)</sup>, a colaborar com ele.

A situação só estabilizou quando os japoneses foram derrotados na Segunda Guerra Mundial e, por esse efeito, abandonaram a China o que significou que todos os territórios (incluindo Taiwan e Manchúria) foram devolvidos à soberania chinesa. Torna-se importante referir que a Manchúria foi libertada pela União Soviética, o que acabou por significar um forte apoio ao Partido Comunista Chinês, sobretudo nas zonas rurais.

Esse apoio foi de tal forma importante, que após a Grande Guerra, conduziu a uma nova luta armada agora entre o Koumitang liderado por Chang Kai-shek e o Partido Comunista de Mao Tsé-Tung.

Esta luta, sombreada pelos Estados Unidos e União Soviética, arrasou a já débil economia chinesa com uma inflação descontrolada. A situação tornou-se muito tensa e o Partido Comunista cada vez mais forte em termos militares tomava, em guerra aberta, cidade após cidade, avançado do norte para sul. Em 1949 o Partido Comunista tomava Pequim e Tiajin. Chang Kai-shek que continuava em Nanjin viu-se obrigado a vir para o sul e mais tarde para Taiwan, onde assume a liderança do exército e tenta organizar uma contra-ofensiva. Entretanto, em 1949 cede a Presidência da República a Li Zongren mantendo-se como comandante das forças militares. A 1 de Outubro de 1949 Mao Tzé-Tung proclama em Pequim, na célebre Praça de Tian'anmen, a República Popular da China.

(7) Esta página da China ficou conhecida por "A Longa Marcha".

(8) Chiang Kai-shek chegou a ser preso por Zhang Xueliang, marechal do exército favorável à colaboração entre o Kuomintang e o Partido Comunista Chinês e só foi libertado após ter aceitado que essa colaboração era favorável à desocupação por parte dos japoneses.

Chang Kai-shek ainda volta à China continental, proclamando Chianqing capital da República e mais tarde à cidade de Chengdu. Os seus intentos não têm êxito pois não consegue virar o rumo à história. Volta para Taiwan após a queda de Chengdu e nesta ilha prossegue a sua luta, assumindo-se como presidente da República da China.

Estamos nos finais de 1954, Mao-Tsé Tung, na qualidade de Presidente do Comité Central do Partido Comunista Chinês<sup>(9)</sup>, proclama-se 1º Presidente da República Popular da China cargo que ocupa até Abril de 1959<sup>(10)</sup>, mantendo-se como Presidente do Comité Central do Partido Comunista até 1976, altura da sua morte.

A governação de Mao marcou o século XX. Idolatrado por uns, odiado por outros, Mao exercendo o poder de forma férrea, uniu a China<sup>(11)</sup>, derrotou os seus opositores e impôs uma Reforma Agrária dividindo as terras dos latifundiários por comunas populares. Mao fechou o país em termos económicos, impondo sérias restrições ao comércio internacional. Porém, duplicou a população estudantil, melhorou as condições de saúde do povo, aboliu o desemprego e venceu a inflação.

Em termos internacionais Mao tornou-se um defensor da Revolução Mundial – enviou forças militares para a Coreia e para a Indochina e deu grande apoio aos comunistas da Birmânia, do Camboja e a forças libertadoras do colonialismo em África. Tornou-se um aliado da União Soviética até Josef Staline falecer. **A China começava a deter uma importância no mundo mais pela força ideológica do que pela força económica e comercial.**

Mao, é porém, acusado de não ter defendido o seu povo, que vivia em condições deploráveis, com fome e sem habitação condigna. Mao é acusado de ter provocado mortes em massa decorrentes da sua política de combate férreo aos seus opositores e às ordens religiosas.

Só por volta dos finais dos anos 50, início dos anos 60, Mao iniciou uma campanha para a industrialização do país, tendo por base a associação à coletivização agrícola. Não foi porém muito bem sucedido, embora tal tivesse provocado um aumento significativo das áreas cultivadas e da produção em geral. Na época, a China foi assolada por secas e inundações e perdeu o apoio técnico e tecnológico soviético ao romper as relações com a União Soviética<sup>(12)</sup>. A China enfrentou ainda um grande problema de distribuição ao **não ter capacidade em transporte ferroviário.**

Já na década de 1970 por influência do seu primeiro-ministro da altura, Zhou Enlai, também Vice-Presidente da República Popular da China, começam a ser abertas as portas da China. A política económica vira-se de vez para o desenvolvimento e para o fim do isolamento chinês.

---

(9) Tinha sido proclamado para este cargo em Julho de 1945.

(10) Na China compete ao Comité Central exercer a governação do País. Decorrente desse facto a Presidência da República foi exercida durante a governação de Mao por figuras do partido que tiveram de acordo com a Constituição chinesa, apenas poderes cerimoniais. Esta situação mudou em 1993, altura em que o mais alto dirigente do partido era igualmente Presidente da República. Sucederam-se a Mao na Presidência do país Liu Shaqi (1959-1968), Li Xiannian (1983-1988), Yang Shangkun (1988-1993), Jiang Zemin (1993-2003), Hu Jintao (2003 a 2013) e finalmente o atual Presidente Xi Jinping.

(11) Não conseguiu, porém, tomar Taiwan que permaneceu governada por Chang Kai-shek, nem juntou a si territórios dominados por potências estrangeiras como Hong Kong e Macau.

(12) Este rompimento teve origem nas divergências geoestratégicas dos dois países, situação que foi acentuada quando a China decidiu contestar as fronteiras entre os dois países, reivindicando território. Tal conduziu, já em 1969, a graves confrontos armados entre os dois países e em consequência a uma paradoxal e progressiva viragem na política externa de Pequim. As relações entre a China e a União Soviética não mais foram retomadas, mantendo-se ao longo dos tempos, a divergência das suas políticas internas e externas.

O Presidente Mao recebe em Pequim o Presidente dos Estados Unidos da América em 1972 e David Rockefeller tece altos elogios a Mao, que falece em 1976. Os Estados Unidos e a China, embora por razões diferentes, acordam tacitamente no combate ao poderio militar da União Soviética e aquele contribui de forma decisiva para a integração da China na comunidade internacional. A China acaba por ser membro, anos mais tarde, da OMC, do Conselho de Segurança das Nações Unidas e membro do G20.

A China, ainda sob o comando de Mao tinha começado uma nova política de crescimento e abandonava de vez o isolamento.



**A ESTABILIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA CHINESA**

É a partir de 1978 que a China inicia pelas mãos de Deng Xiaoping uma série de reformas<sup>(13)</sup> na estrutura socioeconómica do País, promovendo a liberalização económica em zonas do país e instaurando a concorrência. De facto, incrementou-se uma política que reduzia o papel da ideologia na economia, embora se pretendesse não abandonar os ideais comunistas antes e pelo contrário, pretendia-se melhorar a eficácia deste sistema. Na verdade, o objetivo foi aumentar o desempenho dos mercados e reduzir o papel do Estado – a planificação central, embora não abandonando esta.

(13) Deng Xiaoping torna-se em 1978 líder do Governo Chinês, das Forças Armadas e do Partido Comunista Chinês.

A China fez nesta altura esforços intensos para exportar, vendo nessa medida uma forma de obter meios de pagamento sobre o exterior e tendo sucesso, começa a modernizar-se tecnologicamente e a produzir em massa. Estes acontecimentos permitiram ao país o aumento da oferta dos produtos alimentares, de outros bens de consumo e criava um clima de dinamismo e novas oportunidades.

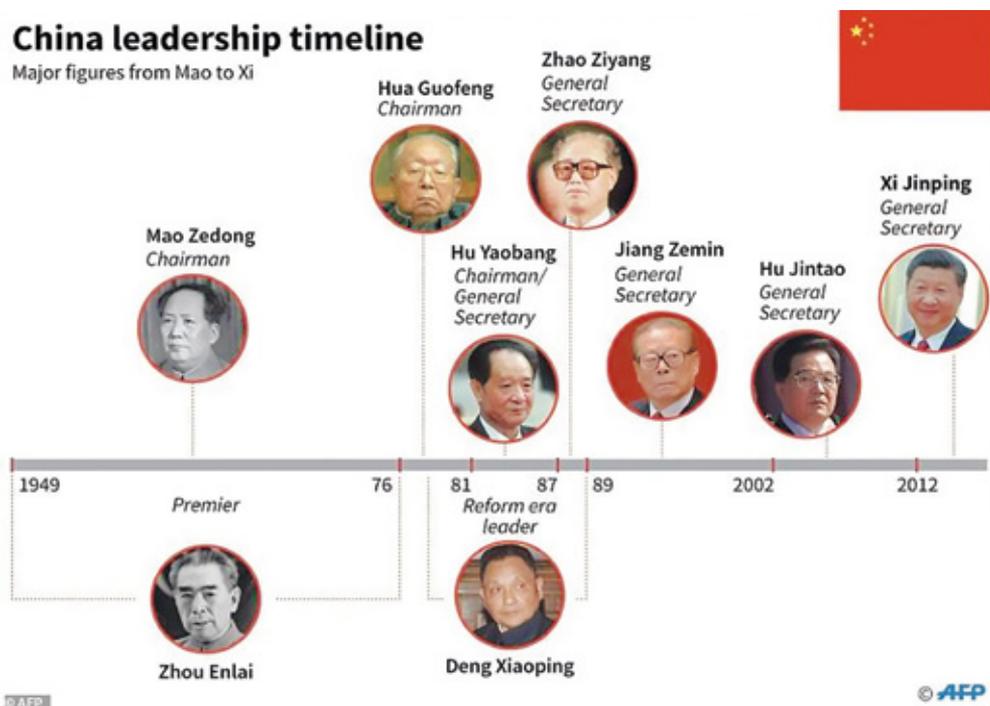
A China<sup>(14)</sup> atingia indicadores económicos nunca antes alcançados. O PIB crescia a uma média anual de 10% acelerando a média anterior entre 1960 e 1977 que se situava nos 3,3% e o PIB per capita crescia quase 10 vezes, dando um salto significativo em termos de Índice de Desenvolvimento Humano que passou de um valor de 0,499 em 1990 para 0,761 em 2019.

De acordo com dados publicados ainda pelo PNUD a China reduziu de 1990 a 2002 a população que vivia com um rendimento abaixo de 1 dólar em cerca de 400 milhões de pessoas. A alteração do sistema de produção induziu a uma deslocação das populações rurais para a cidade. A população urbana que representava cerca de 18% da população passou em 2006 a representar 44%. Em simultâneo, o Governo Chinês continuou a conter a inflação que se situava na ordem nos 6%/ano.

A China passou a figurar entre as economias com maior crescimento e maior estabilidade de preços, apenas ultrapassada por Singapura e por conseguinte superior a países como a Coreia, Hong Kong, Japão e Índia.

## China leadership timeline

Major figures from Mao to Xi



(14) Os dados publicados a partir dos números oficiais chineses são contestados por alguns analistas. Carlos Murphy denuncia tal facto em "Is China cooking the books?" num artigo publicado em Maio de 2013, no sítio "Alternative Economic World Press". Consultar <https://alternativeeconomics.wordpress.com>. Seja como for os dados apresentados neste trabalho são dados oficiais publicados por instituições internacionais de referência (Banco Mundial, Nações Unidas, FMI, etc.).

### 1.3. A ESTRATÉGIA COMERCIAL DA CHINA

Marcelo Nonnemberg, chefe do IPEA – Instituto de Pesquisa Económica Aplicada, de São Paulo, considera existirem oito fatores responsáveis pelo sucesso económico da República Popular da China, sem que nenhum deles possa ser apontado como principal:

- A liberalização do sistema de formação de preços que deixaram de ser fixados centralmente pelo Governo. Tal conduziu a um incremento significativo na produtividade rural;
- A liberalização do Comércio Exterior, ou seja o comércio internacional deixou de depender do planeamento central e o comércio com o exterior deixou de ser feito exclusivamente por entidades ou empresas do Estado. Em Dezembro de 2001, a China cumpria normas internacionais e, por essa, razão passou a figurar ente os países na Organização Mundial de Comércio;
- A criação de Zonas Económicas Especiais (ZEEs). Foram criadas, no início, no sul do país quatro ZEEs: Shenzhen, Zhuhai, Shantou (Província de Guangdong, perto de Hong-Kong) e Xiamen (Província de Fujian, no estreito de Taiwan). A criação destas zonas foi considerado um êxito pois permitiu, por exemplo, alargar a produção industrial de Hong Kong, criou emprego e escoou a produção da antiga colónia britânica. A partir de 1984 foram criadas 14 novas ZEE'S;
- A existência de muita mão-de-obra rural com baixos salários. Estima-se que, entre 1978 e 2006, o número de trabalhadores urbanos tenha aumentado em 200 milhões de pessoas. Considerando-se que os salários cresceram em média 11% ao ano e que houve um elevado aumento de produtividade, é certo que o custo unitário de trabalho se reduziu;
- Ausência de proteção à propriedade intelectual. As empresas estrangeiras investidoras eram obrigadas a ter um parceiro local. Isso conduziu a que esse parceiro se apropriasse com facilidade dos “segredos” de produção e em paralelo formasse a sua própria empresa, comercializando o produto final a preços mais competitivos;
- O tamanho gigantesco da população chinesa<sup>(15)</sup>, favorecendo as economias de escala na industria e tendo grande impacto nos custos de produção. Exemplos são a China ser o maior fabricante mundial de televisões e ter indústrias com produções elevadíssimas como por exemplo, aço, cimento e veículos pesados;
- O crescimento do Investimento Externo no País de forma acelerada beneficiando de incentivos dados pelo Governo chinês: fiscais, terrenos, edificações, infraestruturas de transporte, energia, centros de pesquisa, etc. A localização das ZEE's permitiu o alastramento rápido de métodos e processos tecnológicos para o exterior das ZEE's, contribuindo de forma muito relevante para o desenvolvimento económico chinês;
- Políticas de incentivo à inovação e à transferência e geração de ciência. A China, até à entrada na Organização Mundial de Comércio, obrigou as empresas investidoras a realizarem a transferência de tecnologia, e a investirem em centros de investigação e desenvolvimento. Tal, naturalmente, veio a capacitar em muito, o país.

---

(15) A população chinesa é de 1,4 mil milhões de pessoas.

## Zonas económicas especiais



É nestes fatores que assenta a estratégia comercial da China. De facto, estes acontecimentos con-substanciam uma série de alterações de índole económica e política. A China passa de um país historicamente rural (mas não nos esqueçamos que a pólvora, a seda e o papel “nascem” na China), historicamente comerciante de que a **Rota da Seda** é um exemplo enorme, e isolado, para um país tendente a abrir cada vez mais a sua economia.

É curioso verificar que, por comparação aos Estados Unidos da América, “campeões da globalização” que acreditavam que quanto mais abertas ao mundo fossem as economias mais os Estados Unidos lucravam, e uma China fechada, assistiu-se nos últimos anos a uma viragem desta página.

Se é verdade que a China ainda não abriu a sua economia a muitas áreas não deixa de ser verdade que a China avançou no processo de globalização e de acordo com o Presidente Xi Jiping deve manter este rumo<sup>(16)</sup>, enquanto que os Estados Unidos sob a liderança da Administração Trump prosseguiu uma política de criação de “muros” e desemparelhamento particularmente com a China.

A estratégia comercial chinesa teve os seus princípios na produção em massa e conquista de novos mercados através de preços muito competitivos e de uma política de apoio e financiamento aos países de economias mais frágeis, mas ricos em recursos. Hoje, embora esta componente se mantenha com vigor, a questão da produção em massa está a ser substituída pela produção de bens e equipamentos com incorporação científica e tecnológica avançada. A isso não são estranhos dois fatores: por um lado, a criação das Zonas Económicas Especiais e, por outro, a transferência obrigatória de tecnologia.

(16) A defesa da Globalização feita pelo Presidente Xi Jiping em 2007 na Conferência de Davos pode ser garantia do prosseguimento desta filosofia.

É interessante verificar que, em paralelo, muito foi investido na Educação e na criação de Centros de Pesquisa e Investigação de que é exemplo o Instituto de Aprendizagem Profunda<sup>(17)</sup>, acrescentando-se que são licenciados anualmente, na área da tecnologia, cerca de 9 milhões de jovens. Em complemento milhares de estudantes chinesas frequentam as universidades de maior prestígio, quer nos Estados Unidos, quer na Europa.

A China, em termos estratégicos, pretende manter-se como um parceiro que colhe frutos decorrentes das regras internacionais de comércio, ditadas pela OMC. O antigo Secretário de Tesouro dos Estados Unidos da América, Hank Paulson<sup>(18)</sup>, um amigo da China, considera que as empresas chinesas “desfrutavam de melhores condições de concorrência fora da China do que aquelas que a China disponibilizava às empresas estrangeiras a operar no seu território”.

Esta situação só por si tem vindo a trazer enormes vantagens à China mas, constitui um motivo de confronto, particularmente com o mundo ocidental. A própria União Europeia mostra-se confrontada com a agilidade da China. Margrethe Vestager, Comissária Europeia para a Concorrência, chega a exortar os governos a assumirem participações nas empresas estratégicas, por forma a impedir que a China aproveite as turbulências dos mercados e as adquira a preços baixos.



(17) Aprendizagem Profunda são aplicações baseadas em Inteligência Artificial e Computação Cognitiva, que permitem executar ações com maior eficiência e muito menos esforço.

(18) Hank Paulson criou o Instituto Paulson, que se dedica a “estimular uma relação entre os Estados Unidos e a China que sirva para manter a ordem mundial num mundo em rápida transformação”.

O comércio externo é factor estratégico na economia e é um pilar na “lei do socialismo de mercado”<sup>(19)</sup>. É considerado um bem público, assente no equilíbrio entre políticas públicas, sector público empresarial, interesses empresariais privados nacionais e internacionais. É esse equilíbrio de políticas que, em última instância, assegurará o sucesso da economia. A política comercial, os investimentos globais, o “Uma Faixa, Uma Rota”, de que falaremos adiante, e o relacionamento com as multilaterais de desenvolvimento, serão fatores que a China está a utilizar na sua mais recente forma de atuação no plano internacional e constituem, por si só, uma alternativa ao Ocidente, pois aparentemente são caminhos mais harmónicos e equilibrados.

Movido de acordo com alguns sinólogos e entre eles Kevin Rudd<sup>(20)</sup>, é concebida em 2013 a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”<sup>(21)</sup>, que permite escoar o excesso de capacidade produtiva e assim propiciar o escoamento direto dos produtos do Oriente ao Ocidente, fomentando a construção de infraestruturas, o abastecimento de energia para o consumo interno, o comércio livre, a integração financeira e a partilha cultural, sempre num clima de paz e coexistência pacífica entre os povos consolidando as relações entre os estados particularmente os vizinhos. Essa iniciativa é inserida no 13º Plano Quinquenal, iniciado em 2016 e em vigor até ao final de 2020.

É ainda de assinalar que em 2015, por proposta da China, é criada uma nova instituição multilateral de financiamento – o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, considerado como um desafio aos Bancos já instituídos como o Banco Mundial e o Banco Asiático de Desenvolvimento.

Portugal é membro desta Instituição desde 8 de Fevereiro de 2017, tendo 0,2519% do seu capital. O Banco tem como objetivo central o desenvolvimento económico e a prosperidade do continente asiático, visando o financiamento das infraestruturas do futuro.

A estratégia económica chinesa continuou de sucesso em sucesso. Hoje a República Popular da China é a segunda maior potência económica mundial e a primeira potência em termos de exportação. Acresce que a China é hoje detentora da maior reserva de divisas estrangeiras e é, de acordo com o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos (Outubro 2019) o maior comprador de Títulos de Tesouro dos Estados Unidos da América<sup>(22)</sup>.

Mas vejamos alguns detalhes do sucesso chinês. De acordo com os dados publicados pelo Banco Mundial o PIB chinês passou de 1,2 biliões de dólares em 2000 para 11,1 biliões de dólares em 2015 esperando-se que, de acordo com as estatísticas publicadas pelo Fundo Monetário Internacional de Outubro 2020, atinja em 2022, não obstante os efeitos da pandemia, os 18 biliões de dólares.

---

(19) Socialismo de Mercado é uma das expressões, cada vez mais em voga, para tentar definir o regime chinês. Outras serão “Socialismo com Características Chinesas”, “Capitalismo de Estado”, “Economia de Mercado não Capitalista”, “Capitalismo Confucionista”, ou ainda “Capitalismo do Rio Amarelo”.

(20) Kevin Rudd, dada a sua condição de líder do Partido Trabalhista Australiano foi, por duas vezes, 1º Ministro da Austrália (saiu em Setembro de 2013) e é dado como sendo um profundo conhecedor da história da China.

(21) É interessante notar que em Abril de 2021 é publicada uma entrevista com o Presidente do Centro de Investigação e Desenvolvimento Económico “Uma Faixa, Uma Rota”, sitiado em Hong Kong, onde este afirma que a iniciativa arrancou “com a ideia da partilha cultural antes de avançarmos para a área de negócios”.

(22) A China detém em Títulos de Tesouro dos Estados Unidos 1,113 mil de USD. O segundo maior comprador é o Japão com 1,064 mil milhões de USD. Seguem-se Brasil, Reino Unido e Irlanda.

Os dados macroeconómicos mais recentes são explanados no quadro seguinte<sup>(23)</sup>, onde também já são apresentadas algumas projeções do FMI – Fundo Monetário Internacional:

INDICADORES ECONÓMICOS DA RP CHINA					
DESCRITIVO	ANOS				
	2018	2019	2020	2021	2022
PIB (Crescimento anual em %, a preços constantes)	6,8	6,1	1,9	8,1	5,6
PIB <i>Per Capita</i> (em USD)	9	10	10	11	12
Saldo da Balança de Pagamentos (% do PIB)	-4,5	-5,9	-10,2	-10,9	-10,3
Dívida Pública (% do PIB)	48,8	52,6	61,7	66,5	71,2
Índices de Inflação (%)	2,1	2,9	2,9	2,7	2,6
Taxa Desemprego	3,8	3,6	3,8	3,6	3,6
Balança de Transações Correntes (% PIB)	0,2	1	1,3	0,7	0,6

Notas: Os anos de 2020 a 2022 são estimativas do FMI revistas em janeiro 2021

O quadro reflete já os efeitos da pandemia COVID-19 que afeta o desempenho económico de 2020 onde o PIB cresce mas desacelera (de 6,1% em 2019 para 1,9% em 2020), recuperando no entanto, e de acordo com as estimativas do FMI para 8,1% já no ano de 2021<sup>(24)</sup>. Nos restantes indicadores verifica-se estabilidade. É, no entanto interessante verificar que a nova economia digital e o empreendedorismo têm contribuído de forma interessante para atenuar os efeitos da pandemia senão melhorar alguns dos indicadores chineses.

De acordo com as estatísticas do Banco Mundial, a repartição da atividade económica por sector era a que se apresenta no quadro seguinte. Nele constata-se o ainda forte peso do emprego na agricultura, a débil partição em termos do Produto e a importância que os serviços em % do PIB, já vão tendo.

DIVISÃO DA ATIVIDADE ECONÓMICA POR SECTOR (%)			
DESCRITIVO	AGRICULTURA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS
Emprego	24,7	28,2	47,1
Em % do PIB	7,1	39	53,9

Fonte: Banco Mundial

Mas, a China continua a sua rota e não se prevê que o novo Plano Quinquenal possa alterar o seu rumo.

(23) A fonte da informação é o Fundo Monetário Internacional, World Outlook Database (Outubro de 2020) citado por santadertrade.com

(24) É interessante referir que as previsões do FMI para o mundo são as de uma contração da economia em 4,9%.

De acordo com os estudos feitos recentemente o grande desafio da China, tal como o de toda a humanidade, é combater os impactos negativos decorrentes da pandemia, particularmente no que diz respeito à economia e à sociedade. A China para combater tais impactos negativos<sup>(25)</sup> está a levar em curso uma série de medidas de estímulo ao consumo, através da distribuição pela população de vales de compras (vales-refeição, vales para aquisição de equipamentos informáticos, vales para as pessoas em situação precária, vales para atividades culturais e de turismo e vales para aquisição de automóveis).

É, assim, declarado pelo governo chinês que o consumo das famílias é de extrema importância para permitir que a economia chinesa retome e prossiga o seu rumo, ou seja, só o consumo estará em condições de estimular a produção, manter a estabilidade do mercado de emprego e aumentar os rendimentos disponíveis das famílias.

Para além dos efeitos provocados pela pandemia e não obstante as medidas tomadas para mitigar os impactos socioeconómicos a China enfrenta problemas específicos, de que o *Santander Trade Markets*, salienta:

- O envelhecimento da população e os seus efeitos ao nível da diminuição da força de trabalho;
- A falta de abertura política;
- A falta de competitividade de uma economia dependente do investimento maciço e da expansão do crédito;
- As dissimetrias entre o interior o litoral e dissimetrias entre a população urbana e rural;
- A existência de 43 milhões de pessoas com rendimento inferior a 1 USD por dia.

Seja como for, e citando Bernardo Salgado Rodrigues (Univ. Federal Rio Janeiro, especialista em Geopolítica), o facto é que o **sistema internacional nunca mais será o mesmo após o ressurgimento chinês**, e compreender tal facto é o primeiro passo para a formulação de políticas de qualquer Estado.

---

(25) Tonchev, Plamen no jornal "The Diplomat" de Tóquio afirma que a taxa de desemprego urbano na China é superior a 6,2% e que o confinamento terá causado mais de cinco milhões de desempregados.

## 2. INICIATIVA “UMA FAIXA, UMA ROTA”

### 2.1. CARACTERIZAÇÃO

A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” poderá contribuir para mitigar os efeitos negativos de alguns dos problemas que a China enfrenta na atualidade, uma vez que um dos seus objetivos é permitir o desenvolvimento de algumas regiões da China ainda não atingidas pelos efeitos das medidas tomadas, contribuindo-se assim para erradicar a pobreza e melhorar as questões ligadas aos cuidados de saúde, segurança social e educação. Por outro lado, pretende-se que a China passe a produzir bens com cada vez maior valor acrescentado e a “Faixa” já trouxe e vai reforçar o investimento orientado para a pesquisa científica e para o avanço tecnológico.

#### MAS O QUE É A INICIATIVA? QUE RECURSOS DETÉM? QUE MEIOS UTILIZA?

“Uma Faixa, Uma Rota”, é um plano estratégico de desenvolvimento que consiste na criação de corredores económicos rodoviários e marítimos que ligarão a China ao Sudeste Asiático, à Europa e à África. Estes corredores abrangem a construção e reabilitação de infraestruturas como as ferroviárias, a energia, os oleodutos, os portos, os transportes, as comunicações e telecomunicações e os gasodutos e irão, como já vimos, servir de motor para o desenvolvimento de algumas regiões da China e propiciar o desenvolvimento tecnológico do país.

A foto que se apresenta nesta página ilustra o que poderão ser tais corredores. Trata-se, pois, de uma nova visão da antiga “Rota da Seda” a qual, como já vimos, era igualmente constituída por um conjunto de rotas marítimas e depois terrestres que alimentavam as transações comerciais entre Ásia, Europa e África.

Com esta iniciativa a China procura estabelecer ligações com regiões nevrálgicas que lhe permitam fazer face a problemas internos ao mesmo tempo que cria condições para a expansão dos seus grandes grupos económicos e para reduzir a dependência da sua economia das exportações.



“Uma Faixa, uma Rota” é, pois uma iniciativa de cariz económico-comercial fundamentalmente estratégica com reflexos ao nível político, económico e social e que induz, de acordo com o que é afirmado pelo governo chinês, o desenvolvimento e crescimento de todos os países participantes.

A iniciativa tem cativado progressivamente os países que abrange direta e indiretamente. Em 25 de Abril de 2019 e não obstante a oposição dos Estados Unidos da América, 125 países no mundo tinham já assinado acordos com a China no âmbito da iniciativa.

Conforme nos diz a Dr.<sup>a</sup> Anabela Rodrigues Santiago da Universidade de Aveiro, “O objetivo máximo da estratégia é a conectividade Ásia-Eurásia essencialmente, mas também Ásia-África. A conectividade cobre cinco principais áreas de interesse:

- A coordenação política;
- A construção de infraestruturas (que passa muito pela construção de autoestradas e de caminhos de ferro de bitola padrão);
- O comércio livre com a livre circulação de bens e serviços e a harmonização de normas alfandegárias (harmonização de códigos pautais e das leis da tributação a nível internacional);
- A integração financeira;
- A partilha cultural.”

Já referimos anteriormente a China pretende, à semelhança do que era a Rota da Seda, ter como meta criar corredores que permitam fluxos mais rápidos para o fornecimento de produtos do Oriente ao Ocidente mas, como sempre afirma, regendo as suas relações pela coexistência pacífica entre os povos e pelos princípios de igualdade, respeito e obtenção de benefícios mútuos.

Nos dias de hoje, a iniciativa é a ação mais importante que a China conduz em termos de política externa e, como tal, ela é defendida e publicitada pela cadeia diplomática do País.

Vejamos então como é que a iniciativa foi definida em 2015 pelo embaixador da China em Portugal, Huang Songflu:

*“Uma Faixa, Uma Rota atravessa os continentes da Ásia, da Europa e de África, faz a ligação do círculo mais dinâmico da Ásia Oriental ao círculo mais desenvolvido da Europa e abrange vários países com enorme potencial para o desenvolvimento económico. A população destes espaços totaliza cerca de 4,4 mil milhões e reúne um volume económico de 21 mil milhões de dólares, o que faz representar, respetivamente, 63% e 29% do mundo inteiro.*

*“Uma Faixa” liga principalmente a China, a Ásia Central, a Rússia e a Europa (o Mar Báltico) com o Golfo Pérsico e o Mar Mediterrâneo, através da Ásia Central e do Oeste, bem como com o Sudeste e ao Sul da Ásia e o Oceano Índico, enquanto “Uma Rota” é projetada da costa chinesa à Europa através do Mar do Sul da China, do Oceano Índico e do Pacífico Sul, através do Mar do Sul da China. Sendo a continuação do espírito da Rota da Seda, “Uma Faixa, Uma Rota” proporcionará ao mundo um caminho de paz e amizade na promoção de entendimento, confiança e intercâmbios. O Governo chinês espera que, através desta iniciativa caracterizada pela confiança política mútua, integração económica e inclusão cultural, os países participantes possam realizar as cooperações pragmáticas em todas as áreas e construir uma comunidade de interesses, destino e responsabilidades compartilhadas.(...)”*

A iniciativa iniciou-se em 2016 com a entrada em vigor do 13º Plano Quinquenal do Partido Comunista Chinês que vigorou até 2020.

Entrámos em 2021. Alguns dos objetivos do Plano não foram conseguidos pois este contemplava a erradicação da pobreza em todo o território chinês. Não sabemos o que de novo trará o 14º Plano Quinquenal, mas tudo indica que dois dos seus vetores principais serão, de facto, a continuação da luta para erradicação da pobreza e a continuação da iniciativa.

No que concerne a esta, é de frisar que é desígnio da China comemorar em 2049 os 100 anos da revolução, estando nessa altura numa posição cimeira e sendo reconhecida como uma potência mundial.

## 2.2. MEIOS E RECURSOS

### REPORTEMO-NOS AGORA AOS RECURSOS ALOCADOS À INICIATIVA.

De acordo com o anunciado pelo próprio presidente chinês, Xi Jinping, a “Faixa económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do século XXI (mais conhecido como “Uma Faixa, Uma Rota”), está avaliada em 900 mil milhões de dólares” que serão financiados em grande parte pela China e pelos bancos de desenvolvimento. Mas a iniciativa não é um projeto fechado, acolhendo apenas financiamentos chineses. A iniciativa está aberta a investimentos de qualquer tipo e de quaisquer países, o que significa que para os chineses a Iniciativa possa ser considerada como uma multilateral.



Em 2014 foi criado um Fundo para a iniciativa com um capital de 40 mil milhões de dólares. Em 2017, aquando do Fórum Internacional sobre o tema, o Fundo foi reforçado com mais 70 mil milhões de dólares, 15 mil milhões do Governo da China e 55 mil milhões de dois bancos associados – o China Development Bank e o China Exim Bank. A isso acrescem financiamentos de bancos de desenvolvimento, como é o caso do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura de que atrás falámos, do Novo Banco de Desenvolvimento<sup>(26)</sup>, do Banco Mundial e do Banco Asiático de Desenvolvimento.

O Banco Asiático de Desenvolvimento, de que Portugal é igualmente membro, realizou em 2016, a pedido do próprio Governo da República Popular da China, um Estudo intitulado *“People’s Republic of China: Study of the Belt and Road Initiative”*. A China pretendia, no fundamental, analisar como se podia inserir a iniciativa nas diferentes ações que estavam a ser levadas a cabo por diferentes países. O objetivo era igualmente encontrar soluções para uma mais eficaz e eficiente ligação com a Europa.

Entre os projetos em curso, contava-se por exemplo com o *“Partnership for Quality Infrastructure”* (Japão), o *“The Eurasia Initiative”* (República da Coreia), ou ainda o *“Steppe Road”* (Mongólia). A ideia da China ao fazer o estudo era sobretudo, como se afirma nos Termos de Referência do Projeto, criar sinergias e complementaridades entre as várias ações, atendendo a que pretendem criar corredores de transporte entre as cidades e usar as zonas económicas e os parques industriais como plataformas de cooperação.

Sendo a Iniciativa uma estratégia económica e referenciada pela China como de cooperação internacional, aposta-se na instituição através de parcerias e compromissos com os países colaboradores da Ásia, da Europa sobretudo do Leste, da África e do resto do mundo.

Alguns analistas criticam o posicionamento da China nesta matéria. Referindo que a estratégia chinesa é uma armadilha para endividar ainda mais os países sem capacidade própria. Outros autores como Lauren Johnston<sup>(27)</sup> referem que não existem alternativas ou, pelo menos, estas não abundam. De facto, se um país necessita de financiamento para novas infraestruturas ou para melhorar o seu desenvolvimento, os benefícios podem superar os custos, chegando a argumentar *“...de que outra forma os países pobres poderão deixar de ser pobres?”*

## QUE MEIOS UTILIZA/OU A CHINA?

Ao longo do Estudo temos evidenciado alguns dos meios utilizados pelos chineses para terem sucesso com a iniciativa.

(26) O Novo Banco de Desenvolvimento é um banco de desenvolvimento multilateral, operado pelos Estados do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) como uma alternativa ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

(27) Lauren Johnston é consultora do Banco Mundial/Pequim.

Tentemos agora sistematizar:

- A robustez financeira que apresenta, depois de 30 anos de crescimento económico.
- A capacidade política que têm tido ao conseguir penetrar nas economias de países terceiros, através de financiamentos dirigidos para a construção e reabilitação de infraestruturas e edifícios públicos.
- A robustez das suas empresas, que conseguem entrar no capital ou ter participações nos sectores estratégicos da economia: energia, banca, atividade seguradora, transportes aéreos, imobiliário, telecomunicações, etc.
- A capacidade chinesa para, dando abertura ao capital internacional, por exemplo, criando as Zonas Económicas especiais, ter conseguido apropriar-se da tecnologia e ter tido a capacidade humana em a desenvolver.
- As políticas internas de incentivo à inovação e à transferência e geração de ciência.

Ou seja, e em resumo, a China utilizou três meios fundamentais:

- Os seus recursos humanos, aprimorados pela formação científica e tecnológica;
- A sua capacidade financeira crescente;
- A sua capacidade diplomática e política.



## 3. IMPACTOS A NÍVEL INTERNACIONAL

### 3.1. IMPACTO GLOBAL

A comunidade internacional acatou com alguma desconfiança a iniciativa chinesa, desconfiança essa liderada pelos Estados Unidos da América.

Alguns líderes políticos americanos de que se destacou o senador Marco Rubio<sup>(28)</sup> desenvolveram legislação para combater os investimentos chineses no país e, em simultâneo, restringir a transferência de tecnologia para a China. Em 2019, e sobre a iniciativa chinesa, escrevia:

*“Durante as últimas décadas, a China enganou o mundo... A China está novamente a tentar enganar o mundo, atraindo os governos estrangeiros a aderirem à sua Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” com promessas extravagantes de investimento chinês nos seus projetos de infraestrutura”.*

Como viria a escrever Kishore Mahbubani no seu livro de geoestratégia publicado em 2020, o conflito entre os Estados Unidos e a China vai prosseguir pelo menos mais uma ou duas décadas e não será o afastamento de Donald Trump da presidência americana que o irá evitar. *“Trump dividiu os americanos em todas as suas políticas, exceto numa – a guerra comercial e tecnológica contra a China”*, afirma Mahbubani.

Acontece, porém, que a China tem vindo a reforçar a sua ofensiva diplomática e, não obstante, encontrar a resistência americana, os negócios com os Estados Unidos mantêm-se como persistentes, o que leva a que alguns Governadores de alguns destes Estados mantenham todo o interesse em trabalhar com a China. Como exemplo, apontamos o Estado de Washington onde, de acordo com dados publicados, as exportações para a China, garantiram cerca de 85.000 postos de trabalho americanos e o investimento da China no Estado foi, desde 2000, de cerca de 611 milhões de dólares.

Como referimos atrás, a China criou em 2015 o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, considerado um suporte para a implementação da Iniciativa. Não obstante, algumas reações à criação do Banco, o que é certo, no início da atividade do Banco (2016) tinha 57 membros (países) fundadores. No final de 2020 tem aprovados 103 membros, que representam 79% da população global e 65% do PIB global.

A estrutura acionista do Banco, em Maio de 2021, repartida entre os países membros considerados regionais e países não regionais, era a constante da página seguinte.

---

(28) Marco António Rubio é senador pela Flórida, representando o Partido Republicano desde 3 de janeiro de 2011. Foi presidente da Câmara de Representantes da Flórida entre 2007 a 2008



### BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA - PAÍSES ACIONISTAS REGIONAIS

PAÍS	AÇÕES SUBSCRITAS (%)	PAÍS	AÇÕES SUBSCRITAS (%)
Afeganistão	0,09	Arábia Saudita	2,63
Austrália	3,81	Azerbaijão	0,26
Bangladesh	0,68	Barein	0,11
Brunei	0,05	Cambodja	0,06
Catar	0,62	China	30,78
Chipre	0,02	Coreia	3,86
Cook, Ilhas	0,001	Emiratos Árabes Unidos	1,23
Fiji	0,01	Filipinas	1,01
Georgia	0,06	Hong Kong (China)	0,79
Indonésia	3,47	Índia	8,65
Irão	1,63	Israel	0,78
Jordânia	0,12	Kazaquistão	0,75
Kyrgyz, República	0,03	Laos	0,04
Malásia	0,11	Maldivas	0,01
Mongólia	0,04	Myanmar	0,27
Nepal	0,08	Nova Zelândia	0,48
Oman	0,27	Paquistão	1,07
Russia	6,76	Samoa	0,002
Singapura	0,26	Sri Lanka	0,28
Tagiquistão	0,03	Tailândia	1,48
Timor Leste	0,02	Tonga	0,001
Turquia	2,70	Vanuatu	0,001
Uzbequistão	0,23	Vietnam	0,69

Fonte: Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

### BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA – PAÍSES ACIONISTAS NÃO REGIONAIS

PAÍS	AÇÕES SUBSCRITAS (%)	PAÍS	AÇÕES SUBSCRITAS (%)
Alemanha	4,63	Argélia	0,01
Argentina	0,01	Austria	0,52
Bélgica	0,29	Benin	0,01
Bielorússia	0,07	Brasil	0,01
Canadá	1,03	Costa do Marfim	0,01
Dinamarca	0,38	Equador	0,01
Egito	0,67	Espanha	1,82
Etiópia	0,05	Finlândia	0,32
França	3,48	Gana	0,01
Grécia	0,01	Hungria	0,10
Irlanda	0,14	Guiné Conacri	0,01
Libéria	0,01	Islândia	0,02
Itália	2,66	Luxemburgo	0,07
Madagascar	0,01	Malta	0,01
Noruega	0,57	Países Baixos	1,07
Polónia	0,86	Reino Unido	3,16
Roménia	0,16	Sérvia	0,01
Portugal	0,07	Sudão	0,06
Ruanda	0,01	Suiça	0,73
Suécia	0,65	Uruguai	0,01

Fonte: Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

Os Estados Unidos sempre se opuseram à criação desta nova multilateral. Contudo, esse país não evitou que os países seus aliados se tornassem membros. Estão neste caso a Alemanha, que detém 4,6% do Banco (o maior acionista não asiático), a França (3,5%) e mesmo o Reino Unido (3,1%).

É ainda de assinalar dois factos importantes ao olharmos as estruturas acionistas: a não entrada do Japão e a adesão de alguns países africanos como é o caso do Benin, da Costa do Marfim, da Etiópia, do Gana, da Guiné-Conacri, da Libéria, de Madagáscar, do Sudão e finalmente do Ruanda.

Saliente-se que **Angola**, um dos parceiros a par da Etiópia considerados mais importantes para a China não subscreveu, até ao momento, capital. **No que concerne a oportunidades para as empresas portuguesas é de realçar a participação de Timor Leste.**

É ainda interessante verificar a adesão importante da Índia ao Banco dada a conflitualidade existente com a China.

Um alto funcionário da Índia abordado sobre o tema referiu:

*“O Banco Mundial é dominado pelos EUA enquanto o Japão domina o Banco Asiático de Desenvolvimento. Nós não estamos a tirar dinheiro da China mas de um Banco de Desenvolvimento multilateral. Não vejo que por causa da tensão que mantemos com a China”, isso signifique mudanças estruturais no nosso compromisso com o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura.*

Ainda no que concerne à questão da Índia é relevante o que foi afirmado por Harsh V. Pant<sup>(29)</sup>, que referindo-se à Índia, lembrou que este país é um membro fundador e que detém o segundo maior número de ações do Banco. Não faria sentido, portanto, que se desligasse do Banco. O que Nova Deli deve fazer, conclui, é que sejam salvaguardados de forma muito explícita, os interesses da Índia e que seja assegurado que o Banco não sirva de ferramenta para a agenda geopolítica da China.



(29) Harsh V. Pant é professor de Relações Internacionais no King's College de Londres.

### 3.2. IMPACTO NA EUROPA

A União Europeia tem mantido para com a China, e particularmente no conflito sino-americano, um papel praticamente neutral ou de apaziguador. Não tem, assim, tomado posições claras sobre a Iniciativa, ou toma-as de uma forma pontual e algo desarticulada.

No entanto, é claro, que países como a Alemanha, a França e mesmo a Itália, ao subscreverem as ações do BAII, mostraram uma clara intenção de vir a participar em ações desenvolvidas pela China.

A Itália assinou mesmo um Memorandum de entendimento com a China, o que levou os americanos a condenarem severamente tal ato, através do porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca, Garrett Marquis.

A inclusão de Itália nos planos chineses, referiu, não vai ajudar o país a nível económico e pode prejudicar significativamente a sua imagem internacional, acrescentando *“Nós vemos a Uma Faixa, Uma Rota como uma iniciativa feita pela China e para a China. E acrescentou ainda “Estamos céticos de que o apoio do Governo italiano traga quaisquer benefícios económicos sustentáveis para o povo italiano e isso pode acabar por prejudicar a reputação global de Itália a longo prazo”.*

De acordo com o publicado por Clara Barata no jornal Público” de Março 2019 “os portos das cidades de Trieste (Nordeste) e Génova (Noroeste) podem vir a ser os maiores beneficiários de investimentos chineses, e a Pequim agrada a possibilidade de ter grande controlo sobre dois novos portos europeus, depois do Pireu, em Atenas”.

Portugal declarou formalmente apoiar a Iniciativa e, como referimos, foram efetuadas visitas presidenciais, pelos dois Países, entre si. O que se afirma é que Lisboa **quer incluir uma rota atlântica no projeto chinês, o que permitiria ao porto de Sines conectar as rotas do Extremo Oriente ao oceano Atlântico.**

Portugal, tal como a Itália, assinou o Memorandum de Entendimento da “Uma Faixa, Uma Rota”, em 2018, Memorandum esse que estabelece as modalidades de cooperação bilateral, abrangendo uma ampla gama de sectores, com destaque para a conectividade e mobilidade elétrica.”

Mas outros Países da União têm-se mostrado recetivos à Iniciativa, embora de forma mais discreta. Se atentarmos nos quadros sobre os subscritores de capital do BAII, vemos figurarem entre os acionistas a Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Grécia, Hungria, Irlanda, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Roménia e Suécia.



### 3.3. IMPACTO NA COMUNIDADE CPLP



O principal impacto ao nível da comunidade CPLP ocorreu em 2003 aquando da criação em Macau do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Tal, transformou Macau numa Plataforma de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Em 2017 foi criado um fundo denominado Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com o ob-

jetivo de promover a participação das empresas chinesas e dos países de língua portuguesa na Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”.

Este Fórum, estruturado a partir de um Secretariado Permanente, tem vindo a assumir a responsabilidade de coordenar as ações nos Países de língua portuguesa. Hoje, o Fórum é um instrumento para a divulgação da Iniciativa e, para atingir esse fim tem vindo a organizar diversas ações de promoção e divulgação. É exemplo o facto de, na cerimónia de abertura da 5ª Conferência Ministerial do Fórum, que decorreu em Macau, em Outubro de 2016, Chui Sai On, Chefe Executivo do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, ter referido que *“O objectivo do Fórum de Macau e a lógica subjacente à estratégia “Uma Faixa uma Rota” são semelhantes. Os países participantes podem aproveitar as oportunidades trazidas por esta estratégia para aprofundar as interconexões e desenvolver uma cooperação pacífica e de benefícios mútuos”*. Aliás, quando Macau elaborou pela primeira vez o Plano de Desenvolvimento Quinquenal, foi fixado que a prioridade era a participação de Macau na estratégia “Uma Faixa, Uma Rota” e a construção da *“Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”*. Torna-se, pois evidente a preocupação da China para com os países lusófonos.

#### CADEIA DE VALOR GLOBAL DA CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Angola; Brasil; Moçambique; Cabo Verde;  
Guiné Bissau; São Tomé e Príncipe; Timor-Leste*

*China; Macau*

*EU; Portugal*

*Cadeia de Valor de Elevado Potencial*

De acordo com o que nos informa Fernanda Ilhéu<sup>(30)</sup> **“Durante a 5ª Conferência Ministerial várias medidas de apoio foram anunciadas por Li Keqiang<sup>(31)</sup>:**

*“...concessão aos países membros do Fórum de Macau em África e Ásia de USD\$300 milhões de empréstimos em condições preferenciais para serem aplicados no reforço da capacidade produtiva dos países beneficiários e para reforçar a cooperação na construção de infraestruturas e de mais USD\$300 milhões para apoiar projectos que visem o bem-estar das populações nomeadamente agrícolas, de prevenção e combate à malária e de pesquisa de medicinas tradicionais. Foram também anunciadas medidas de apoio à saúde materno infantil, 2000 vagas de formação em diversas áreas e 2500 bolsas de estudo. Foi ainda anunciado o perdão de 500 milhões de RMB de dívidas já vencidas de empréstimos.*

*Nesta Conferência as iniciativas complementares de uma Faixa Uma Rota a ‘Cooperação na Produção Industrial’ e a ‘Cooperação em Mercados de Terceiros Países’ foram estimuladas com os anúncios respetivamente de que “O Governo da China irá promover ativamente a conexão das indústrias e a cooperação da capacidade produtiva com os Países de Língua Portuguesa do Fórum de Macau, estimular as empresas a construir ou renovarem as zonas de cooperação económica e comercial nos referidos países” e de que o “O Governo da China irá empenhar-se na exploração de terceiros mercados em conjunto com as empresas dos Países de Língua Portuguesa”.*

*Outra importante novidade desta Conferência Ministerial é que o Fundo de Cooperação e de Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa criado durante a 3ª Conferência Ministerial em 2010, no valor de US\$ 1000 milhões e da responsabilidade do Banco de Desenvolvimento da China e do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa que passa a ser gerido em Macau e não em Pequim o que permite uma maior proximidade e uma melhor ligação e entre a China e os Países de Língua Portuguesa.*

Por sua vez Portugal tem aderido com entusiasmo às questões decorrentes da colaboração com a China e os restantes países de língua portuguesa. O Primeiro-Ministro de Portugal, António Costa, na abertura da mencionada 5ª Conferência declarou:

*“Além da cooperação bilateral entre a China e Portugal há disponibilidade mútua para cooperação triangular” concluindo que “Juntando as forças de Portugal, China e Brasil e dos restantes países de língua portuguesa, poderemos fazer mais em conjunto do que seria em separado”.*

Vejamos agora, por país, alguns dos factos relevantes no relacionamento com a China e particularmente com a Iniciativa.

**Cabo Verde** – A presença chinesa em Cabo Verde faz-se sentir desde à muito. Na cidade da Praia, e até nas partes mais remotas das ilhas, instalaram-se diversos comerciantes chineses que, conforme referem alguns habitantes, vieram desempenhar um importante papel social – trouxeram novos produtos a preços razoáveis, referem.

Mas surgiu uma nova geração de investidores chineses, cujos negócios se fazem numa escala diferente. É o caso do novo casino-resort de David Chow. O cônsul honorário de Cabo Verde em Macau investiu cerca de 250 milhões de dólares norte-americanos no projecto que, não só vai transformar o turismo da capital, como também deverá fornecer um grande impulso para a economia.

(30) Fernanda Ilhéu é Professora do ISEG e Presidente Associação Amigos da Nova Rota da Seda.

(31) Li Keqiang é um político chinês, atual primeiro-ministro e chefe de governo da República Popular da China, desde 15 de março de 2013.

Mas não é só nestes campos que a presença da China se faz sentir. A cooperação chinesa participou ativamente na remodelação ou construção de novas infraestruturas. São exemplo a remodelação do edifício colonial, a construção de escritórios para o Governo, a construção da Assembleia Nacional, bem como a construção da Biblioteca Nacional, do Estádio Nacional e da Barragem de Poilão.

Entretanto, outros projetos foram anunciados e neles se destaca a construção do edifício do Centro de Intercâmbio China-Cabo Verde e a construção de 88 habitações na Portelinha (Mindelo).

Sobre a cooperação com a China são de destacar as palavras do Presidente da República, Jorge Carlos Fonseca que, sobre esta, afirmou num discurso pronunciado em 2016:

*“Tivemos uma relação privilegiada com a China desde a nossa independência e, do nosso ponto de vista, isso é muito positivo. Estamos agora a expandir e a diversificar a nossa cooperação económica e financeira. Uma forte ligação do ponto de vista da cooperação económica, comercial e empresarial é importante para tornar esta relação ainda mais dinâmica”.*

Cabo Verde tem vindo a mostrar grande interesse na iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”. É exemplo disso o facto de, em Abril de 2019, se ter deslocado a Macau, Francisco Sanches Martins – Diretor Geral do Turismo de Cabo Verde com o objetivo de “promover Cabo Verde como um destino turístico, mas também acima de tudo como um destino de investimento chinês”. Nas declarações que fez para a imprensa, Francisco Martins, foi mais longe, e afirmou que “acredita que a China pode fazer de Cabo Verde a sua plataforma de negócios, especialmente através da iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”, dizendo-se particularmente interessado em investimentos na “economia azul”, desportos náuticos e outras atividades ligadas às potencialidades marítimas.

**Guiné-Bissau** – A realização, na Guiné-Bissau, de um fórum entre Macau e os Países de Língua Portuguesa deixou este país com grandes expectativas. De facto foram assinados 11 acordos entre a China e a Guiné-Bissau, o que representa, segundo as palavras de Gustavo Plácido dos Santos, do Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança, um “exemplo de que a China pretende reforçar os seus laços com os países lusófonos e que reconhece a sua importância económica e financeira, bem como o significado político e diplomático”. Mas para além desses acordos, os governos da China e da Guiné-Bissau assinaram um acordo conjunto propondo a construção de novas infraestruturas, indicando que a Guiné-Bissau será incluída na estratégia chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Os termos do acordo assinado entre chineses e guineenses prevê a construção do novo Aeroporto Internacional de Bissau, de um porto de águas profundas em Buba bem como a construção de estradas e pontes no país. Conforme refere Gustavo dos Santos a Guiné-Bissau tornar-se-á, assim, “o elo de ligação entre a China, o Atlântico e a África Ocidental”.

**São Tomé e Príncipe** – As relações entre São Tomé e a China estiveram fechadas durante anos. Em 2016 as relações diplomáticas foram restabelecidas e, em consequência, foram assinados em Pequim três acordos de cooperação no domínio das infraestruturas e da educação, envolvendo uma doação financeira de 29 milhões de dólares.

Em consequência dessa cooperação, está prevista a construção de um grande porto de águas profundas com capital chinês. Este país é, juntamente com Angola, considerado um ponto crítico no comércio entre o Atlântico, a África e o Índico e pode ser considerado como um ponto estratégico para permitir uma aceleração do comércio entre a China e o continente africano.

Outras obras têm vindo a evidenciar a presença da China no País. É o caso de ter sido anunciado o financiamento para a modernização e expansão do Aeroporto de São Tomé e a construção de habitação social (200 apartamentos).

A iniciativa chinesa tem levantado alguma reflexão. É exemplificativo disso o artigo publicado no Diário Digital de São Tomé e Príncipe pelo santomense, Carlos P. Tiny, em Abril de 2019, onde este afirma, sob o título " E São Tomé e Príncipe?

*Esta iniciativa ("Uma Faixa, uma Rota) pode ser uma oportunidade para o nosso país. Devemos colocá-la na nossa Agenda de Desenvolvimento e convocar a todos, as autoridades governamentais, a sociedade civil, e em particular a comunicação social e as instituições universitárias do país para estudá-la em profundidade, interagir com instituições pertinentes e ver se é pertinente para os nossos interesses, e, caso o seja, ver como é que o país se pode posicionar e eventualmente se inserir da melhor maneira nesse grande desafio que pode efetivamente conter oportunidades para mudar as coisas neste país pequeno, pobre e insular que tem na paz um dos seus activos intangíveis mais preciosos. A sociedade civil, aonde destaco as Universidades, pode jogar um papel relevante, criando um espaço de debate e de intercâmbio de ideias. Vejo-as analisar essa experiência, promovendo estudos, discussão e, porque não, teses universitárias sobre o assunto, o que por si só permitiria abrir uma nova página ao nível do relacionamento global do país com o mundo.*

*No fundo STP, na minha humilde opinião, deve olhar para todas as novas oportunidades que se apresentem para promover o seu desenvolvimento. Aqui o meu ponto é que eu gostaria de ver as nossas universidades, enquanto centros do saber, se assumirem também como agentes relevantes na busca de alternativas de promoção do desenvolvimento da nação. Enquanto nação, a preocupação com o desenvolvimento tem de ser de todos e de cada um de nós e cada um deve jogar da melhor maneira o seu papel, pondo o seu grão de areia para a construção desse enorme edifício que é São Tomé e Príncipe mais desenvolvido onde haja lugar para todos".*



**Angola** – Angola tem sido um parceiro da China desde há muitos anos, especialmente no que concerne ao aproveitamento de linhas de crédito de alto valor que Pequim foi concedendo.

O Embaixador da China em Angola, Gong Tao, anunciou, porém, que a China pretende aprofundar a cooperação com Angola, para além do modelo tradicional da concessão de linhas de créditos garantidas pelo petróleo e adiantou que empresários chineses deverão estabelecer contactos no sentido de estabelecer novos canais de investimento.

Contudo, assistiu-se a um abrandamento das extensões das linhas de crédito, provocado pelo igual abrandamento da economia angolana e para um novo paradigma. As linhas têm-se vocacionado para a formação de *"joint ventures"* o que de acordo com o já mencionado Gustavo Plácido dos Santos pode ter a ver com os sinais dados pela China, que pretende mover algumas das suas indústrias de trabalho intensivo para África e a partir daí gerar recursos para a realização de projectos de infra-estruturas e desenvolver o *know how* local.

Poderá este ser o caso da criação da CITIC Alumínios Angola, pertencente ao grupo chinês CITIC<sup>(32)</sup> e constituído pela CITIC Construction e pela CITIC Bohai Aluminiun Industries, que irá produzir perfis de alumínio a partir de uma fábrica implantada na Zona Económica Luanda-Bengo, em Viana. Trata-se de um investimento de 40 milhões de dólares e a fábrica terá uma produção prevista de 10 mil toneladas de perfis de alumínio/ano. Na inauguração desta fábrica, o Embaixador da China em Angola recordou com entusiasmo os investimentos da China no país e referiu-se aos efetuados na agricultura, na agro-indústria e no fabrico de materiais de construção.

Entretanto, a China tornou-se o maior parceiro comercial de Angola. O comércio entre os dois países atingiu os 27.795 milhões de dólares em 2018 sendo a China o maior importador de petróleo angolano.

**Moçambique** – As relações entre a China e Moçambique têm vindo a ser aprofundadas e a Iniciativa uma *"Uma Faixa, uma Rota"* tem sido alvo de pronunciamentos positivos por parte dos dois países. Xi Jinping declarou em 2019 que *"A China e Moçambique acordaram na promoção conjunta do plano de cooperação da "Uma Faixa, Uma Rota" e acrescentou "que os dois países devem-se comprometer para melhorar a qualidade e a eficiência da cooperação"*.

Por sua vez o presidente Nyusi referiu que a *"construção conjunta da "Uma Faixa Uma Rota" irá conduzir ao crescimento económico mundial e a um desenvolvimento mais equilibrado, sendo de grande importância tanto para Moçambique como para África"*.

O certo é que a cooperação entre os dois países sofreu um grande impulso. Foram realizados pela China importantes projetos de infraestruturas e assinados protocolos com grandes empresas chinesas. Protocolados estão projetos como barragens (caso da barragem de Mugeba), linhas de caminho de ferro, telecomunicações, pontes e estradas. Estas infraestruturas representam, de acordo com as autoridades moçambicanas, a integração de Moçambique na Iniciativa *"Uma Faixa, uma Rota"*.

---

(32) CITIC Group Corporation Ltd., anteriormente designado como China International Trust Investment Corporation (CITIC), é uma empresa formada em 1979, vocacionada para o investimento no exterior da China e pertencente ao estado Chinês. Curiosamente, em termos históricos, é uma empresa que mereceu a aprovação de Deng Xiaoping aquando da abertura da economia da China ao mundo.

Estas obras, devem ser concessionadas ao grupo Chinês CCCC – China Construction and Communications Company, e à sua subsidiária CRBC – China Road and Bridge Corporation, que, lembramos, construiu a Ponte da Maputo-Catembe e a Circular de Maputo.

A área dos minérios tem sido também um atrativo para a China. É exemplo o facto de ter sido assinado pela Trinton Minerals<sup>(33)</sup> um protocolo com a empresa chinesa Qingdao Jinhui Graphite Co. Ltd. visando a exploração de grafite (Projeto Ancuabe) e para a qual a China contribui com investimento (até 10%), financiamento através de dívida, compra de 15 mil toneladas de concentrado de grafite por ano e assistência técnica.

**Timor-Leste** – Como vimos anteriormente, Timor Leste foi um dos países subscritores de capital no Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. É, como vamos ver, uma situação que decorre do posicionamento deste país para com a iniciativa.

Tal posição foi consubstanciada em Abril de 2014 pelo 1º Ministro de Timor Leste, Xanana Gusmão no Fórum de Boao, China, que tinha como tema “O novo Futuro da Ásia: Identificação dos motores de crescimento. Nessa ocasião Xanana Gusmão proferiu uma locução onde abordou de forma entusiástica a Iniciativa ao referir *“Como é óbvio, o reviver da famosa Rota da Seda por mar assume uma enorme importância para Timor-Leste. A China é o maior parceiro comercial do Sudeste Asiático, sendo que o comércio e o investimento continuam a crescer rapidamente. Juntas, as nações da ASEAN têm uma população de cerca de 600 milhões de pessoas e uma economia maior que a da Índia. Com os planos de integração económica num mercado único, com mobilidade a nível de trabalhadores e de capital e uma maior conectividade em termos de transportes e comunicações, o reviver da Rota da Seda por mar entre o Sudeste Asiático e a China apresenta um potencial económico enorme” e ainda “A iniciativa constituirá igualmente um quadro que permitirá a outros países, especialmente países em vias de desenvolvimento, pensar a construção das infraestruturas de que muito necessitam, incluindo estradas, caminhos-de-ferro, portos, telecomunicações, oleodutos e gasodutos.*

*Como é óbvio, é importante olhar para além dos benefícios económicos, comerciais e infraestruturais da iniciativa. A Rota da Seda simboliza também a tolerância e a paz, visto favorecer as ligações entre pessoas e a transferência de ideias, arte e cultura.”*

Xanana Gusmão adiantou ainda *“Timor-Leste é uma nação que ocupa meia ilha no Sudeste Asiático e que conseguiu superar o conflito e estabelecer os alicerces de estabilidade e de crescimento económico elevado e sustentado. Todavia, o nosso futuro depende da nossa conectividade. Para concretizarmos a nossa visão de uma nação saudável, instruída e próspera, com uma economia sustentável e diversificada, precisamos de integração e cooperação regionais fortes. É por esta razão que estamos a construir novos portos e a melhorar os nossos aeroportos. Queremos garantir que estamos ligados ao mundo, de modo a apoiar o comércio e criar uma indústria de turismo. Iremos trazer um cabo subaquático de internet até à nossa costa, para garantir que não ficamos do lado errado do fosso digital. Traremos igualmente um gasoduto desde o nosso maior campo petrolífero conhecido até à nossa costa, a fim de desenvolver a nossa indústria petrolífera em terra e de fomentar a nossa economia”.*

---

(33) A Trinton Minerals é uma empresa australiana especializada na área da exploração mineira que se encontra muito ativa em Moçambique na área de Cabo Delgado.

## 4. O SECTOR METALÚRGICO E ELETROMECHANICO EM PORTUGAL

### 4.1. CARACTERIZAÇÃO DO SECTOR

A ANEME, Associação Nacional de Empresas Metalomechanicas e Eletromechanicas, é a associação empresarial que representa empresas integrantes de vários subsectores, classificadas com as CAE descritas no quadro apresentado.

A ANEME publica regularmente um Barómetro do Sector, espelhando com base nos dados disponibilizados, a situação das empresas no que se relaciona com o Comércio Internacional, a Actividade das Empresas, a Evolução dos Preços e o Mercado de Trabalho.

#### ANEME – CLASSIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS DOS SEUS ASSOCIADOS

CAE	DESCRIÇÃO
CAE 24	Indústrias metalúrgicas de base
CAE 25	Fabricação de produtos metálicos, excepto máquinas e equipamentos
CAE 26	Fabricação de equipamentos informáticos, equip. para comunicações e produtos eletrónicos e ópticos
CAE 27	Fabricação de equipamento elétrico
CAE 28	Fabricação de máquinas e equipamentos n.e.
CAE 29	Fabricação de veículos automóveis, reboques, semi-reboques e componentes para veículos automóveis
CAE 30	Fabricação de outro equipamento de transporte
CAE 31	Fabricação de mobiliário e colchões
CAE 32	Outras indústrias transformadoras
CAE 33	Reparação, manutenção e instalação de máquinas e equipamentos
CAE 38	Recolha, tratamento e eliminação de resíduos; valorização de materiais

A situação global divulgada no “Barómetro” de Dezembro de 2021 permite-nos constatar, em termos de comércio internacional, que para o período homólogo acumulado de janeiro a outubro de 2021/janeiro a outubro 2020:

- Um aumento de 17,7% nas exportações e de 15% nas importações de produtos;
- Uma taxa de cobertura das exportações versus importações de 80,6% em 2020 e de 104,7%, considerando apenas o comércio internacional com países extra União Europeia.

A variação média anual, em termos de volume de negócios, foi positiva em todos os subsectores com dados disponíveis.

Em Setembro 2021, a maioria dos subsectores apresentou uma variação positiva do volume de emprego, tanto em termos mensais como em termos homólogos. Apenas o subsector com CAE 29 e o sector com CAE 33, apresentaram variações negativas.

Os preços evoluíram de forma positiva ao nível de todas as variações (mensal, homóloga e média anual).

Naturalmente que os últimos dados publicados são fortemente influenciados pela pandemia COVID-19, o que dificulta a tarefa de, a partir somente da situação estatística atual, fazer uma análise fria sobre as potencialidades dos sectores para participar numa iniciativa como é a “Uma Faixa, uma Rota”.

Temos, portanto de ir um mais longe e para tal vejamos os quadros seguintes que nos mostram o peso e a importância que o sector tem, na economia nacional (dados de 2019):



CARACTERIZAÇÃO DOS SECTORES NO PANORAMA ECONÓMICO NACIONAL							
SUBSECTORES	EMPRESAS	PESSOAL AO SERVIÇO	VOLUME DE NEGÓCIOS	VALOR ACRESCENTADO BRUTO (VAB)	VALOR DA PRODUÇÃO	FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO (FBCF)	PRODUTIVIDADE DO TRABALHO
	Nº			€			€/PESSOA
Portugal	1 318 330	4 225 538	412 640 613 433	104 417 694 395	279 357 209 284	22 807 882 416	24 711
Indústria Transformadora	68 831	745 511	97 238 809 037	22 518 996 826	92 694 852 247	4 790 249 170	30 206
Sector Metalúrgico e Eletromecânico	23 057	246 250	33 454 065 956	8 028 968 399	32 350 477 261	1 628 232 300	32 605
Ind. Metalúrgicas de Base (24)	315	9 047	2 960 128 535	447 003 550	2 793 004 847	87 990 377	49 409
Fab. de Produtos Metálicos (25)	11 927	93 740	7 573 028 480	2 643 222 311	7 274 129 114	472 104 255	28 197
Fab. de Máquinas e Equipamentos (26+27+28)	2 079	49 304	7 229 333 316	1 766 745 884	6 984 120 291	438 356 965	35 834
Fab. de Material de Transporte (29+30)	934	50 834	12 268 163 472	1 937 869 508	12 275 371 730	461 882 254	38 122
Reparação e Manutenção de Máquinas e Equipamentos (33)	4 381	25 333	2 056 176 939	818 536 000	1 876 152 977	100 776 767	32 311
Outras Indústrias Eletromecânicas (31+32+38)	3 421	17 992	1 367 235 214	415 591 146	1 147 698 302	67 121 682	23 099

Nota: por motivos de confidencialidade não foram publicados dados relativos ao CAE 266 – Fabricação de equipamentos de radiação, eletromedicina e eletroterapêutico.

Fonte: ANEME

### PESO DO SECTOR METALÚRGICO E ELETROMECÂNICO NA ATIVIDADE ECONÓMICA DO PAÍS E DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

<i>INDICADORES ECONÓMICOS</i>	<i>EMPRESAS</i>	<i>PESSOAL AO SERVIÇO</i>	<i>VOLUME DE NEGÓCIOS</i>	<i>VALOR ACRESCENTADO BRUTO (VAB)</i>	<i>VALOR DA PRODUÇÃO</i>	<i>FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO (FBCF)</i>
Peso do Sector na Atividade Económica do País (%)	1,7	5,8	8,1	7,7	11,6	7,1
Peso do Sector na Indústria Transformadora (%)	33,5	33,0	34,4	35,7	34,9	34,0

Fonte: ANEME

Os valores apresentados nos quadros são demonstrativos da capacidade e força dos sectores no panorama económico nacional.

### CARACTERIZAÇÃO DOS SUBSECTORES POR CAE

<i>SUBSECTORES</i>	<i>EMPRESAS</i>	<i>PESSOAL AO SERVIÇO</i>	<i>VOLUME DE NEGÓCIOS</i>	<i>VALOR ACRESCENTADO BRUTO (VAB)</i>	<i>VALOR DA PRODUÇÃO</i>
	%				
Ind. Metalúrgicas de Base (24)	1,37	3,67	8,85	5,57	8,63
Fab. de Produtos Metálicos (25)	51,73	38,07	22,64	32,92	22,49
Fab. de Máquinas e Equipamentos (26+27+28)	9,02	20,02	21,61	22,00	21,59
Fab. de Material de Transporte (29+30)	4,05	20,64	36,67	24,14	37,94
Reparação e Manutenção de Máquinas e Equipamentos (33)	19,00	10,29	6,15	10,19	5,80
Outras Indústrias Eletromecânicas (31+32+38)	14,84	7,31	4,09	5,18	3,55

Fonte: ANEME

Vejamos agora a o nível de qualificação dos trabalhadores nos diferentes sectores. Para tal atentemos no quadro seguinte:

TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM SEGUNDO O NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO E SUA DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL (2018)									
ESCALÕES	NÍVEIS DE QUALIFICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL								
SECTORES (CAE – VER.3)	QUADROS SUPERIORES	QUADROS MÉDIOS	ENC. CONT. CH. EQUIP.	PROF. ALT. QUALIFIC.	PROF. QUALIFIC.	PROF. SEMI QUALIFIC.	PROF. NÃO QUALIFIC.	PRATIC. E APRENDIZ	TOTAL
Indústrias de Base e Fab. de Produtos Metálicos (24+25)	2 323,0	2 916,0	3 723,0	6 064,0	43 616,0	18 075,0	4 924,0	1 986,0	83 627,0
	2,8	3,5	4,5	7,3	52,2	21,6	5,9	2,4	100,0
Fab. Máquinas e Equipamentos Eléctricos (26+27+28)	5 712,0	3 918,0	3 484,0	3 987,0	16 184,0	13 957,0	1 664,0	4 379,0	53 285,0
	10,7	7,4	6,5	7,5	30,4	26,2	3,1	8,2	100,0
Fab. de Equipamentos de Transporte (29+30)	1 638,0	1 514,0	2 307,0	3 947,0	20 066,0	13 397,0	1 677,0	1 767,0	46 313,0
	3,5	3,3	5,0	8,5	43,3	28,9	3,6	3,8	100,0
Rep. e Manutenção de Máquinas e Equipamentos (33)	1 702,0	1 287,0	1 414,0	2 766,0	8 398,0	3 698,0	560,0	554,0	20 379,0
	8,4	6,3	6,9	13,6	41,2	18,1	2,7	2,7	100,0
Sector Metalúrgico e Eletromecânico	11 375,0	9 635,0	10 928,0	16 764,0	88 264,0	49 127,0	8 825,0	8 686,0	203 604,0
	5,6	4,7	5,4	8,2	43,4	24,1	4,3	4,3	100,0
Indústria Transformadora	26 820,0	21 380,0	32 656,0	41 613,0	286 193,0	151 541,0	48 998,0	24 394,0	633 595,0
	4,2	3,4	5,2	6,6	45,2	23,9	7,7	3,9	100,0

Fonte: GEP/ANEME

Esta estrutura mostra-nos que os níveis são elevados em qualquer uma das CAE, mas são, como se verifica, de pequena dimensão. Cerca de 93% têm até 49 trabalhadores.

### DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ESTRUTURA EMPRESARIAL, SEGUNDO A DIMENSÃO DO ESTABELECIMENTO

ESCALÕES DE PESSOAL AO SERVIÇO	NÚMERO DE EMPRESAS	
	Nº	%
1 a 4	4 842	46,8%
5 a 9	2 242	21,7%
10 a 49	2 489	24,1%
50 a 99	403	3,9%
100 a 249	252	2,4%
250 a 499	64	0,6%
500 e +	45	0,4%
TOTAL	10 337	100%

Fonte: ANEME

ESC. 1a4 + 5a9 =	68,5%
ESC. 1a4 + 5a9 + 10a49 =	92,6%

Vejam os agora os fluxos comerciais com o exterior. O quadro seguinte reparte tais fluxos pelos diferentes subsectores, cobrindo o período de 2015 a 2020.

<b>QUADRO RESUMO DA BALANÇA COMERCIAL DO SECTOR METALÚRGICO E ELECTROME CÂNICO POR SUBSECTORES DE ACTIVIDADE</b>							
<i>SUBSECTORES</i>	<i>ANOS</i>	<i>EXPORTAÇÃO</i>		<i>IMPORTAÇÃO</i>		<i>SALDO</i>	<i>TAXA DE COBERTURA</i>
		€	Δ%	€	Δ%	€	%
<b>METAIS COMUNS E SUAS OBRAS</b>	2015	3 776 427 732	-	4 699 835 197	-	(923 407 465)	80,4
	2016	3 686 100 689	(2,4)	4 498 571 301	(4,3)	(812 470 612)	81,9
	2017	4 329 781 338	17,5	5 540 153 154	23,2	(1 210 371 816)	78,2
	2018	4 589 422 131	6,0	6 079 681 837	9,7	(1 490 259 706)	75,5
	2019	4 443 953 800	(3,2)	5 908 101 262	(2,8)	(1 464 147 462)	75,2
	2020	4 110 682 472	(7,5)	5 289 471 553	(10,5)	(1 178 789 081)	77,7
<b>MÁQUINAS E APARELHOS</b>	2015	3 867 943 105	-	5 052 046 629	-	(1 184 103 524)	76,6
	2016	3 853 314 184	(0,4)	5 436 349 003	7,6	(1 583 034 819)	70,9
	2017	4 170 568 900	8,2	6 256 532 864	15,1	(2 085 963 964)	66,7
	2018	4 246 692 438	1,8	7 011 204 589	12,1	(2 764 512 151)	60,6
	2019	4 065 413 299	(4,3)	7 183 210 566	2,5	(3 117 797 267)	56,6
	2020	3 849 840 875	(5,3)	6 209 684 693	(13,6)	(2 359 843 818)	62,0
<b>MATERIAL DE TRANSPORTE</b>	2015	5 700 025 470	-	7 306 225 733	-	(1 606 200 263)	78,0
	2016	5 681 189 406	(0,3)	8 416 470 544	15,2	(2 735 281 138)	67,5
	2017	6 593 279 824	16,1	9 448 373 220	12,3	(2 855 093 396)	69,8
	2018	8 235 579 968	24,9	10 269 975 701	8,7	(2 034 395 733)	80,2
	2019	9 800 396 220	19,0	12 767 708 751	24,3	(2 967 312 531)	76,8
	2020	7 955 082 395	(18,8)	8 350 795 040	(34,6)	(395 712 645)	95,3
<b>OUTROS PRODUTOS ELECTROME CÂNICOS</b>	2015	161 294 723	-	267 126 634	-	(105 831 911)	60,4
	2016	165 582 538	2,7	307 834 025	15,2	(142 251 487)	53,8
	2017	179 631 106	8,5	319 469 002	3,8	(139 837 896)	56,2
	2018	167 573 238	(6,7)	338 603 673	6,0	(171 030 435)	49,5
	2019	162 202 986	(3,2)	365 199 150	7,9	(202 996 164)	44,4
	2020	144 934 284	(10,6)	339 440 885	(7,1)	(194 506 601)	42,7
<b>SECTOR METALÚRGICO E ELECTROME CÂNICO</b>	2015	13 505 691 030	-	17 325 234 193	-	(3 819 543 163)	78,0
	2016	13 386 186 817	(0,9)	18 659 224 873	7,7	(5 273 038 056)	71,7
	2017	15 273 261 168	14,1	21 564 528 240	15,6	(6 291 267 072)	70,8
	2018	17 239 267 775	12,9	23 699 465 800	9,9	(6 460 198 025)	72,7
	2019	18 471 966 305	7,2	26 224 219 729	10,7	(7 752 253 424)	70,4
	2020	16 060 540 026	(13,1)	20 189 392 171	(23,0)	(4 128 852 145)	79,5

Fonte: ANEME

O quadro anterior permite-nos tirar as seguintes ilações:

- Em todos os subsectores apresentados o saldo comercial com o exterior é negativo;
- A taxa de cobertura nalguns subsectores (Outros produtos eletromecânicos) não atinge sequer os 50% em alguns dos anos referenciados;
- A média das taxas de cobertura é de 69,3 % nos últimos seis anos.

Por subsector verificamos e excluindo o ano atípico de 2020 por poder ter sofrido já efeitos da pandemia, que:

- O subsector “Metais comuns e suas obras” cresceu até 2018 mas a taxa de cobertura piorou;
- O subsector “Máquinas e Aparelhos” cresceu igualmente até 2018, mas a taxa de cobertura foi sucessivamente decrescendo;
- O subsector “Material de transporte” teve forte crescimento até 2019 mas foi errático em termos de taxa de cobertura;
- O subsector “Outros produtos eletromecânicos” cresceu até 2017, mas voltou em 2019 aos níveis de 2015. A taxa de cobertura manteve-se em índices baixos, como já vimos acima;
- Mas de quem importamos e quais os nossos melhores clientes? Estão os nossos parceiros comerciais inseridos nas linhas da Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”? Os quadros seguintes permitem-nos dar resposta a essas questões ao comparar as importações e exportações dos anos de 2019 e 2020.

### PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM E DESTINO DOS PRODUTOS DO SECTOR METALÚRGICO E ELECTROME CÂNICO

*Comércio Internacional por Países – 2020*

PAÍSES	IMPORTAÇÃO %	PAÍSES	EXPORTAÇÃO %
Espanha	31,77	Espanha	26,87
Alemanha	18,95	França	16,59
França	11,03	Alemanha	14,46
Itália	6,80	Reino Unido e Irlanda do Norte	6,31
China	4,16	Itália	3,99
Bélgica	3,75	Estados Unidos da América	2,48
Países Baixos	3,51	Países Baixos	2,09
Reino Unido e Irlanda do Norte	2,28	Bélgica	1,87
Turquia	1,87	Marrocos	1,57
Polónia	1,71	Polónia	1,53
Estados Unidos da América	1,30	Angola	1,52
Checa	1,23	Suíça	1,40
Hungria	1,02	Roménia	1,39
Coreia (República da)	0,93	Suécia	1,27
Suécia	0,93	Áustria	1,19

Fonte: ANEME

## PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM E DESTINO DOS PRODUTOS DO SECTOR METALÚRGICO E ELECTROME CÂNICO

Comércio Internacional por Países – 2019

PAÍSES	IMPORTAÇÃO %	PAÍSES	EXPORTAÇÃO %
Espanha	27,27	Espanha	25,06
Alemanha	19,08	França	15,97
França	18,64	Alemanha	15,91
Itália	6,30	Reino Unido e Irlanda do Norte	7,11
Bélgica	3,18	Itália	4,60
China	3,17	Estados Unidos da América	2,51
Países Baixos	2,98	Países Baixos	2,00
Turquia	2,16	Bélgica	1,93
Reino Unido e Irlanda do Norte	2,12	Angola	1,86
Estados Unidos da América	1,66	Canadá	1,83
Checa	1,33	Áustria	1,56
Polónia	1,29	Polónia	1,52
Hungria	1,14	Marrocos	1,33
Japão	0,94	Suíça	1,25
Coreia (República da)	0,86	Brasil	1,03

Fonte: ANEME

Verificamos então que a Espanha foi durante os anos de 2019 e 2020 o nosso principal parceiro no que respeita ao sector metalúrgico e eletromecânico.

Surge-nos, porém a China como país exportador evidenciando (embora só comparemos dois anos) um crescimento. Da China, o sector metalúrgico e eletromecânico importou em 2019, 3,17% do total importado e no ano seguinte este valor passou a uns significativos 4,16%. **A China tornou-se, assim o quinto fornecedor de produtos do sector.**

Do lado da exportação surge Angola com algum significado. Em 2019 representou cerca de 1,86% das exportações do sector tendo recuado em 2020 para 1,52%.

É também de assinalar a presença, nos quadros dos principais países importadores e exportadores, de Marrocos. Marrocos tem sido um mercado apetecível para as empresas portuguesas de projeto e construção de infraestruturas. Recentemente a China concluiu um tratado com Marrocos no campo da dupla tributação, o que não deixa de ter algum significado. Porém, Marrocos não figura, até agora, como membro do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura mas, não podemos, por isso concluir que Marrocos não venha no futuro a participar na Iniciativa e como tal a ter um maior atrativo para as empresas do sector metalúrgico e eletromecânico.

Feita esta análise sumária, é importante verificar o que têm sido as nossas relações comerciais com os países que, potencialmente, vão ser inseridos na “Uma Faixa, Uma Rota”.

Para o efetuar criámos um cenário baseado nos seguintes pressupostos:

- Evidenciar os países que atravessados ou potencialmente atravessados pela Iniciativa são membros regionais do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura;
- Analisar as trocas comerciais entre Portugal e esses países.

O primeiro pressuposto baseia-se na premissa de que as empresas portuguesas, sendo Portugal membro do Banco, podem participar em concursos lançados pelo Banco.

O segundo pressuposto é que todos os países beneficiários dos financiamentos do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura, são membros regionais deste Banco. Trata-se, nesta fase, de um cenário básico e de partida.

O desenvolvimento e aprofundamento deste Estudo poderá conduzir a que efetuem cenários alternativos e com maior detalhe.

Vejamos, então quais os 21 países selecionados.

### PAÍSES MEMBROS DO BAI\* POTENCIALMENTE INSERIDOS NA INICIATIVA

<i>Afganistão</i>	<i>Mongólia</i>
<i>Azerbaijão</i>	<i>Myanmar</i>
<i>Cambodja</i>	<i>Nepal</i>
<i>Cazaquistão</i>	<i>Omã</i>
<i>Emiratos Árabes Unidos</i>	<i>Paquistão</i>
<i>Filipinas</i>	<i>Singapura</i>
<i>Georgia</i>	<i>Sri Lanka</i>
<i>Irão</i>	<i>Tajiquistão</i>
<i>Índia</i>	<i>Uzbequistão</i>
<i>Laos</i>	<i>Vietname</i>
<i>Malásia</i>	

\*BAII – Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura



Vejamos agora quais os bens e serviços associados à nossa indústria metalúrgica e metalomecânica e que foram alvo de fluxos comerciais entre Portugal e os países constantes na lista supra.

### BENS E SERVIÇOS ASSOCIADOS À NOSSA INDÚSTRIA METALÚRGICA E ELETROMECÂNICA COM OS QUAIS HOUVE FLUXOS COMERCIAIS

**72:** Ferro fundido, ferro e aço

**73:** Obras de ferro fundido, ferro ou aço

**74:** Cobre e suas obras

**75:** Níquel e suas obras

**76:** Alumínio e suas obras

**78:** Chumbo e suas obras

**79:** Zinco e suas obras

**80:** Estanho e suas obras

**81:** Outros metais comuns; cermets; obras dessas matérias

**82:** Ferramentas, artefactos de cutelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns

**83:** Obras diversas de metais comuns

**84:** Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes

**85:** Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios

**86:** Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluindo os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação

**87:** Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios

**88:** Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes

**89:** Embarcações e estruturas flutuantes

**93:** Armas e munições, suas partes e acessórios

**940310:** Móveis de metal, para escritórios (exceto assentos)

**940320:** Móveis de metal (exceto para escritórios, assentos e mobiliário para medicina, cirurgia, odontologia ou veterinária)

**94039010:** Partes de móveis, de metal, não especificadas nem compreendidas noutras posições (exceto assentos)

**9503:** Triciclos, trotinetas, carros de pedais e outros brinquedos semelhantes com rodas; carrinhos para bonecos; bonecos; outros brinquedos; modelos reduzidos e modelos semelhantes para divertimento, mesmo animados; quebra-cabeças (puzzles) de qualquer tipo

**9507:** Canas de pesca, anzóis e outros artigos para a pesca à linha, não especificados nem compreendidos noutras posições; camaroeiros e redes semelhantes para qualquer finalidade; iscas e chamarizes (exceto os das posições 9208 ou 9705) e artigos semelhantes de caça

**9508:** Carrosséis, baloiços, instalações de tiro ao alvo e outras diversões de parques e feiras, circos ambulantes e coleções de animais ambulantes e teatros ambulantes (exceto as instalações de feiras e parques de diversões para venda de mercadorias, incluídos os artigos distribuídos como prémios, os jogos que funcionam por meio da introdução de uma moeda ou ficha, os tratores e outros veículos de transporte, incluídos os reboques)

## 4.2. EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS

Analisemos agora as nossas exportações para os países referenciados.

O quadro que a seguir se apresenta – Exportação mais significativa por país asiático – relativamente ao ano de 2020, permite-nos verificar o seguinte:

- A exportação para os países selecionados apresenta valores muito baixos, nenhum atingindo o valor de 1% do total da exportação;
- Entre estes, Singapura apresenta-se como o país com maior significado (0,36% do total exportado), logo seguido pela Índia (0,22%);
- Em termos de fornecimentos as “Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios” são o nosso principal grupo de produtos exportados, embora o grupo “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes” sejam relativamente importantes nas exportações para os Emiratos Árabes Unidos e para o Vietname.

### EXPORTAÇÕES MAIS SIGNIFICATIVAS POR PAÍS ASIÁTICO

Ano: 2020

País	% Total Exportado	Principais Grupos de Produtos Exportados
SG: Singapura	0,36	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
IN: Índia	0,22	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
AE: Emiratos Árabes Unidos	0,19	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios e com valor semelhante 84: Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes.
MY: Malásia	0,12	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
VN: Vietname	0,07	84: Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes.

Fonte: INE/ANEME

Sabemos que o ano de 2020 foi, dada a situação de pandemia, atípico. Efetuou-se, por isso, uma análise comparativa com os dados de 2019.

Assim, foi elaborado o quadro que se apresenta de seguida.

### EXPORTAÇÕES MAIS SIGNIFICATIVAS POR PAÍS ASIÁTICO

Ano: 2019

País	% Total Exportado	Principais Grupos de Produtos Exportados
SG: Singapura	0,27	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
AE: Emiratos Árabes Unidos	0,27	87: Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.
IN: Índia	0,20	84: Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes.
VN: Vietname	0,12	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
MY: Malásia	0,08	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.

Fonte: INE/ANEME

Comparando os dois anos chegam-se às seguintes conclusões:

- Os países para os quais Portugal exportou mais significativamente são em 2019 e 2020, exatamente os mesmos (Singapura, Índia, Emiratos Árabes Unidos, Malásia e Vietname).;
- Em termos de fornecimentos as “Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios” mantêm-se como as mais significativas no que respeita à exportação, embora seja de realçar o surgimento da rubrica “Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios” com significado nas exportações para os Emiratos e ainda a rubrica “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes” exportados com significado para a Índia.

### IMPORTAÇÕES MAIS SIGNIFICATIVAS POR PAÍS ASIÁTICO

Ano: 2020

País	% Total Exportado	Principais Grupos de Produtos Exportados
VN: Vietname	0,75	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
IN: Índia	0,49	84: Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes.
MY: Malásia	0,13	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
SI: Singapura	0,07	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
PH: Filipinas	0,06	85: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.

Fonte: INE/ANEME

Façamos, agora, a mesma análise, mas do lado das importações.

O quadro apresenta as importações em 2020 dos bens e serviços com base nos critérios fixados. Dele se pode concluir o seguinte:

- Nenhum país atinge sequer 1% do total das importações dos bens em análise;
- O valor mais significativo refere-se ao Vietname – 0,75% do total importado;
- Os países com maior volume de importação para Portugal são, na generalidade os mesmos para os quais Portugal exporta (as Filipinas são a exceção);
- A maioria das importações pertence ao mesmo grupo das exportações. Trata-se das “Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios”.

### 4.3. IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS

Vejam agora o quadro correspondente às importações efetuadas em 2019.

<b>IMPORTAÇÕES MAIS SIGNIFICATIVAS POR PAÍS ASIÁTICO</b>		
<i>Ano: 2019</i>		
<i>País</i>	<i>% Total Exportado</i>	<i>Principais Grupos de Produtos Exportados</i>
<b>VN: Vietname</b>	0,84	<b>85:</b> Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
<b>IN: Índia</b>	0,58	<b>87:</b> Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.
<b>MY: Malásia</b>	0,19	<b>85:</b> Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
<b>SI: Singapura</b>	0,08	<b>85:</b> Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.
<b>PH: Filipinas</b>	0,05	<b>85:</b> Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.

Fonte: INE/ANEME

Podemos, face a este quadro tirar as seguintes ilações:

- Os países exportadores em 2019, repetem-se em 2020, o que pode significar uma estabilização do lado da procura e um padrão em termos de fluxos comerciais;
- Ao nível da especificação dos bens surgem os “Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios” em 2019, importados da Índia, situação que não se repete em 2020, já que nesse ano os principais bens importados foram os bens incluídos na rubrica “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes”.

Independentemente de uma análise mais fina, podemos desde já tirar as seguintes conclusões principais:

- Os fluxos comerciais com os países selecionados, lembramos membros do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, são muito baixos, pois quer nas exportações, quer nas importações, nenhum deles relativamente às rubricas selecionadas e que têm tudo a ver com a Indústria Metalúrgica e Eletromecânica, sequer atinge o 1% do total exportado;

- Os fluxos mais importantes são-nos trazidos por:
  - Singapura;
  - Emiratos Árabes Unidos;
  - Índia;
  - Vietname;
  - Malásia; e
  - Filipinas.

Os produtos alvo de exportação e importação mais significativa foram:

#### PRODUTOS MAIS EXPORTADOS

- Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios
- Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios
- Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes

#### PRODUTOS MAIS IMPORTADOS

- Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios
- Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios



São, pois, estes os produtos (que representam as valências de Portugal) com maior potencial, à partida, para se inserirem na Iniciativa chinesa, não descurando os que podem surgir de oportunidades detetadas no esforço comum das entidades privadas com os esforços comerciais e diplomáticos efetuados pelas autoridades públicas.

No entanto, uma participação mais ativa junto do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, poderá trazer resultados acrescidos, quer em termos de diversificação de mercados, quer em termos de aumento das exportações de bens e serviços.

The background features a blurred industrial scene with several tall smokestacks emitting a hazy, golden light, suggesting a sunset or sunrise. In the foreground, a silver fountain pen is shown in sharp focus, lying diagonally across the frame. The overall aesthetic is professional and industrial. The page is overlaid with several overlapping geometric shapes in various shades of purple and magenta, creating a modern, layered design.

## **II. PARTE INTEGRAÇÃO INSTITUCIONAL E EMPRESARIAL**

## 1. SECTORES E PROJETOS

### 1.1. SECTORES ABRANGIDOS PELA INICIATIVA

De acordo com o referido nos capítulos anteriores, são oito os sectores envolvidos na iniciativa:

- Ligações Ferroviárias;
- Ligações Rodoviárias;
- Energia;
- Oleodutos;
- Gasodutos;
- Portos;
- Comunicações;
- Telecomunicações.



Não é fácil apurar quais as obras que estão em desenvolvimento ou finalizadas. Mas é fundamental dar nota das realizações que se consideram mais importantes. Elas permitem verificarmos os tipos de projetos que a China tem em curso e sempre que possível apurar como reparte as responsabilidades na concretização das obras.

Para esse efeito, recorreu-se a um artigo publicado pelos brasileiros Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni chamando a atenção para a “Nova Rota da Seda”. Esse artigo permitiu-nos construir o quadro que a seguir se apresenta e que nos dá uma visão da importância da iniciativa:

<b>OBRAS REALIZADAS OU EM REALIZAÇÃO NO QUADRO DA INICIATIVA CHINESA</b>			
<b>SECTOR</b>	<b>PAÍSES ENVOLVIDOS PARA ALÉM DA CHINA</b>	<b>DESIGNAÇÃO</b>	<b>CUSTO (em dólares dos EUA)</b>
Ferrovia	Casaquistão, Rússia, Bielorrússia, Polónia, Alemanha, Bélgica e França	Ferrovia Londres (Inglaterra)/ Yiwu (China)	Não divulgado
Ferrovia	Laos	Ferrovia Kunming (China) e Vianciana (Laos)	5,9 mil milhões
Ferrovia	Rússia	Ferrovia Moscovo/Kazan para futura ligação a Pequim	16,7 mil milhões
Ferrovia	Hungria e Sérvia	Ferrovia entre Budapeste e Belgrado	2,9 mil milhões
Ferrovia	Tailândia	Ferrovia Kunming a Bangkok	12 mil milhões
Ferrovia	Etiópia e Djibuti	Ferrovia Addis Abeba/Golfo de Aden	4 mil milhões
Gasoduto e Oleoduto	Turquemanistão e Casaquistão para a China e União Europeia	Corredor de Gasoduto e oleodutos da Ásia Central	7,3 mil milhões
Rodovia Ferrovia Gasoduto Telefonia Internet	Acesso da China a Caxemira e Paquistão	Corredor de infraestrutura Kashgar (China) e Khunjerab (Paquistão)	54 mil milhões
Túnel	Uzbequistão	Túnel Kamchiq	1,9 mil milhões

Fonte: Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni in artigo “A Nova Rota da Seda” publicado em “Super Interessante” 2017 e atualização em 2019

Pela sua importância, vamos analisar em que consiste ou consistiu cada uma dessas obras.

## 1.2. PRINCIPAIS PROJETOS “UMA FAIXA, UMA ROTA”

### 1. FERROVIA LONDRES (INGLATERRA)/ YIWU (CHINA)

No dia 1 de janeiro de 2017, um comboio com 30 contentores partiu da China com destino a Londres. A viagem de 12 mil quilómetros durou 18 dias. O comboio atravessou sete países no caminho entre a China e a Inglaterra: Cazaquistão, Rússia, Bielorrússia, Polónia, Alemanha, Bélgica e França.



## 2. FERROVIA KUNMING (CHINA)/VIENCIANA (LAOS)

A Ferrovia China-Laos, vai de Kunming, na China, até à capital, Vienciana, num total de 416 quilómetros e com uma velocidade operacional de 160 quilómetros por hora. O empreendimento que se iniciou em 2016 obriga à construção de 99 pontes e 45 túneis. A Ferrovia será usada para transporte de passageiros. Enquanto as empresas chinesas se responsabilizam por 90% de todos os trabalhos de construção, os restantes 10% dos trabalhos ficaram a cargo dos trabalhadores laocianos, contribuindo-se assim para a para a criação de emprego local. Espera-se que a obra tenha o seu término ainda durante o ano de 2021.



## 3. FERROVIA DE ALTA VELOCIDADE MOSCOVO (RÚSSIA)/KAZAN (RÚSSIA)

Esta nova circulação de alta velocidade foi aprovada pelas autoridades russas em Maio de 2013. Para a sua implementação foi efetuado um consórcio entre as empresas OJSC Mosgioprotrans, OJSC Nizhegorodmetroproekt e a chinesa China Railway Eryuan Engineering Group Co.

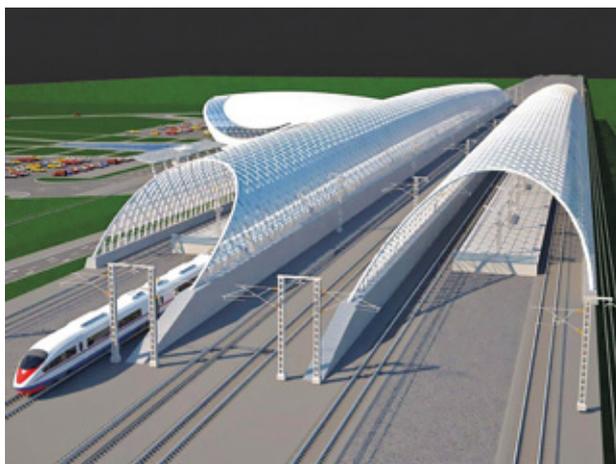
A extensão da linha é de 772 quilómetros. A sua construção começou na Primavera de 2018.

Esta ferrovia faz parte de um projeto mais ambicioso e talvez por isso tenha sido do interesse chinês – a ligação de Moscovo a Pequim, ou seja unir duas capitais cuja distância quilométrica é de 7 mil km.

De acordo com Ivan Kondratenko, analista da consultora internacional Frost & Sullivan, com sede nos Estados Unidos, o projeto poderá estar concluído em 2024.

A China Railways concedeu ao projeto um financiamento de 6,2 mil milhões de dólares, com um prazo de pagamento de 20 anos.

Os comboios circularão nesta linha à velocidade máxima 400 km/h e servirão 15 estações, entre elas as das cidades russas de Vladimir, Nizhny, Novgorod e Cheboksary.



#### 4. FERROVIA BUDAPESTE (HUNGRIA)/BELGRADO (SÉRVIA)

Será o primeiro troço da ferrovia com o qual a China pretende vir a alcançar o porto de Pireu, na Grécia, porto esse de quem a empresa chinesa Cosco adquiriu mais de 67% da sociedade portuária por 368,5 milhões de euros com direitos até 2052.

A obra tem gerado polémica na Europa, pois, de acordo com os brasileiros Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni, os chineses não divulgaram os detalhes do contrato que assinaram com o governo húngaro, o que é inaceitável por parte da União Europeia. Por outro lado, a primeira seção da obra de 350Km, ou seja, a ligação de Budapeste a Belgrado, deveria estar concluída em dois anos, mas esse objetivo não se concretizou, exatamente porque a União Europeia efetuou também uma investigação na Hungria sobre possíveis violações dos requisitos de licitação pública.



Para a contestação da União Europeia cresceu ainda o facto deste projeto entrar em colisão com a Rede Transeuropeia de Transporte.<sup>(34)</sup>

#### 5. FERROVIA KUNMING (CHINA)/BANGUECOQUE (TAILÂNDIA)

Em novembro de 2014, a Tailândia e a China assinaram um memorando de entendimento visando construir em território tailandês uma ferrovia transnacional partindo de Kunming, China, para o Golfo da Tailândia. Em novembro de 2015, ambas as partes concordaram com repartição de responsabilidades entre os dois países, sendo criada uma *joint venture* para executar o projeto. Assim, a China realizará os estudos de viabilidade, projetará o sistema, construirá os túneis e pontes e estabelecerá os trilhos. A Tailândia realizará os estudos de impacto social e ambiental, fará as necessárias desapropriações dos terrenos para construção, tratará da engenharia civil geral e do fornecimento de energia e fornecerá materiais de construção.

A China irá operar e manter o sistema durante os primeiros três anos de operação e fornecerá formação profissional nas áreas de operações e manutenção.

Ambos os países compartilharão responsabilidades do terceiro ao sétimo ano. Depois, a Tailândia será a única responsável e a China passará a desempenhar a função de consultora<sup>(35)</sup>. Refira-se que este projeto será financiado pela China, pela Tailândia e pelo Banco Asiático de Desenvolvimento, multilateral financeira de que Portugal é membro.

O acordo entre os dois países tem, pois, como objetivo efetuar a ligação ferroviária entre Kunming na China a Banguecoque na Tailândia. Como se verifica na imagem que se apresenta, a ligação será efetuada através de três percursos: a rota oriental via Vietname-Camboja, a rota central via

(34) As relações entre a Sérvia e a União Europeia têm-se mantido algo tensas, não obstante o pedido de adesão deste país à União, que é o principal fornecedor da ajuda de combate à COVID-19. Mas constata-se que o Presidente Vucic da Sérvia tem vindo a "cortejar" quer a China quer Moscovo, o que já levou, de acordo com Vlado Vurusic, do jornal croata Jutarnji List Zagrebea, que Moscovo e Bruxelas tivessem advertido as autoridades que a Sérvia não pode estar sentada em duas cadeiras – a de Bruxelas e a de Moscovo.

(35) A linha será utilizada para o transporte de passageiros e cargas. A repartição de responsabilidades entre a China e a Tailândia é representativa da forma de operar chinesa, o que é importante evidenciar num trabalho da natureza do que estamos fazendo.



Laos, e a rota oeste via Myanmar. Porém, o objectivo último e que constituirá a fase seguinte do projeto é fazer a ligação em alta velocidade até Singapura.

Os estudos efetuados referem que se obterá uma redução substancial nos preços de viagem (o custo será de cerca de 1/3 da passagem por via aérea).

Trata-se de um empreendimento de grande volume uma vez que Kunming dista cerca de 5.500Km de Singapura. Refira-se ainda que uma viagem de Kunming a Singapura levará 30 horas em 2022 e 18 horas quando concluída em 2040 (em comparação com 80 horas de Vienciana e Singapura em janeiro de 2019). A linha será utilizada para o transporte de passageiros e cargas.

Eis como o jornal oficial chinês “O Diário do Povo” através do site [www.people.com.cn](http://www.people.com.cn) se referiu à obra em Dezembro de 2017:

*“A Tailândia e a China inauguraram em conjunto a construção da primeira ferrovia de alta-velocidade tailandesa, que ligará Bangucoque até à província nordestina de Nakhon Ratchasima (253Km). Li Keqiang, o primeiro-ministro chinês, disse, que a ferrovia sino-tailandesa se trata de um projeto representativo do espírito da iniciativa do Cinturão e Rota, ou seja da “construção conjunta e benefícios partilhados”.*

A China é responsável pelo design da ferrovia, supervisão da sua construção, fabrico dos comboios e dos sistemas de sinalização, entre outros.

Assim que completa, a ferrovia, com uma velocidade máxima de 250km por hora, será a primeira ferrovia de alta-velocidade da Tailândia

## 6. TÚNEL KAMCHIQ (UZEBEQUISTÃO)

É o túnel mais longo da Ásia Central com 19,2Km. Trata-se de uma obra que se insere na estratégia do país que visa melhorar as infraestruturas de transporte com o objetivo último de se transformar num entreposto logístico da Ásia Central.

A obra ficou por referência dado ser considerada como muito exigente em termos técnicos pois atravessa sete falhas geológicas. A obra está concluída, tendo o túnel sido inaugurado em 2016.



Para a execução da obra foi efetuado um empréstimo de 350 milhões de dólares americanos ao Banco de Exportação e Importação da China e de 195 milhões de dólares do Banco Mundial.

## 7. CORREDOR DE GASODUTOS E OLEODUTOS DA ÁSIA CENTRAL

Este corredor vai levar gás do Turquemenistão e do Cazaquistão para a China e para a União Europeia. Trata-se de uma obra igualmente polémica e que desafia o interesse dos EUA, já que estes sempre manifestaram a vontade de fazerem a obra. Mas, de acordo com o *Le Monde Diplomatique* (Brasil) os chineses parecem mais perto de o conseguir, já que sendo o Irão um dos países a atravessar, as autoridades de Teerão estarão dispostas a co-financiar a obra e dela retirarem dividendos geopolíticos, pois o empreendimento cria necessariamente laços com a Ásia, principalmente com a China, e assim ficam mais fortes no braço de ferro mantido com os EUA.



À polémica sobre o projeto juntou-se a própria União Europeia, que, pelo seu conselheiro para a energia, Faouzi Bensara, refere que a União vai necessitar de 120 a 150 mil milhões de m<sup>3</sup> de gás por ano e que o seu objetivo é diversificar as fontes de abastecimento, não entrando pois na “luta geopolítica”.

## 8. CORREDOR DE INFRAESTRUTURA KASHGAR (CHINA)/KHUNJERAB (PAQUISTÃO)

O programa visa modernizar rapidamente as infraestruturas do Paquistão e reforçar a sua economia através de redes de transportes modernas, energia e criação de zonas económicas especiais. Entre as infraestruturas a construir, está a ligação do porto de Gwadar, no sudoeste do Paquistão, à Região Autónoma de Xinjiang, no noroeste da China, através de uma rede de autoestradas, caminhos-de-ferro e oleodutos.

O corredor irá estender-se por mais de 3.000km. O projeto tem levantado alguma preocupação na Índia como refere o jornal indiano Firstpost ao referir: “Este é o maior investimento marítimo na China anunciado até agora e o corredor deverá tomar posse em três anos e ser uma parte estratégica da economia regional, que poderia iniciar um longo processo que fará do Paquistão uma nação mais rica e poderosa”.

O Porto de Gwadar, no Paquistão, foi construído pela China e concluído em 2015, reservando-se a este país os direitos de operação durante 40 anos. O corredor proporcionará ao Paquistão transportes, telecomunicações e infraestruturas energéticas, bem como o intercâmbio intelectual com a China.

Ambas as nações esperam um grande investimento para fomentar as relações bilaterais e transformar o Paquistão numa potência económica regional.



O projeto pretende obstar à utilização do Canal do Panamá onde o custo do transporte aumentou ao longo dos anos. O Corredor é uma alternativa, pelo Pacífico, para escoar o minério de ferro e soja do Brasil, reduzindo de forma significativa os custos de transporte. As autoridades paquistanesas consideraram o Corredor Económico China-Paquistão um projeto piloto do conceito estratégico de “Uma Faixa, Um Rota”, já que o corredor está tornando-se numa “chave” para o aprofundamento da colaboração económica entre os dois países, acrescentando que o Corredor Económico irá fortalecer os intercâmbios e contactos entre os dois países e que será parte da construção de uma “comunidade de destino comum”. Apesar do maior beneficiado do projeto ainda ser a China, o Corredor irá beneficiar consideravelmente o Paquistão.

### 9. FERROVIA ADDIS ABEBA (ETIÓPIA)/GOLFO DE ADEN (DJIBUTI)

A Ferrovia Addis Abeba–Djibuti foi inaugurada em janeiro de 2017 proporcionando à Etiópia atingir o Mar Vermelho e o Oceano Índico. Trata-se de uma projeto de extrema importância para a Etiópia já que mais de 95% do comércio da Etiópia passa através de Djibuti, o que representa para este, 70% da atividade no porto. A nova linha foi construída entre 2011 e 2016, pelo Grupo China Railway e pela China Civil Engineering Construction Corporation.

O financiamento para a nova linha foi fornecido pelo Exim Bank of China, o Banco de Desenvolvimento da China e o Banco Industrial e Comercial da China. Nesta nova ferrovia foram investidos de 4 mil milhões de dólares. A ferrovia começa em Sebeta atravessando a fronteira entre Dewele e Ali Sabieh e chega ao terminal de passageiros de Djibouti na estação ferroviária Nagad, perto do Aeroporto Internacional de Djibouti-Ambouli. Os comboios de carga continuam até ao porto de Doralé utilizando combustível a diesel.



### 10. OUTROS PROJETOS

Enunciámos e demos detalhes sobre alguns dos projetos mais importantes realizados no âmbito da iniciativa chinesa. Vejamos agora o quadro seguinte que apresenta outros projetos que têm vindo a ser anunciados e divulgados pela China.

Tratam-se igualmente de obras significativas e de grande alcance estratégico, onde predominam as ferrovias e os projetos que envolvem energia.

## OUTROS PROJETOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DO “UMA FAIXA, UMA ROTA”

LOCALIZAÇÃO	PAÍS, PAÍSES	PROJETO	SECTOR	SITUAÇÃO
ÁSIA CENTRAL	Casaquistão	Base de cooperação logística China-Casaquistão	Logística	Iniciado em maio de 2014
	China-Ásia Central	Gasoduto China-Ásia Central	Gasoduto	Concluída uma linha em 2014
	Quirquistão	Reconstrução de Central Térmica de Bihkek	Energia	Iniciado em maio de 2014
	Tajiquistão	Ferrovia Vakhdat-Yovon	Ferrovia	Iniciado em maio de 2015
SUDOESTE ASIÁTICO	Cambodja	Cerimónia da entrada de 100 empresa na ZEE de Sihanoukville	ZEE	Junho 2016
	Indonésia	Ferrovia Jacarta-Bandung	Ferrovia	Iniciada em janeiro 2016
	Laos	Construção da parte do Laos da Ferrovia China-Laos	Ferrovia	Iniciada em dezembro 2015
	Myanmar	Gasoduto China-Myanmar	Gasoduto	Iniciado em Setembro 2013
	Myanmar	Oleoduto Chuna-Myanmar	Oleoduto	Terminado em Janeiro 2015
	Vietname	Central elétrica de Hai Duong	Energia	Iniciada em abril de 2015
	Vietname	Central a carvão de Vinh Tan	Energia	Iniciada em julho 2015
ÁSIA MERIDIONAL	Vietname	Central Hidroelétrica de Vin Há	Energia	Concluída em setembro de 2015
	Bangladesh	Construção da ponte de Padma	Pontes	Iniciada em agosto 2016
	Paquistão	Central Hidroelétrica de Karot	Energia	Iniciada em janeiro 2016
MÉDIO ORIENTE	Sri Lanka	Reabilitação do porto de Hambantota e sua concessão à China por 99 anos	Portos	Concluído em 2016
	Arábia Saudita	Refinaria de Yanbu Aramco-Sinopec	Energia	Concluída em janeiro de 2016
ÁFRICA	Djibuti	Fundação do Silk Road International Bank	Banca	Junho 2016
	Egipto	Linha de transmissão de 500 kV - Segmento de Baroud	Energia	Iniciada em julho 2016
	Nigéria	Ferrovia Abuha-Karima (1.315Km)	Ferrovia	Concluída em julho 2016
	Quénia	Ferrovia Mombaça-Nairobi	Ferrovia	Iniciado em janeiro 2015
EUROPA	Bielorrússia	Construção do Parque Industrial Great Stone	Indústria	Setembro de 2016
	Bielorrússia	Entrada em funcionamento do comboio de mercadorias China-Bielorrússia	Transportes	Setembro de 2016
	Grécia	Aquisição por parte da China do Porto de Piréu	Portos	Agosto de 2016
	Reino Unido	Central elétrica de Hunkley Point C	Energia	Setembro de 2016
	República Checa	Aquisição por parte da China da Siderúrgica de ZDAS	Indústria	Agosto de 2016
	Rússia	Gasoduto China-Rússia	Gasoduto	Iniciada em junho 2015
	Sérvia	Aquisição por parte da China da Siderúrgica de Smederevo	Indústria	Abril de 2016
AMÉRICA LATINA	Venezuela	Satélite de Detecção Remota da Venezuela-VRSS-2	Comunicações	Contrato assinado em outubro 2014
	Brasil/Perú	Viabilidade do projeto da Ferrovia Transoceânica, que liga o Brasil e o Perú	Ferrovia	Maior de 2015
	Chile	Acordo de cooperação sino-chilena para o projeto do túnel Transoceânico	Túneis	Maior de 2015
	Equador	Hidroelétrica de Coca Codo-Sinclair	Energia	Concluída em setembro de 2016

Fonte: www.people.com.cn

Mas, a China não se tem limitado a este tipo de projetos. As suas fontes de divulgação e propaganda<sup>(36)</sup>, anunciaram por exemplo em Julho de 2016 o lançamento do:

*“Programa Estratégico Nacional sobre o Desenvolvimento Informatizado, de modo a promover a informatização da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, e a construção de cabos óticos subterrâneos e submarinos, a fim de elevar o nível da interconectividade internacional. A China planeia construir canais terrestres que cheguem até à Ásia Ocidental, ao litoral do Oceano Índico, e aos países do centro e leste europeu.*

*A criação e construção de cabos submarinos fazem também parte do plano, permitindo o acesso mais fácil e imediato à América, Europa e África. Outros objetivos incluem a cooperação na construção da plataforma informática China-Ásia Central, do porto informático China-ASEAN, e da Rota da Seda China – Árabe pela internet.*

*A iniciativa objetiva não só a interconectividade de estratégias, planeamento e projeto, mas também a partilha de intelectualidade”.*

Os projetos porém não têm sido um sucesso absoluto. Gonçalo Custódio no seu artigo “Uma Faixa, uma Rota, uma oportunidade, uma ameaça” no Jornal Económico em Março de 2019, refere-se, em concreto, ao projeto do porto de Hambantota no Sri Lanka (mencionado no quadro anterior), escrevendo:

*“Do Sri Lanka podemos retirar ilações da tragédia do Porto de Hambantota<sup>(37)</sup>, ou melhor, “Porto da Bancarrota”. Um simples enredo de corrupção e estratégia geopolítica chinesa culminou no país a devolver o investimento à China. O que é importante reter e evitar no futuro são as cedências à pressão dos parceiros chineses, que, em troca de melhores empréstimos, conseguiram obrigar o Sri Lanka a aceitar unicamente empresas chinesas para a realização da obra e a divulgar informação privilegiada sobre os clientes do porto às autoridades de Pequim (“Foreign Affairs”).*

De acordo com a reportagem “O Mundo segundo Xi Jinping”<sup>(38)</sup> o que se passou, na realidade, foi que o Sri Lanka não conseguiu satisfazer os compromissos financeiros assumidos com a China e por tal “viu-se obrigado” a ceder a exploração do porto por 99 anos.



(36) De que um exemplo é a fonte do quadro anterior.

(37) O porto de águas profundas de Hambantota, foi comprado pela empresa estatal China Merchants Port Holdings Co. A operadora portuária acordou (após vários meses de negociações e até períodos políticos conturbados entre China, Índia e Sri Lanka) adquirir a infra-estrutura cingalesa por 1,2 mil milhões de dólares, passando a controlar 70% das acções do porto com um período de exploração de 99 anos.

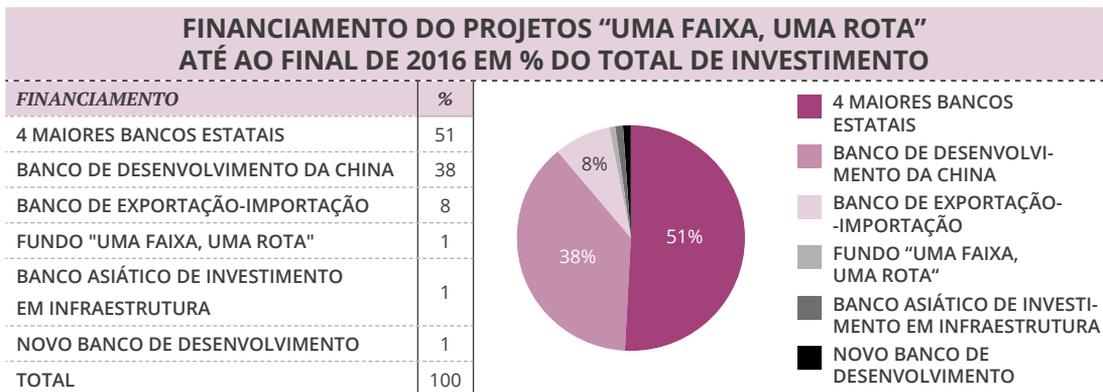
(38) Esta reportagem, da responsabilidade de Louise Muller, foi vista no canal Odisseia no passado dia 26-06-2021.

## 2. PAPEL DOS PARCEIROS DE DESENVOLVIMENTO

### 2.1. FINANCIAMENTOS E AGÊNCIAS MULTILATERAIS

Em 2018 a multinacional *Deloitte* apresentou um trabalho onde eram referidas as fontes de financiamento do “Uma Faixa, uma Rota”, que nos permitiu conceber e apresentar o quadro seguinte.

Neste quadro torna-se evidente que, até 2016, as principais fontes de financiamento eram os quatro maiores bancos estatais e o Banco de Desenvolvimento da China que, só por si, asseguraram 89% do investimento total. Os projetos mencionados neste trabalho têm assim, uma forte componente de investimento chinês, efetuada pelos seus bancos ou pelas suas empresas públicas e portanto, são fundamentalmente do foro da cooperação bilateral.



A criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII) reforça o papel que o multilateralismo pode desempenhar e é uma alavanca para o prosseguimento e reforço da Iniciativa mas, naturalmente, não se circunscreve a ela.

O banco afirma, especificamente, que “*como banco de desenvolvimento multilateral está focado no desenvolvimento do continente asiático tendo como membros países de todo o mundo. Os nossos investimentos em infraestruturas e noutros sectores produtivos almejam o desenvolvimento económico sustentado, a criação de riqueza e a melhoria das ligações infraestruturais*”.

As parcerias financeiras efetuadas com o Banco Asiático de Desenvolvimento, ou mesmo com o Banco Mundial, surgem principalmente, como já referimos anteriormente, na montagem e na execução dos projetos mas, no quadro multilateral, a China montou, inclusivamente, as estruturas que poderemos considerar específicas (próprias), ao criar o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. Essa estratégia foi um êxito, pelo menos pela adesão dos países à repartição do capital do Banco.

O papel das multilaterais, quer o Banco Asiático de Desenvolvimento, quer o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura era, porém, em 2016 muito pouco significativo. Recordemos, no entanto, que este último banco apenas foi fundado em 2015, não sendo de estranhar, pois, em termos absolutos, o seu pequeno contributo até ao final de 2016.

Mas vejamos, entretanto, o que aconteceu de 2016 em diante. Para tal, consultámos os Relatórios do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura e verificámos que foram 130 o número de projetos financiados desde esse ano. Este número tinha sido alterado para 151 nos finais de Novembro de 2021.

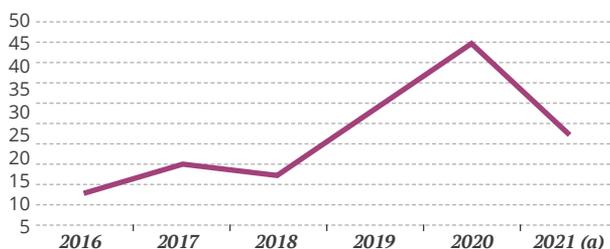
Para se obter uma ideia mais completa sobre o desempenho do banco, elaborámos o quadro seguinte que apresenta a repartição dos financiamentos por ano:



### BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA

ANO	PROJETOS APROVADOS
2016	8
2017	15
2018	12
2019	28
2020	45
2021 (a)	22
<b>TOTAL:</b>	<b>130</b>

(a) - Até Junho

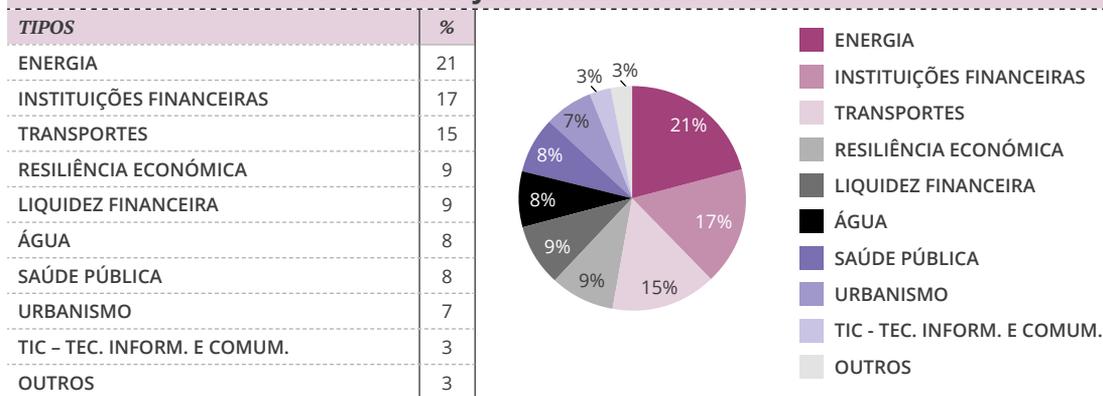


Fonte: Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

No mesmo Relatório é possível constatar quais os tipos de aplicações efetuadas com financiamento do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. O quadro seguinte revela que mais de 50% se destinaram a sectores que se podem inserir na área da metalurgia e metalomecânica. 21% dos financiamentos foram efetuados no sector da Energia, 15% no sector dos Transportes, 8% no sector da Água e 7% no sector do Urbanismo.

De acordo com o Banco foram beneficiados com tais financiamentos 29 países membros do Banco, num total de 25,93 mil milhões de dólares americanos.

### BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA TIPOS DE PROJETOS FINANCIADOS EM %

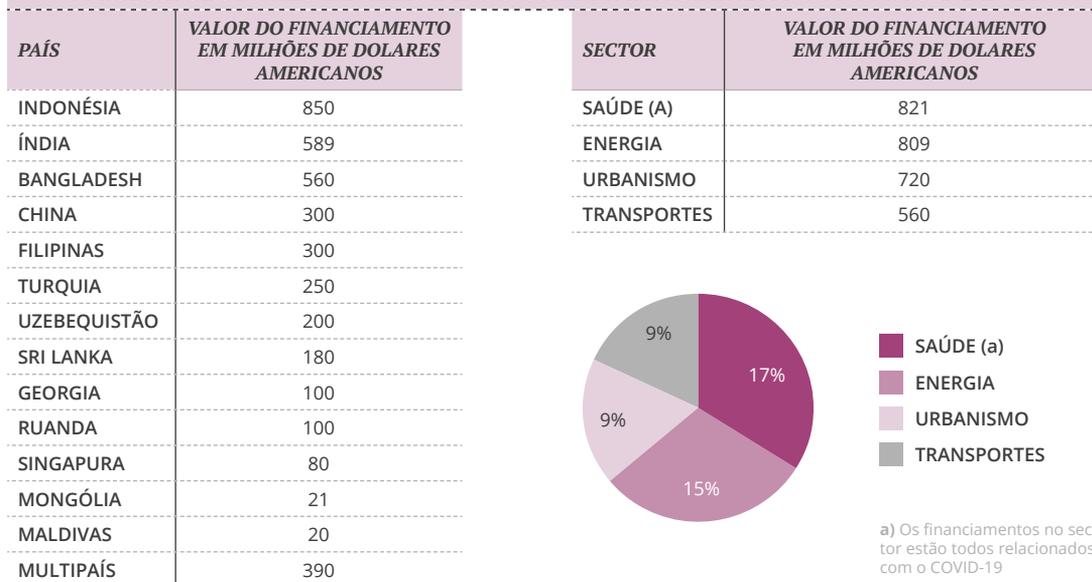


Fonte: Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

Importa agora verificarmos que países e sectores obtiveram financiamento em 2021, até ao mês de junho.

O quadro seguinte retrata tal situação:

### BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA PAÍSES E SECTORES BENEFICIADOS COM FINANCIAMENTO NO ANO DE 2021



a) Os financiamentos no sector estão todos relacionados com o COVID-19

Fonte: Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

É curioso verificar que a Indonésia foi o país mais beneficiado com financiamentos em 2021. Na realidade, viu dois dos seus projetos aprovados. Um no valor de 310 milhões de dólares para reforço da distribuição de energia em Bali e ilha de Java e outro de 500 milhões de dólares destinado ao combate urgente à pandemia.

O posicionamento da Índia relativamente aos financiamentos obtidos vem dar razão ao afirmado pelo Professor Harsh V. Pant<sup>(39)</sup>. Durante o primeiro semestre de 2021 a Índia beneficiou do financiamento em quatro projetos: nos sectores da energia (distribuição de gás e melhoria no sistema de distribuição de energia – 379 milhões) e dois projetos na área urbanismo (210 milhões).

O terceiro país mais beneficiado é o Bangladesh que no decurso de 2021 beneficiou de dois projetos: um de apoio financeiro para resposta à crise económica, no valor de 300 milhões de dólares e um outro no valor de 260 milhões no sector dos transportes (construção de uma ponte).

Verifica-se, pois, que o Banco está a constituir-se como uma fonte de financiamento alternativa ao Banco Asiático de Desenvolvimento e ao Banco Mundial. Torna-se, sugerimos, importante estudar mais aprofundadamente o funcionamento deste banco e ver como pode servir as nossas empresas metalúrgicas e eletromecânicas.

## 2.2. CHINA E CONCEITO DE MULTILATERALISMO

Mas o que pensa a China do multilateralismo? Qual o seu conceito? Onde se aplica?

Recentemente, Mrs. Fu Ying ex. Vice Ministra dos Negócios Estrangeiros da China<sup>(40)</sup>, publicou um texto (embora dirigido à União Europeia) onde nos elucida sobre como a China vê o multilateralismo<sup>(41)</sup>. Nesse texto, no essencial, é afirmado<sup>(42)</sup>:

### Em termos globais:

- O multilateralismo é, no fundamental, encontrar consenso através de consultas e gestão partilhada através da cooperação, para se obterem benefícios numa lógica de *win-win*;
- A China acredita que os desafios que a humanidade enfrenta devem ser vencidos através da cooperação internacional e que as divergências entre países devem ser resolvidas no quadro das Nações Unidas;

### no caso especial da União Europeia:

- A cooperação da China com a União Europeia tem sido frutífera e estão firmadas as fundações em que assentará a futura cooperação;
- A China e a União Europeia tem já relações de interdependência de alto nível. O comércio da China com a União foi de 649, 5 mil milhões de dólares, o que torna a China seu maior parceiro comercial.

(39) Referimo-nos em capítulo precedente ao Professor Harsh V. Pant a propósito da Índia ser membro do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, não obstante o conflito que mantém com a China na região de Cashemira e Jammu que tem levado inclusive a ações armadas entre os dois exércitos.

(40) Fu Ying é a atual Presidente do Center for International Security and Strategy (CISS), na Universidade de Tsinghua, localizada no noroeste de Pequim. Tem 21 escolas e 59 departamentos com faculdades em ciências, engenharia, humanidades, direito, medicina, história, filosofia, economia, gestão, educação e arte.

(41) O texto reflete um desejo de aproximação ao diálogo com a União Europeia e evoca o recente apoio da China, no quadro da pandemia COVID-19, a alguns dos países membros.

(42) A feita do texto que se segue é uma tradução livre do texto original, publicado em língua inglesa.

**e, lembrando:**

- O China Railways Express durante a pandemia do COVID-19 difundiu imensas quantidades de anti-vírus (produtos e mercadorias) aos membros da União, contribuindo desta forma para o combate à epidemia;



- Não tem dúvidas, a despeito da distância geográfica, que a União e a China estarão juntos e que têm um grande potencial de cooperação;

**para concluir:**

- Existem, porém muitos mal entendidos, incompreensões e diferenças entre a China e a União, o que não é surpreendente face á existências de duas histórias e culturas diferentes. Os dois devem dialogar mais e não decidir tendo como base tais mal entendidos. A crise provocada pelo COVID-19 foi uma lição que faz entender a necessidade da existência do multilateralismo. A China e a União devem expandir a comunicação entre si, devem sistematicamente conversar e trocar ideias;

**e voltando ao multilateralismo, entendido na sua globalidade:**

- Para muitos chineses o multilateralismo é um conceito relativamente novo e por tal a necessitar de aprendizagem e aceitação o que, naturalmente, leva tempo;

- Não obstante a China tornou-se membro de várias instituições multilaterais de que são exemplo a GATT – General Agreement on Tariffs and Trade, predecessor da WTO – World Trade Organization, o Banco Asiático de Desenvolvimento em 1986, e a Asia-Pacific Economic Cooperation – APEC, entre outras. A China valoriza imenso a cooperação multilateral, feita no quadro das instituições das Nações Unidas, da WTO e no Grupo dos 20 – G20. A China considera-se por isso um parceiro inestimável ao nível dos contributos financeiros para essas organizações que conduzem ações que visam recuperações económicas, combate às mudanças climáticas, promoção da saúde pública e luta contra o terrorismo;
- Já no século XXI a China passou a ser mais proactiva de que é exemplo a criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, mas também a Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”<sup>(43)</sup>;
- A China considera pois, que para um parceiro que chegou mais tarde ao mundo do multilateralismo, tem feito progressos assinaláveis;

**e, voltando a referir-se à União Europeia, Fu Ying, escreve no seu texto:**

- A União Europeia é um produto do êxito do multilateralismo. Citando Frederica Mogherini<sup>(44)</sup>, o multilateralismo faz parte do ADN da União. Está segura que para os seus países membros o multilateralismo não significa uma ferramenta para defender os interesses de um só dos parceiros. A China, exalta, também não;
- O multilateralismo deve ser baseado em três grandes princípios: igualdade, benefícios mútuos e abertura de espírito e deve partilhar valores comuns, como são a paz, o desenvolvimento, a justiça, a justiça, a democracia e a liberdade;

**e termina o seu texto fazendo um apelo à Europa:**

- As relações entre a China e os Estados Unidos estão complicadas. Não há razão para que Washington e Pequim peçam à União para tomar o partido por qualquer dos intervenientes. Antes e pelo contrário, a União deve apoiar, quer a China quer os Estados Unidos, a lutar contra as divergências destes dois países;

**E finaliza:**

- A cooperação intensa entre a China e a União Europeia será a vitória do multilateralismo.



(43) É de salientar que a China, como já vimos anteriormente, não vê a Iniciativa como uma ação própria mas sim como uma ação multilateral.

(44) Frederica Mogherini é uma diplomata italiana que desempenhou as funções de Alta Representante da UE para Política Externa e Segurança de 2014 até 2019.

## 3. RELAÇÕES DA CHINA COM O MUNDO

### 3.1. CHINA E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Numa altura em que os Estados Unidos da América elegeram um novo presidente, podia-se perguntar se a eleição de Joseph Biden iria trazer modificações na política dos Estados Unidos versus a China.

Alguns autores, entre os quais se destaca Kishore Mahbubani (autor a que já fizemos referência anteriormente) dizem-nos claramente e, como já reportámos, que as políticas de Trump dividiram claramente os Estados Unidos, mas que existe a exceção da manutenção da guerra comercial e tecnológica com a China.

Pelas acções contra a China, já desenvolvidas pelo novo Presidente, tal afirmação, surge como bem provável.

De facto, na última cimeira do G7<sup>(45)</sup>, Biden exortou o ocidente e o Japão a combaterem a influência económica da China, não desejando assim que as nações abrem as suas economias (particularmente os seus portos) e as redes de comunicação, aos chineses. Desta forma Biden dá consistência às declarações proferidas em 2017, pelo Chefe de Estado Maior Conjunto dos Estados Unidos<sup>(46)</sup>, que afirmava: “a China representará, provavelmente a maior ameaça para a nossa nação por volta de 2025”.



Ainda de acordo com Mahbubani, para os Estados Unidos, existem dois regimes autoritários que procuram moldar o mundo à sua semelhança – a China e a Rússia. Estes dois países tentam adquirir autoridade sobre as decisões económicas, diplomáticas e de segurança nacional sobre os restantes países. Não é assim de estranhar que a estratégia de defesa dos Estados Unidos<sup>(47)</sup> passe pelo combate a esta situação.

Voltando à cimeira de Junho de 2021, e para o combate direto à Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, o Diário de Notícias publicava que os líderes do G7 acordaram lançar uma nova Iniciativa apelidada de “Reconstruir melhor para o mundo” com vista a responder às necessidades nos países mais carentes, ou seja aos Países da América latina, Caraíbas, África e Indo-pacífico.

Este plano visa, referiu na altura a Casa Branca, reduzir as necessidades do mundo em infraestruturas e apontava-se uma estimativa de 40 triliões de dólares para suportar financeiramente o plano, que envolveria projetos nos sectores climatéricos, melhorias na *network* de transportes entre a Ásia e a Europa, segurança sanitária, tecnologia digital e igualdade de género.

(45) Designa-se por G7 o grupo dos países mais industrializados do mundo: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido; embora a União Europeia também esteja representada.

(46) O Chefe de Estado Maior dos Estados Unidos era à altura o General Joseph Dunford.

(47) Mahbubani afirma mesmo que o referido vem expresso no resumo do documento sobre Estratégia de Defesa Nacional dos Estados Unidos.

Enquadrando o “Reconstruir melhor para o mundo” fazem-se duras críticas à China acusando-a de falta de transparência, deficientes padrões laborais e ambientais e ainda que, pela pelo que já se pode observar, terão deixado os países beneficiários numa situação pior daquela que se encontravam.

A relação entre a China e os Estados Unidos da América é, neste momento, realmente muito complexa. Mas foi sempre assim?

Como já vimos anteriormente as relações têm tido altos e baixos e têm servido aos Estados Unidos e à China para definir e atingir objetivos históricos e estratégicos. Lembramos que as relações com a China foram úteis na altura da guerra fria com a União Soviética e que os Estados Unidos foram importantes para que a China, a partir do momento em que este país entendeu que se devia abrir ao mundo.

Para explicar o relacionamento entre os dois países, alguns autores referem que os Estados Unidos e a China não são nem aliados, nem inimigos, mas simplesmente concorrentes.

Mas, voltemos à história, para poder analisar o que se passa hoje ao nível das relações entre os dois países.

Os Estados Unidos, até à década de 70 reconheciam Taiwan como a República da China e como tal não reconheciam o regime de Pequim. Porém, quando a China entrou em cisão forte com a União Soviética, os Estados Unidos entenderam por bem abrir-se à China continental. Era uma batalha vencida na Guerra Fria mantida com Moscovo.

Não obstante, as relações entre Washington e Pequim mantiveram-se instáveis e agravaram-se com a dissolução da União Soviética que, na visão chinesa, levaram os Estados Unidos a assumir-se como o líder mundial e polícia do mundo<sup>(48)</sup>.

Os americanos contrapunham com a tese da falta de liberdade e não cumprimento por parte da China da declaração dos direitos humanos. À tensão acrescia ainda a problemática que envolve o estatuto político de Taiwan.

Mas, existem fatores de aproximação entre os dois países. São exemplo, o combate ao terrorismo e à proliferação nuclear e, naturalmente, o facto de, não obstante a legislação comercial restritiva, existirem relações económicas significativas.

Mas, voltemos um pouco atrás... Na década de 50 os Estados Unidos e a China confrontaram-se na Guerra da Coreia<sup>(49)</sup> quando o exército americano penetrou em território chinês. Esta situação conduziu a uma ofensiva militar de Pequim que derrotou o 8º exército dos Estados Unidos<sup>(50)</sup>. Decorrente da guerra a Coreia do Norte e do Sul mantiveram-se divididas pelo paralelo 38, o que acabou por ser considerado estabilizador das relações sino-americanas.

(48) Esta expressão foi algumas vezes utilizada pelo próprio Presidente Donald Trump para influenciar os seus aliados a serem mais participativos em várias crises, de que é exemplo a retirada de tropas da Síria.

(49) A guerra da Coreia teve o seu epílogo em Julho 1953.

(50) Esta derrota ainda é considerada hoje como a maior do exército americano.



Entre 1949 e 1971<sup>(51)</sup> as relações entre os dois países foram, portanto muito conflituosas e com acusações mútuas, embora John Kennedy tivesse tentado inverter e apaziguar essas más relações. A sua morte em 1963, o início da guerra do Vietname (1954-1975) e a Revolução Cultural na China (1966-1976), contrariaram, contudo essa tentativa.

A invasão da Checoslováquia pela União Soviética (1968), a visita de Nixon a Pequim (1972) e a derrota americana do Vietname (1975) levaram as autoridades chinesas a considerar que o seu principal adversário afinal não eram

os Estados Unidos mas sim os soviéticos. Tal, criou um clima de uma maior abertura dos chineses para com os norte-americanos.

Porém a venda de armamento americano a Taiwan veio trazer, novamente, a deterioração das relações entre os dois estados. Só em 1982, após meses de negociação, foi possível chegar a um acordo no qual o governo americano afirmava a sua intenção de reduzir gradualmente a venda de armamentos a Taiwan enquanto a China se comprometia a buscar soluções pacíficas para as disputas com a ilha.

A partir de 11 de Setembro de 2001 as relações sino-americanas melhoraram substancialmente. A China ofereceu apoio logístico e financeiro e votou ao lado dos Estados Unidos, na aprovação da resolução das Nações Unidas, que previa a intervenção militar no Afeganistão.

Os Estados Unidos, face a estas respostas da China, deixaram de considerar a China como seu principal rival, focando-se a partir daí no Médio Oriente.

Não obstante, a China foi-se mostrando preocupada com a abertura de bases militares americanas em países da Ásia Central (Uzbequistão e Tadjiquistão) mas, a cada vez maior relação comercial, entre os dois países obstou a que a rivalidade assumisse maiores proporções.

A era Trump foi muito complicada e deteriorou as relações entre os dois países, embora tivesse sido anunciado pelo Presidente chinês num encontro em Pequim com empresários e ex-autoridades norte-americanas, o desejo de “concluir um acordo que ponha fim à prolongada guerra comercial entre os dois países, mas que não tem medo de “retaliar” se necessário”.

Estava em causa a estipulação por Washington de taxas alfandegárias adicionais, de 15%, sobre bens importados da China como por exemplo telemóveis, portáteis ou utensílios domésticos. Os governos dos dois países, numa guerra comercial que começou em 2018, já tinham imposto taxas alfandegárias sobre centenas de milhares de milhões de euros de bens importados um do outro.

(51) Os dois países mantiveram contudo, encontros bilaterais. Foram realizados a partir da primeira reunião de Varsóvia em 1958, cerca de 140 encontros entre os dois países.

Mas estavam também em causa os planos de Pequim para o sector tecnológico que visam transformar as empresas públicas chinesas em importantes atores globais em sectores de alta tecnologia como inteligência artificial, energia renovável, robótica e automóveis elétricos.

Os EUA consideraram que estes planos violam os compromissos que a China assumiu aquando da abertura ao mercado externo, particularmente e como já referimos em capítulo anterior, ao, por um lado, forçar as empresas estrangeiras a transferirem tecnologia e, por outro, ao atribuir subsídios às empresas nacionais, enquanto as protege da competição externa.

A presidência de Obama<sup>(52)</sup> trouxe consigo um maior relacionamento político e económico com a China. As autoridades chinesas reagiram de forma muito positiva à eleição de Barak Obama particularmente sobre a campanha que este fez relativamente ao trabalho a desenvolver para proceder ao combate às alterações climáticas.

Tal, acabou por ter reflexos muito importantes na cooperação entre os dois países, sendo abertas portas para a colaboração, entre as universidades e cientistas dos dois países e teve o seu ponto alto na deslocação de Xi Jinping aos Estados Unidos em 2013 para um encontro bilateral com Obama com o objetivo de se construir o que se apelidou de “novo modelo nas relações entre os dois países”.



Nesse encontro não foram porém ultrapassadas as questões relativas à problemática da venda de armamento a Taiwan e à espionagem cibernética alegadamente efetuada pela China.

A questão da espionagem chinesa tornou-se um dos pontos centrais do desaguisado entre os dois países, ao ponto do FBI em Julho de 2020, pela voz do seu diretor, Christopher Wray<sup>(53)</sup> considerar que a espionagem chinesa é a maior ameaça a longo prazo para o futuro dos Estados Unidos.

Mas, surgiu recentemente um outro ponto de discórdia: a questão de Hong Kong a qual envolve o Reino Unido.

De acordo com a revista de The Economist, o Reino Unido fez uma viragem de 180 graus relativamente à política com a China. Enquanto, David Cameron<sup>(54)</sup>, sonhava ser o maior amigo da China,

(52) O então Presidente chinês Hu Jintao foi um dos primeiros a felicitar Obama pela sua vitória, telefonando-lhe no próprio dia da eleição e assumiu que a China e os Estados Unidos deveriam trabalhar em conjunto para desenvolver e melhorar as relações políticas.

(53) Christopher Wray informou ter na altura cerca de 2000 processos abertos vinculados ao governo da China e que o FBI abre um novo caso de contra-inteligência ao ritmo de 1 caso a cada 10 horas.

(54) David Cameron foi 1º Ministro do Reino Unido entre 2010 e 2016.

Boris Johnson, endureceu a sua política para com a China e está interferindo na política deste território autónomo através da criação de um passaporte britânico denominado BNO – British National Overseas, que dá o direito aos habitantes de Hong Kong a viajarem para o estrangeiro.

Tal é considerado pelos chineses com uma interferência na política interna.

Anthony Blinken, atual Secretário de Estado e chefe da diplomacia americana, teceu em Março de 2021, no primeiro encontro de alto nível entre os dois países, já na era Biden, fortes críticas à China, pegando na questão de Hong Kong, mas também na questão dos campos de reeducação do território autónomo de Xinjiang onde alegadamente existe uma minoria étnica perseguida – os uigures – na problemática de Taiwan e na chantagem económica a países da esfera regional e de influência da China, tendo afirmado: “Cada uma dessas ações ameaça a ordem assente em regras visando a estabilidade global” e “... os EUA não deixarão de responsabilizar Pequim pelas suas ações”.

Por sua vez a China manteve nesse encontro a sua postura habitual referindo que os “EUA não devem intrometer-se na vida doméstica da China e que, ao fazê-lo, estão a contribuir para desestabilizar o continente asiático”.

Yang Jiechi<sup>(55)</sup>, de acordo com David Santiago do Jornal Económico, “acusou mesmo Washington de hipocrisia por usar o seu poderio económico e militar para reprimir outros países e apontou o dedo aos problemas que os EUA há longas décadas enfrentam ao nível dos direitos humanos, exemplificando com os confrontos do ano passado a propósito do movimento Black Lives Matter para afirmar que há pessoas negras a serem “abatidas”.



O diplomata defendeu ainda que até os próprios americanos desconfiam hoje da sua democracia e instituições democráticas.

Mais recentemente, em Julho de 2021, Biden fez um ataque frontal à China, acusando-a de proteger (e talvez dar os meios) para a realização de ataques cibernéticos ao grupo Microsoft, acusação a que respondeu de imediato a China, referindo que não só não é verdade como ela própria sofre tais ataques.



(55) Yang Jiechi é um alto funcionário chinês que passou a maior parte da sua vida nos Estados Unidos, tendo sido Embaixador da China em Washington de 2001 a 2005.

Este ataque de Biden à China foi de imediato secundado pela União Europeia e pelo Reino Unido. Para concluir retomemos a reunião dos G7, a que nos referimos anteriormente, onde foi anunciada a iniciativa “Reconstruir melhor para o mundo” ou na designação anglófona “Build Better World – B3W”.

Trata-se da iniciativa que, decorrente da “guerra” comercial entre os dois países, pode trazer algo importante para o mundo em termos do desenvolvimento e crescimento, principalmente das economias menos desenvolvidas, já que se constitui ou pode constituir como uma nova fonte de financiamento.

Não existem dúvidas que é uma resposta à Iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota” e com ela pretende rivalizar.

De acordo com Fernanda Ilhéu num artigo publicado na Newsletter da Ordem dos Economistas em Julho de 2021, a B3W não é uma ideia nova mas sim o buscar de uma ideia de Hillary Clinton<sup>(56)</sup> anunciada num seu discurso político em 2011.

Nessa altura a iniciativa foi curiosamente intitulada “Nova Rota da Seda” e Hillary afirmava que se focava *“numa nova estratégia para o desenvolvimento da economia do Afeganistão e dos países vizinhos. O gás dos campos do Turquemenistão poderão ajudar quer o Paquistão, quer a Índia a satisfazer as suas necessidades crescentes de energia e poderão fornecer receitas de trânsito quer ao Afeganistão quer ao Paquistão. O algodão tajique<sup>(57)</sup> poderá ser transformado em linhos indianos. O mobiliário e frutos do Afeganistão podem encontrar mercados em Astana ou Mumbai ou outros locais”*.

Esta ideia original veio a encontrar desenvolvimentos vários e foram concebidos diversos projetos (cerca de quarenta) financiados pelos Estados Unidos, incluindo o de apoio a um acordo de livre comércio entre o Afeganistão e o Paquistão, a construção de um pipeline para gás natural entre o Turquemenistão e a Índia, a via Índia, Afeganistão e Paquistão e o fornecimento de energia eléctrica ao Afeganistão.

Porém, esses projetos não chegaram a ver a luz do dia, embora tivessem envolvido encontros e reuniões durante anos.

Relativamente à B3W, neste momento não nos é possível saber nem detalhes nem a iniciativa vai ter ou não desenvolvimento.

Conforme escreve Fernanda Ilhéu a “concorrência entre a Nova Faixa, Nova Rota e a B3W parece ser uma solução redutora de soma zero.

Seria preferível que ambas coexistissem numa visão de cooperação”.

---

(56) Hillary Clinton foi Secretária de Estado dos Estados Unidos, responsável pela política externa, entre 2009 e 2013, para além de ter sido senadora por Nova Iorque (2001-2009), primeira dama (1993-2001) e candidata à Presidência dos Estados Unidos nas eleições de 2016.

(57) Tajique é uma designação genérica para uma larga gama de povos Persas que falam a língua persa, são de origem Iraniana e cujas pátrias são hoje o Afeganistão, o Tajiquistão e o Uzbequistão, havendo ainda pequenas comunidades vivendo no Irão e no Paquistão.

Estamos a viver momentos de incerteza nas relações entre os Estados Unidos e a China e é impossível prever o futuro.

Kishore Mahbubani, sobre esta matéria escreveu no seu livro “A China já ganhou?” que a questão se resume a “como nos indica Michael Spence<sup>(58)</sup>, ou ganhamos todos (não apenas a China e os Estados Unidos) ou não ganha ninguém”.



### 3.2. CHINA E PAQUISTÃO – ÍNDIA

A China e o Paquistão, que compartilham uma fronteira terrestre de mais de 500Km, são aliados desde que foram estabelecidas relações diplomáticas, ou seja desde 1951. O Paquistão manteve para com a China uma relação estreita ainda quando esta estava fechada ao mundo.

O relacionamento estável entre os dois países tem permitido ao Paquistão ter a China como o principal parceiro, quer no campo económico, quer no campo tecnológico, quer ainda na assistência militar. Esse relacionamento tem vindo a ser reafirmado entre os líderes dos dois países, mesmo em momentos complexos como foi o da crise provocada pela morte de Osama Bin Laden (2011) que gerou conflitos entre os Estados Unidos e o Paquistão. Nessa altura foi efetuado pela China como um pacto de proteção ao Paquistão contra a influência dos Estados Unidos.

Não podemos falar sobre o relacionamento entre estes dois países sem equacionarmos o posicionamento da Índia, dado que as tensões indo-paquistanesas têm vindo a ameaçar a segurança internacional<sup>(59)</sup>. O que está em causa é a questão de Caxemira, que leva o Paquistão a acusar a Índia de não querer resolver o conflito de forma bilateral e de não respeitar as resoluções da ONU, e a Índia a referir que o Paquistão alimenta e promove atentados sobre a Caxemira indiana.



(58) Michael Spence é um economista americano, professor na Universidade de Nova Iorque que foi prémio Nobel da Economia em 2001.

(59) Recorde-se que ambos os países detêm armamento nuclear e ambos desenvolvem novas tecnologias de fabrico de mísseis.

Mas, este conflito, apresenta-se ainda mais complexo se tivermos em atenção que a cooperação do Paquistão é indispensável no combate aos talibãs no Afeganistão<sup>(60)</sup> e que de ponto de vista económico o Paquistão desempenha um papel muito importante, senão fundamental, no escoamento do petróleo<sup>(61)</sup> e do gás natural para a Ásia Central.

O desenvolvimento e o crescimento da China tem vindo, nos últimos anos, a alterar a posição dos Estados Unidos para com a Índia.

Em 2017 os dois países conjuntamente com o Japão e a Austrália retomaram as atividades decorrentes do diálogo “Quadrilateral Security Dialogue”<sup>(62)</sup> para promover o desenvolvimento de estratégias para lidar com a expansão do poder militar e de influência política e económica da China.

Decorrentes da aproximação entre os dois países, os Estados Unidos em 2019 superaram a China em termos de relacionamento comercial, passando a ser o principal parceiro comercial da Índia e em paralelo viram-se acrescidas as relações entre os dois países no campo tecnológico e militar.

Esta aproximação entre a Índia e os Estados Unidos e o conseqüente afastamento da China não foi feito sem tensões.

Durante a administração Trump surgiram vários conflitos provocados pelas políticas protecionistas americanas (aumento das tarifas alfandegárias), que foram *correspondidas* pela Índia por políticas da mesma ordem. Para essas tensões contribuiu ainda o facto da Índia ter feito importações significativas de armamento da Rússia.

Em conclusão podemos pois afirmar que o Paquistão é um forte aliado da China, contrariamente à Índia que não o sendo também não se pode considerar um inimigo dos Estados Unidos da América.

O relacionamento da Índia com a China não deixa de ser bem pragmático. Veja-se, por exemplo, o pragmatismo na adesão polémica do país ao Banco de Investimento em Infraestrutura, do qual, como já referimos, foi um dos principais beneficiários em 2021.



(60) Esta situação tem vindo, contudo, a perder importância desde que o presidente Obama anunciou uma retirada gradual das tropas americanas e o presidente Biden a implementou.

(61) O litoral paquistanês, no Mar da Arábia, permite acesso rápido ao Golfo Pérsico e às rotas internacionais do petróleo.

(62) O “Quadrilateral Security Dialogue” é um acordo que permite aos Estados Unidos, ao Japão, à Austrália e à Índia alimentarem um diálogo sobre as estratégias geopolíticas a desenvolver na região.

### 3.3. CHINA E UNIÃO EUROPEIA

A União Europeia tem, face à problemática internacional, procurado desempenhar o papel de equilibrador internacional, não deixando, porém, de procurar o estreitamento de laços com parceiros estratégicos. É, neste enquadramento, que procuramos analisar o relacionamento com a China atendendo às alterações que se têm vivido, provocadas pelo papel cada vez mais importante que este país tem desempenhado e muito em particular desde que a Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”, entrou em marcha.

Nesta situação, não é de estranhar que as relações entre os dois tivessem tido altos e baixos, umas vezes de proximidade e outras vezes de afastamento.

As relações entre a UE e a China iniciaram-se formalmente em 1975, mas só em 2003 é que ambos se reconhecem como parceiros estratégicos.

Até lá, apenas houve um momento importante de fricção aquando dos incidentes ocorridos nos anos 80, na Praça de Tiananmen, que levou ao embargo, imposto pela UE<sup>(63)</sup> em 1989, de vendas de armas à China.

Em 2004, o Presidente da Comissão Europeia (Romano Prodi) visitou a China e logo de seguida foi o primeiro-ministro chinês (Wen Jiabao) a efetuar uma visita a Bruxelas.



Nestes encontros foi afirmado por Prodi que *“A China está a tornar-se um ator cada vez mais global (...) Neste contexto, considero que a UE e a China têm cada vez mais interesse em trabalhar em conjunto como parceiros estratégicos para promover o desenvolvimento sustentável, a paz e a estabilidade a nível mundial e reforçar a sua cooperação de uma maneira geral”*.

Destes encontros resultaram Memorandos de Entendimento de cooperação na área aduaneira, de combates à contrafação e contra a violação dos direitos de propriedade intelectual.

Foi ainda efetuada a assinatura da Declaração Conjunta relativa à participação da China no programa Galileo<sup>(64)</sup>, declaração essa negociada desde 2003 entre os dois parceiros.

Esta participação afigurou-se como muito importante pelos recursos técnicos (desenvolvimento de aplicações e de pesquisa) e financeiros que a China aportou ao programa (200 milhões de €).

Não obstante, estes entendimentos a União Europeia não levantou o embargo à compra de armas estabelecido, como vimos, em 1989.

(63) Vários países membros da UE têm-se manifestado a favor do levantamento do embargo. É o caso de Portugal, Espanha e Grécia. Mas, não existe um consenso sobre esta problemática pois existem países como os escandinavos, os Países Baixos e ex. membro Reino Unido que se opõem determinantemente ao fim do embargo.

(64) O Programa Galileo é o programa de navegação por satélite da União Europeia. Constitui-se como uma alternativa aos sinais americanos, GPS, e ao russo, GLONASS, que contrariamente ao sistema europeu, estão sob o controlo militar.

Por isso, a China, nos anos seguintes fez grande pressão sobre a União com vista a abolir tal embargo.

Mas, nova fase de esfriamento de relações vem a ocorrer, quando a UE emitiu um comunicado intitulado “UE China: Parceiros mais próximos, responsabilidades crescentes” onde foi muito crítica ao referir *“Atendendo a que na área dos direitos e liberdades fundamentais o progresso no terreno tem sido limitado “(...) “as suas expetativas (as da UE) eram cada vez menos correspondidas (...)” e que a “(...) a UE pode ajudar mais efetivamente no processo de reforma da China (...)”, argumentando ainda “(...) que uma melhor proteção dos direitos humanos, uma sociedade mais aberta e um governo mais responsável seriam benéficos para a China e essenciais para o crescimento económico contínuo (...)”.*

É de referir que, nesta altura, o défice comercial da UE face à China aumentava, sendo em 2006, já superior a 100.000 milhões de euros.

A UE reconhecendo a importância económica crescente da China entendeu por bem, não obstante os problemas existentes de relacionamento, iniciar negociações para a obtenção de um novo acordo bilateral, tendo para o efeito feito deslocar em 2007 a Pequim a, Comissária Europeia para as Relações Externas e a Política Europeia de Vizinhança. A Comissária reconhecia, na altura, “a existência de alguns pontos de discórdia e desentendimento, mas a maturidade do relacionamento entre as partes permitia que prevalecesse a vontade de resolver e minimizar as contendas”.

O ano de 2007 que marcou o início da crise financeira dos Estados Unidos que rapidamente alastrou a todo o mundo, acabou por ser determinante nas “novas” relações UE-China, não propriamente sob o ponto de vista bilateral mas, porque, a China acabou por ter um papel muito ativo na questão da recuperação das economias de per si, em muitos dos países da UE.

Em 2008, surgiu um novo arrefecimento nas relações, provocadas pela questão do Tibete, onde ocorreram tumultos fortemente reprimidos. Tal, levou a UE a questionar novamente as práticas de liberdade e de garantia dos direitos humanos na China, e a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, não contou com a presença da Chanceler alemã, Angela Merkel e do Primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Acresce ainda que no final desse mesmo ano o Presidente da UE, Nicolas Sarkozy, recebeu o líder do Tibete (Dalai Lama), o que foi visto pela China como uma afronta. Este último episódio levou mesmo ao cancelamento de mais uma cimeira UE-China.

Em 2009, o European Council on Foreign Relations (ECFR)<sup>(65)</sup>, publicou um relatório intitulado “A Power Audit of UE China Relations”, onde informa como cada um dos estados membros da União se posiciona relativamente à China<sup>(66)</sup>, agrupando-os, em consequência, em quatro grandes grupos:

- Os que pretendem uma abordagem mais forte relativamente à China (p.e. medidas de proteção “antidumping” contra mercadorias chinesas subsidiadas, e/ou ameaças com ações comerciais). Neste grupo de países incluía-se a Alemanha, a Polónia e a Chéquia;
- Os que não se opõem a restringir o comércio com a China mas que a devem pressionar politicamente: a Dinamarca, a Holanda, o Reino Unido e a Suécia;

(65) O European Council on Foreign Relations (ECFR) é um Instituto Pan-Europeu que se dedica à investigação de temáticas como política social, estratégia geopolítica, economia, assuntos militares, tecnologia e cultura. O ECFR foi fundado em 2007 e tem na UE sete escritórios na União; Berlim, Londres, Madrid, Paris, Roma, Varsóvia e Sofia.

(66) Recorde-se que a Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” foi anunciada apenas em 2013. Esta Iniciativa como veremos posteriormente irá alterar em substância a classificação feita pelo ECFR.

- Os que entendem que as boas relações políticas com a China conduzirão a boas relações económicas. Estão neste grupo Bulgária, Chipre, Eslováquia, Eslovénia Espanha, Finlândia, Grécia, Hungria, Itália, Malta, Portugal e Roménia<sup>(67)</sup>;
- Os que entendem não ser a China fundamental nas suas questões políticas e comerciais. Estão neste grupo a Áustria, a Bélgica, a Estónia, a Irlanda, a Letónia, a Lituânia e o Luxemburgo.

O documento mostra-se particularmente importante pois evidencia a inexistência de um padrão, entre os estados membros, para o relacionamento com a China.

Tal falta de coesão deve-se, em grande parte, à crise financeira americana pois esta conduziu a que a China de imediato viesse a dar apoio aos estados que mais sofreram sob o efeito da crise. Tornava-se assim, muito complicado para a União, poder falar em nome de todos os estados membros, quando estes em situações concretas têm posições opostas.

Tal, muito bem compreendido pela China levou a que este país passasse a dar relevância aos acordos bilaterais país a país e daí decorrente foram assinados vários acordos com países membros da União de que destacam os acordos feitos com a Alemanha, França, Grécia, Hungria, Portugal e Reino Unido.

Na opinião de Jeremy Garlick<sup>(68)</sup> e outros académicos, tal constituiu uma política de “dividir para reinar”.

Nos anos seguintes as relações entre a China e a UE mantiveram-se estáveis com ambos a manifestar o seu desejo de as aprofundar. As questões internacionais, como economia mundial, as mudanças climáticas, o comércio e os negócios, mantiveram-se no centro das atenções e alvo de aprofundamento nas várias Cimeiras realizadas mas, as questões centrais de discórdia, iam-se mantendo.

A partir do anúncio em 2013 pelo Presidente Xi Jinping da Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” as relações entre a UE e a China mudam radicalmente e a relevância dos acordos entre a China e os países membros passa a assumir-se, como vimos, como primordial. A China torna-se um forte investidor nos estados membros nos sectores da energia, do imobiliário, da agricultura, da mineração, da tecnologia da informação e comunicação e ainda em equipamentos industriais.

Na indústria de *per se*, a China investiu de forma significativa em parcerias no sector automóvel em empresas da Suécia, Itália, Alemanha e França, e no sector das tecnologias é exemplo a compra pela empresa chinesa Tencent<sup>(69)</sup> da empresa finlandesa Supercell. A Alemanha, a Itália, Portugal e o Reino Unido, são países que servem para dar como exemplo das participações das empresas estatais chinesas nas suas economias.

De facto o relacionamento económico entre a China e os países da União sofreu um incremento significativo a partir de 2013 e em 2017 a UE reconhecia que o fluxo de investimentos diretos chineses na Europa já tinha superado os fluxos (decrecentes) de investimentos diretos europeus anuais na China.

(67) Não é de estranhar que se encontrem neste grupo os países afetados pela crise das dívidas soberanas e que tiveram diretamente ou indiretamente apoio da China na sua recuperação económica.

(68) Jeremy Garlick é diretor do J. Masaryk Centre of International Studies da University of Economics and Business, de Praga. É autor de diversos livros sobre a China e a “Uma Faixa, uma Rota”

(69) A Tencent é hoje a maior empresa de “Games” no planeta.

Neste ano, a UE permanece o maior parceiro comercial da China, comercializando um valor aproximado de 1 500 milhões de euros, com um défice comercial entre a União e a China bastante significativo, na ordem dos 185 000 milhões de euros.



A adesão ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, multilateral criada por Pequim, que já abordámos em capítulo próprio, foi a prova evidente do aproximar dos países de forma bilateral à China. Aderiram quase de imediato ao BAII a Alemanha, França, Dinamarca, Espanha, Holanda, Itália, Polónia, Portugal, Suécia, e o antigo país membro Reino Unido.

As próprias empresas europeias acolheram de forma muito positiva a Iniciativa procurando tirar partido de novas oportunidades que pudessem surgir no contexto da mesma, sendo o exemplo mais expressivo, conforme nos indica Frans-Paul Van der Putten<sup>(70)</sup>, o caso das empresas que prestam serviços logísticos em países que têm ligações ferroviárias com a China, como a Alemanha, a Polónia ou a Holanda.

A Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” veio de facto a desempenhar um papel muito significativo no quadro das relações UE – China, uma vez que foram inúmeros os membros da União que assinaram acordos com a China, no âmbito da Iniciativa.

Países, membros da União, mas simultaneamente aliados dos Estados Unidos, como o Reino Unido, Alemanha, Itália e mesmo Portugal assinaram tais acordos e tal teve/tem um impacto muito relevante ao nível da política internacional. A Europa tornou-se o destino preferencial da China.

(70) Van der Puttem é investigador do Instituto Holandês de Relações Internacionais – Clingendael.

Associando os dois vetores determinantes – político e económico – verifica-se, e muitos investigadores o estão referindo, uma perda de influência dos Estados Unidos. Nicola Casarini<sup>(71)</sup> chega a afirmar que “(...) a parceria UE – China faz parte da estratégia chinesa para constranger, de algum modo, os Estados Unidos da América”.

Não é assim de estranhar que os Estados Unidos vejam a China como um adversário cada vez mais forte e influenciador. Tal explica que o atual presidente faça apelos aos seus aliados para se “acautelarem” com a China em sectores vitais como são a energia, os portos, os transportes e as telecomunicações.

No entanto, e já como revelava a Baker McKenzie<sup>(72)</sup> as expetativas mais imediatas na Europa e na União indicam uma tendência crescente de aquisições chinesas de indústrias e empresas tecnológicas europeias, sendo expectável um forte investimento em infraestruturas de transporte e logística e em toda a zona do Sul da Europa.

Em termos conclusivos, podemos nesta altura afirmar que entre a China e a União tem feitos progressos significativos na sua cooperação, particularmente a económica, que se constitui como determinante e que se tem sobreposto às divergências de natureza política e social.

No entanto, o facto da China ter dado grande relevância aos acordos com cada país membro, pelas circunstâncias já descritas, tem levado a que a UE não possa falar a uma voz.

Tal acarreta a estas relações uma grande imprevisibilidade e a dificuldade em projetar o futuro se, em paralelo, tivermos em consideração as pressões que são feitas aos estados membros simultaneamente aliados dos Estados Unidos.

---

(71) Nicola Casarini, é professor em diversas instituições de ensino superior, de que são exemplo o Istituto Affari Internazionali (IAI), o Graduate Institute em Genebra e o Wilson Center em Washington DC. Anteriormente, desempenhou funções no EU Institute for Security Studies em Paris, na Bocconi University em Milan, no European University Institute in Florence e na London School of Economics. (LSE). No quadro da sua atividade de pesquisa e investigação é autor de várias obras que envolvem o relacionamento entre a China e a União Europeia.

(72) A Baker McKenzie é um escritório de advocacia americano, com sede em Chicago, criada em 1949 com vários escritórios na Europa e que tem produzido trabalhos relativo ao investimento da China.

## 4. RELACIONAMENTO CHINA-PORTUGAL

### 4.1. RELAÇÕES HISTÓRICAS

As relações entre Portugal e a China remontam já ao início do século XVI quando em 1513, Jorge Álvares terá levantado o primeiro Padrão Português, em Tamão (Hong Kong) na China. Em 1514 o mesmo navegador estabeleceu um porto de comércio nas ilhas, mas a derrota da marinha portuguesa, oito anos depois, na batalha de Tamão, conduziu a que a Dinastia Ming reocupasse o território.

Tal não impediu que os portugueses tentassem estabelecer-se comercialmente na China, mas só em 1554 conseguem um acordo informal e de amizade com o governo de Cantão e em 1557 recebem autorização para estabelecer um entreposto comercial em Macau.

Conforme nos indica Cármen Amado Mendes, da Universidade de Coimbra *“Macau desenvolveu ao longo dos séculos uma autonomia e identidade distintas às dos restantes territórios do Império Português, resultantes de um status quo que permitiu, durante séculos, a coexistência pacífica entre duas matrizes culturais: ocidental e oriental. Os padres Jesuítas foram os embaixadores de facto de Portugal na corte de Pequim, decisivos também na propagação do cristianismo e da ciência ocidental no país”*.

De facto os jesuítas desempenharam um papel relevante nas relações entre os chineses e Portugal.

A sua grande capacidade intelectual conduziu a que, não obstante a China não consentir permanências de estrangeiros no seu território, os jesuítas atuavam como professores de áreas como a matemática, a cartografia ou a astronomia, onde punham em prática a excelência dos seus conhecimentos. Seja como for, os ocidentais e, claro, os portugueses, sempre foram vistos com desconfiança pelo chineses e, não obstante Portugal ter há muito desistido de entrar em conflitos bélicos para conquista de territórios e ter privilegiado apenas o estabelecimento de relações comerciais, a sua presença foi sempre considerada incómoda.

A guerra do ópio e o conseqüente tratado de Nanquim veio alterar o posicionamento chinês para com os ocidentais. As derrotas militares da China e a perda de Hong Kong para os ingleses colocaram os chineses num ponto de grande fragilidade.

Segundo nos relata, a já citada Cármen Amado Mendes, *“em 1849, o Governador português Ferreira do Amaral impôs pela força a soberania portuguesa de facto sobre o Território, pondo fim à autoridade mandarínica e abolindo a alfândega chinesa e o pagamento do “foro de chão”*.<sup>(73)</sup>

Em 1887, Portugal e China assinaram em Pequim o Tratado de Amizade e Comércio, que reconheceu a “ocupação e governo perpétuos” de Macau por Portugal, embora sem definir os limites do Território.

---

(73) “Foro de Chão” era uma taxa aduaneira obrigatória paga à alfândega chinesa estabelecida em território de Macau e que tinha a ver com os carregamentos de e para Cantão e com a tonelagem dos navios portugueses.



A implantação em 1911 da República na China fez exaltar os sentimentos nacionalistas e como tal foi questionada a validade dos apelidados “Tratados Desiguais” decorrentes da assinatura do tratado de Nanquin. O tratado com Portugal de 1887 foi assim posto em causa e a partir daí Macau, para os chineses, passou a ser tratado como território chinês sob ocupação portuguesa.<sup>(74)</sup>

Na década de 1950, a China não considerou prioritária a volta à soberania dos territórios de Macau e Hong Kong.

Todavia foi exercendo influência sobre os mesmos através da elite empresarial chinesa, que, como nos refere Cármen Amado Mendes “atuava como um “governo sombra” e controlava a vida económica e comercial através da Sociedade Comercial Nanguang, fundada em Macau pelo Ministério do Comércio do Partido Comunista Chinês (PCC)”.

Em Dezembro de 1966, surgem vários incidentes em Macau, decorrentes da Revolução Cultural Chinesa, que foram demonstrativos da incapacidade portuguesa em controlar o território. Portugal, viu-se então obrigado a ceder às exigências dos manifestantes<sup>(75)</sup> o que fragilizou em muito a imagem internacional de Portugal.



## 4.2. RELAÇÕES RECENTES

A revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal alterou em muito a situação e em 6 de Janeiro de 1975, reconhece a República Popular da China.

Em 1976 a Constituição Portuguesa reconhece Macau como território sob administração portuguesa. Macau tinha deixado, assim de ser uma colónia lusa. A China, porém, não se mostrou, imediatamente interessada em fazer regressar Macau à sua soberania direta, informando Portugal de que oportunamente abriria negociações tendo em vista a integração.

Tal ocorre em Maio de 1985, após em Julho de 1980, se ter assinado um acordo comercial e em Abril de 1982 se ter assinado um acordo de cooperação cultural, científica e técnica, a que se seguiu um novo acordo em Outubro de 1982 de cooperação económica, industrial e técnica.

Na realidade é em Maio de 1985 que em visita de estado o Presidente da República, Ramalho Eanes, é informado que a China queria discutir o estatuto de Macau.

(74) No início dos anos 1930 a China já tinha recuperado praticamente todos os territórios perdidos para o Ocidente no século XIX, com exceção de Macau e Hong Kong.

(75) Esta situação levou a que as autoridades portuguesas tivessem de chegar a um acordo com a própria República Popular da China e culminaram com um pedido de desculpas feito pelo Governo de Macau à comunidade chinesa. Portugal, pelo acordo, renunciava à sua ocupação perpétua sobre Macau e reconhecia o poder e o controlo de facto dos chineses sobre o território. É ainda de salientar que pelo acordo, foi proibido ao Governo de Macau dar apoio e asilo político aos nacionalistas do Kuomintang. Pequim, mostrou assim, às autoridades portuguesas que a sua sobrevivência e presença em Macau dependia da vontade e dos interesses da República Popular da China.

Daí decorrente, em abril de 1987, os dois países assinam uma Declaração Conjunta, a que se segue um processo de transição que termina com a cerimónia da transferência de soberania em 20 dezembro 1999.

Antes desde acontecimento, Portugal e a China vão incrementando as suas relações económicas como se comprova pela assinatura de um acordo no domínio do desporto em Julho de 1991, de um acordo sobre a promoção e proteção recíproca de investimentos em Fevereiro de 1992 e uma Convenção para evitar a dupla tributação e prevenir a evasão fiscal em matéria de impostos do rendimento, assinado em Abril 1998.

É interessante referir que, não obstante, a China e Portugal terem “pesos” diferentes em termos de “influência” internacional (e a China já a posicionar-se como uma grande potência internacional), a China sempre olhou para Portugal como sendo este uma potência histórica e ser muito relevante para o relacionamento da China com o mundo lusófono.

A China, de acordo, com Bernardo Futscher Pereira<sup>(76)</sup>, confere a Portugal “um estatuto de destaque entre os países europeus”. É, nesse entendimento, que devemos interpretar a assinatura, em dezembro de 2005, da Parceria Estratégica Global, uma das primeiras que a China celebrou com um país da União Europeia e que se seguiu à assinatura em Pequim em Janeiro de um acordo sobre o reconhecimento de graus académicos e de estudos de Ensino Superior.

Da Parceria Estratégica Global, resultou nos anos imediatos, um incremento das trocas comerciais e promoveu um maior relacionamento entre os dois países, em termos de cooperação e consultas políticas.

Em Maio de 2003 é criado pelo Ministério do Comércio chinês o Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Só São Tomé e Príncipe, por manter relações diplomáticas com Taiwan, ficou com o estatuto de observador.

Em Maio de 2004, o Presidente da República de Portugal, Aníbal Cavaco Silva, faz nova visita à China, sendo recebido em Pequim, em Macau e em Xangai onde existe um Consulado-Geral de Portugal e uma delegação da AICEP. A visita a Xangai teve um significado económico importante porque é nesta cidade que se inaugura através do Consulado-Geral aquilo a que se apelidou de diplomacia económica<sup>(77)</sup> e com o apoio da AICEP, se iniciou um ciclo de apoio ao estabelecimento de parcerias entre as empresas chinesas e a portuguesas e em paralelo à identificação de oportunidades de cooperação com países terceiros de África e América Latina.

A visita do Presidente português, que integrou empresários portugueses da área da banca, da advocacia, do imobiliário e do turismo, entre outros, foi considerada muito promissora uma vez que foram assinados 29 acordos e memorandos bilaterais.

(76) Bernardo Futscher Pereira é um diplomata português que na sua carreira publicou diversos livros e artigos sobre política externa, história diplomática e política internacional

(77) Luís Todo Bom, num artigo publicado no Jornal de Negócios em Junho de 2005 dá-nos o significado de diplomacia económica, referindo “O conceito de diplomacia económica foi desenvolvido recentemente como um processo de utilização mais eficiente das nossas representações diplomáticas no sentido de facilitar os movimentos das empresas portuguesas no exterior, tanto em termos de comercialização de produtos e serviços como no desenvolvimento de novos projectos de investimento”.

Pelo lado chinês foi evidenciada a importância atribuída a esta visita. Cavaco Silva foi recebido pelos governantes mais importantes do país, uma vez que além do Presidente Xi Jinping, foi recebido pelo Primeiro-ministro, Li Keqiang e pelo Presidente da Assembleia Popular Nacional, Zhang Dejiang.

Na continuidade assistiu-se à celebração de novos acordos de que é exemplo é o de cooperação no domínio do turismo em 2010 e ao incremento das relações entre os empresários portugueses e chineses.

São apontados como exemplos de sucesso pela já citada Cármen Amado Mendes:

- A Hovione, empresa portuguesa especializada na área da saúde, com escritório em Hong Kong desde 1979 e estabelecida em Macau desde 1986, e que formou em 2008 uma *joint venture* com a farmacêutica Hisyn, da província de Zhejiang;
- A Filstone Natural, especialista em calcários, funcionando como um trampolim para a exportação de rochas ornamentais portuguesas para novos mercados da Ásia e Oceânia;
- A Corticeira Amorim, presente na China há mais de 40 anos, viu em 2011 uma das suas subsidiárias, a Amorim Revestimentos, líder mundial em revestimentos de cortiça para pavimentos e paredes, assinar um acordo de distribuição exclusiva com a Hi-Step, a maior sociedade retalhista do país;
- O Grupo Delta Cafés entrou na China em 2013 e projeta que este mercado faça parte do seu "top 5" de exportações.

É ainda de relevar o crescimento das exportações portuguesas para a China na área do mobiliário e dos automóveis onde a China já é o segundo principal mercado para os automóveis fabricados em Portugal

### 4.3. INTERESSES DA CHINA EM PORTUGAL

A entrada da Troika<sup>(78)</sup> em Portugal, através do seu Programa de Assistência Económica e Financeira, em 2011, constituiu-se como determinante para a entrada de investimento chinês em Portugal.

É assim que assistimos à entrada da chinesa China Three Gorges (CTG) no capital da EDP<sup>(79)</sup>, tornando-se o maior acionista em 2012 e à entrada da State Grid na REN, por 387,15 milhões de Euros, correspondentes a 25% do capital.

No caso da primeira, Portugal negociou como contrapartida, a criação da New Energy World (NEW) tendo em vista o prosseguimento da investigação de novas tecnologias e a participação em projetos internacionais tais como a construção de barragens na América Latina e em África.

A CTG depois da compra da EDP comprou participações em parques eólicos e abriu linhas de financiamento para a própria EDP, o que significou que a incorporação de capital chinês da CTG foi de 5,7 mil milhões de Euros.

(78) Troika é a designação atribuída à equipa composta pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia, composta por uma equipa de consultores, analistas e economistas que atuam a solicitação dos países que efetuam um pedido de resgate financeiro, de forma a consolidar as suas contas públicas. Após uma análise exaustiva às despesas e receitas dos Estados é elaborado um memorando, onde são apresentadas medidas a executar para estabilizar as contas públicas, os prazos e os montantes de dinheiro que serão entregues ao país. Portugal, Grécia e Irlanda estiveram sujeitos a esta intervenção a partir de 2011. Portugal saiu desta intervenção em 2014.

(79) A entrada maioritária no capital da EDP representou um investimento de 2,7 mil milhões de Euros por 21,35% do capital.

Já no período pós-troika assistiu-se à entrada de novas empresas chinesas em Portugal.

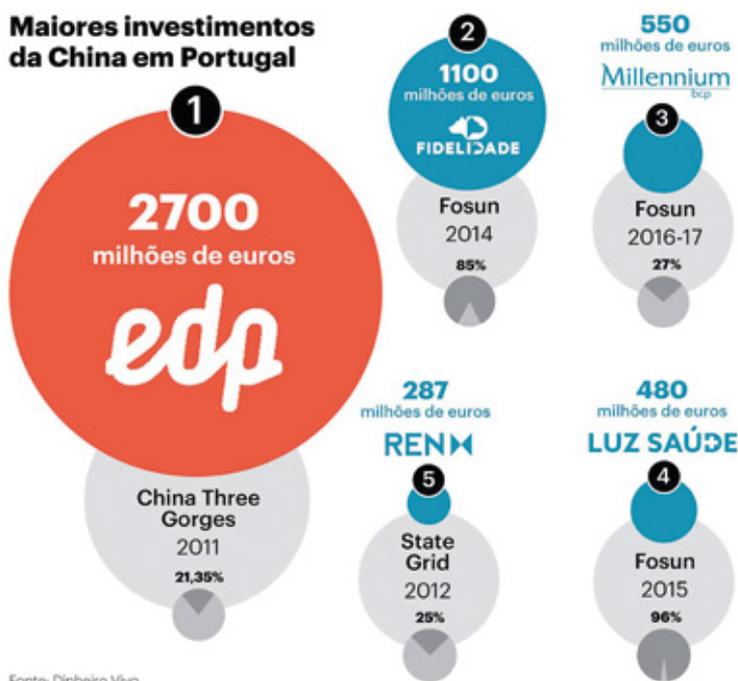
É exemplo<sup>(80)</sup> a empresa Fosun que investiu no país mais de 2,3 mil milhões de Euros, adquirindo cerca de 85% da seguradora Fidelidade por 480 milhões de Euros, a Espírito Santo Saúde (hoje Luz Saúde), a maioria das ações (29,9% por 400 milhões de Euros) do Banco Comercial Português (BCP), 5,3% das ações da REN e o edifício da Rádio Renascença no Chiado.

De acordo com o Presidente da Fosun, Guo Guangchang, o investimento em Portugal não irá parar uma vez que pretende investir no sector do turismo e do lazer e na indústria farmacêutica.

De acordo com as suas declarações, pretende ainda que as empresas portuguesas sejam uma plataforma para entrar no mercado brasileiro (através da Luz Saúde e da Fidelidade), angolanos (através da Luz Saúde) e moçambicanos e ainda entrar na Polónia (através da Fidelidade) e na China (através do BCP).



O quadro seguinte apresenta uma visão, embora parcial dos investimentos chineses.



(80) Sobre estes exemplos ver revista "Exame" 396 de Abril 2017, artigo de Anabela Campos e Isabel Vicente, intitulado "Os negócios da chinesa Fosun".

Em 2014, assiste-se ainda a que o grupo chinês Haitong compre o BES Investimento por 379 milhões de Euros e à entrada do HNA no consórcio Atlantic Gateway que indiretamente levava a ficar com 9% do capital da TAP – Air Portugal.

Este último negócio porém não se manteve pois em 2019, a HNA começou a desinvestir por alegadas dificuldades financeiras.

Também neste ano foram assinados três protocolos de cooperação na área cultural, prevendo a criação recíproca de centros culturais e a colaboração entre os dois canais públicos de televisão – a RTP e a CCTV – *Chinese Central Television* visando a divulgação dos dois países e o reforço da cooperação noticiosa.

O ano de 2014 trouxe um novo sinal da cooperação entre os dois países.

Em Zhengzhou, capital da província Henan, foi inaugurada a primeira “Casa de Portugal” na China continental, com o objetivo de divulgar projetos de investimento portugueses, produtos, relações entre as autarquias dos dois países e contribuir para a promoção da cultura portuguesa

Em 2017 estimava-se que o investimento chinês em Portugal deveria rondar os 13 mil milhões de Euros, se contarmos com o investimento feito em participações em empresas, imobiliário e “Vistos Gold”<sup>(81)</sup>.

O atual dinamismo das relações entre a China e Portugal e o elevado estatuto histórico que a China atribui a Portugal pode representar para o nosso país uma oportunidade de extrema importância. Nos últimos anos assistiu-se a visitas muito frequentes de autarcas chineses (inseridas, estima-se, da atividade da Casa de Portugal de Zhengzhou) a Portugal.

São exemplo as visitas à autarquia de Sines e ao seu porto por parte de uma delegação de Beihai (Guangxi)<sup>(82)</sup>, de uma outra por parte de uma delegação de Chongqing e ainda às visitas de Zhejiang, Hunan, Dalian e Zhuhai.

O relacionamento entre a China e Portugal tem, contudo, trazido algumas críticas no seio da União Europeia provando, uma vez mais, que esta tem dificuldades em falar a uma só voz.

É paradigmático desta situação a reportagem efetuada sobre a China, intitulada “O mundo segundo Xi Jinping”<sup>(83)</sup>, divulgada em Portugal pelo canal Odisseia, no passado mês de Junho.

---

(81) De acordo com o sítio “Transparência Internacional”, em Portugal, o Programa Vistos Gold (Autorização de Residência para Atividade de Investimento) foi criado com o objetivo de atrair investimentos estrangeiros e está em vigor desde 2012. Desde esta data, mais de 15.200 indivíduos e suas famílias receberam autorização de residência em Portugal e acesso total ao espaço Schengen. Tal representa, estima-se, 4% do total de imigrantes que vivem no nosso país. São vários os motivos que podem levar um cidadão estrangeiro a querer investir no país e obter uma autorização de residência, como proteger o seu património da situação política e económica instável no seu país de origem ou garantir a residência para que os seus filhos prossigam os estudos num sistema educativo de melhor qualidade. Os cidadãos chineses têm sido os principais beneficiários dos Vistos Gold, muito à frente dos brasileiros, turcos, sul-africanos e russos.

(82) Beihai é um dos portos mais importantes da China.

(83) O documentário, com o título original “Le Monde selon Xi Jinping” foi escrito por Louise Muller e Romain Franklin, sendo realizado por Louise Muller, em 2018.

Nessa reportagem, Jean Pierre Cabestan, Diretor de Investigação da Universidade Baptista de Hong Kong, pronuncia-se de forma inquietante sobre a aproximação dos países membros à China, quebrando, assim, aquilo que apela de “solidariedade europeia”.

Entre estes foi mencionado Portugal dada a abertura da sua economia ao investimento chinês.

Pelo que se analisou e descreveu até aqui, algumas ideias força podem indicar-se para caraterizar o relacionamento entre a China e Portugal:

- Não obstante as diferenças demográficas e económicas, a China reconhece Portugal como uma potência histórica, merecedora de um tratamento especial entre os membros da União Europeia;
- O estreitar das relações decorre em muito da forma amistosa como decorreu o processo de transição do Estatuto de Macau;
- Após a transição, China e Portugal, sempre negociaram de forma franca o que conduziu a terem assinado acordos de diversa índole, passando pela cultura, pelo ensino, autarquias, comunicação social, turismo e comércio;
- A China tem investido fortemente nas empresas portuguesas e tem hoje um papel já de relevo na economia nacional;
- A criação do Fórum Macau só seria possível num ambiente amistoso, de respeito mútuo e visando o bem estar dos povos.



Não obstante, esta situação, são feitas algumas críticas ao facto de Portugal, até ao momento, não ter tido a criatividade e feito o esforço necessário para que essas relações possam induzir um maior crescimento.

De acordo com Cármen Amado Mendes o potencial da Parceria Estratégica bilateral está aquém do espetável.

*“A China espera que Portugal siga o seu exemplo e imprima à relação igual dinamismo, condicente com o passado dos dois países”.*



An aerial night photograph of a large industrial facility, likely a steel mill or refinery. The scene is filled with bright lights from various structures and machinery, creating a stark contrast against the dark sky. Thick plumes of white smoke or steam rise from several points across the complex. The foreground and middle ground are dominated by a large, dark purple geometric shape that partially obscures the view of the plant. The overall composition is dynamic, with strong diagonal lines and a sense of scale and activity.

**III.PARTE**  
**ESTRATÉGIA**  
**PARA PME E SECTOR**

# 1. CAPACIDADE DE INTERACIONALIZAÇÃO DE PORTUGAL

## 1.1. ABERTURA DA ECONOMIA PORTUGUESA

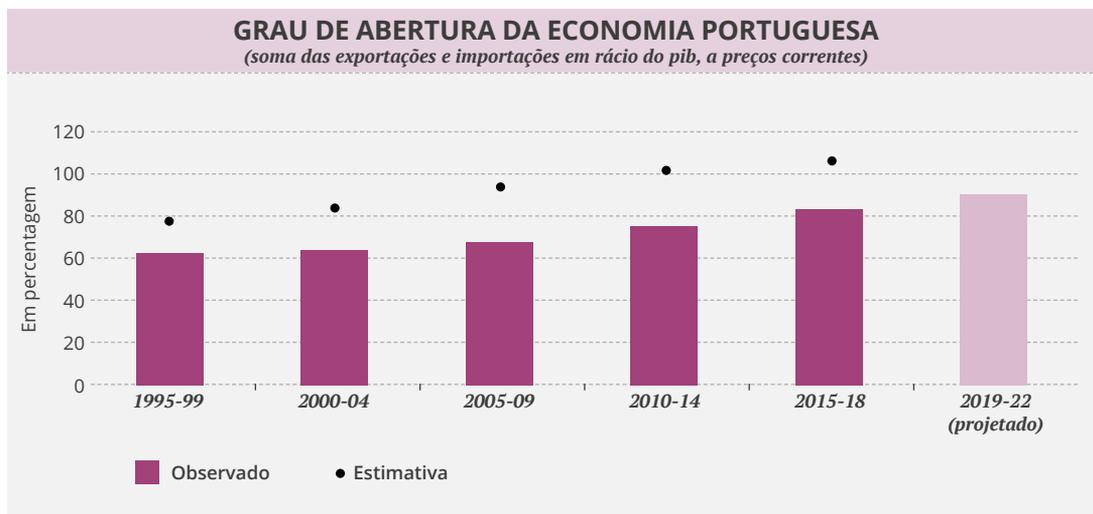
No capítulo anterior foi abordado o relacionamento económico entre a China e Portugal, onde foi constatada a existência de uma cada vez maior cooperação China-Portugal, quer em termos puramente comerciais quer em termos de investimento.

Nesse enquadramento, é importante tentar analisar se o comportamento das empresas portuguesas corresponde a uma dinâmica efetiva de internacionalização, visando constatar se existem ou não tendências e motivações que consigam mobilizar as empresas do sector metalúrgico e eletromecânico, seja em termos de comércio, seja mesmo em termos de investimento, para a cooperação com entidades chinesas.

Vejamos, em termos globais, como tem sido o comportamento da economia portuguesa no que se refere à internacionalização.

Desde a adesão à União Europeia que se tem assistido a um processo crescente de internacionalização da economia portuguesa e, tanto assim é, que o peso do somatório das exportações e importações no PIB passou de 27,1% em 1986 para valores superiores a 80% em 2021.

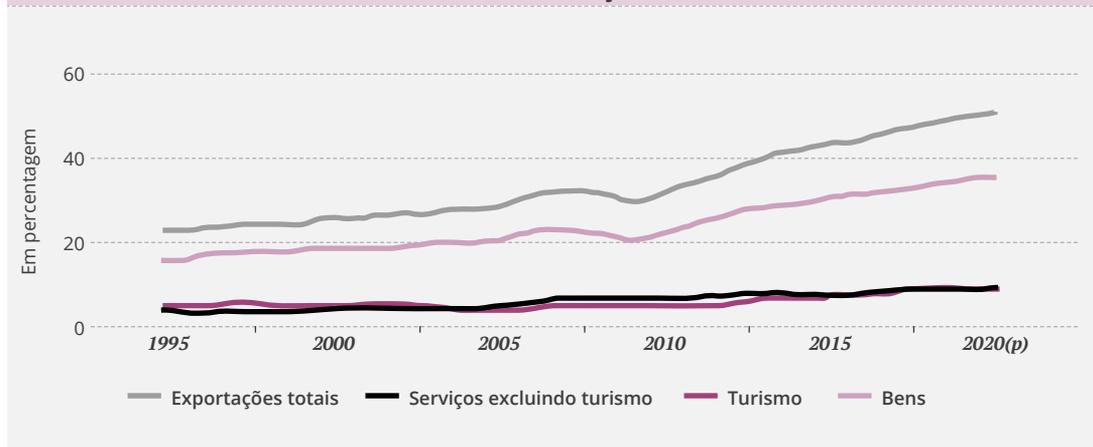
O quadro seguinte, que apresenta a evolução do grau de abertura da economia portuguesa desde 1995, é comprovativo desta situação.



Por sua vez as exportações portuguesas têm vindo a crescer a um ritmo elevado, o que faz com que o seu peso seja cada vez mais relevante no PIB. Recorde-se que o peso das exportações na altura da adesão de Portugal à UE era apenas de 14%, estando presentemente próximo dos 50%.

O quadro seguinte ilustra a situação.

## PESO DAS EXPORTAÇÕES NO PIB



Nota:(p) projetado

Fonte: INE e Banco de Portugal

Não obstante todos os desafios colocados às exportações Portuguesas, torna-se evidente que, salvaguardando a questão recente do abaixamento provocado pela pandemia COVID-19, *“a economia portuguesa revelou um alto grau de resiliência perante a crise financeira recente, particularmente significativa pelo aumento de exportações para os mercados exteriores à União Europeia.”*<sup>(84)</sup>

Os desafios colocados aos sectores exportadores, a que nos referimos no parágrafo anterior, eram bastante complexos e podiam resumir-se a quatro grandes questões<sup>(85)</sup>:

- Como ser competitivo estando refém das flutuações do Euro?
- Como enfrentar a concorrência pelos preços praticados pela China, pelas economias emergentes e pelo leste da Europa?
- Como continuar a exportar sem investir?
- E, finalmente, como continuar a exportar com um euro forte?

No entanto, estas ameaças foram sendo contornadas na sua globalidade. Por um lado, pela desvalorização do euro face ao dólar americano e, por outro lado e particularmente, por uma política de crédito para o sector exportador, designadamente, mas não só, para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, que beneficiavam do crescimento dos preços de petróleo e de uma maior valorização das matérias-primas.

Mas há que engrandecer o papel desempenhado por dois atores: por um lado, o papel dos agentes facilitadores de comércio internacional (AICEP, diplomacia económica, etc.) e, por outro lado e muito em especial, pelas empresas portuguesas e suas associações, que não obstante

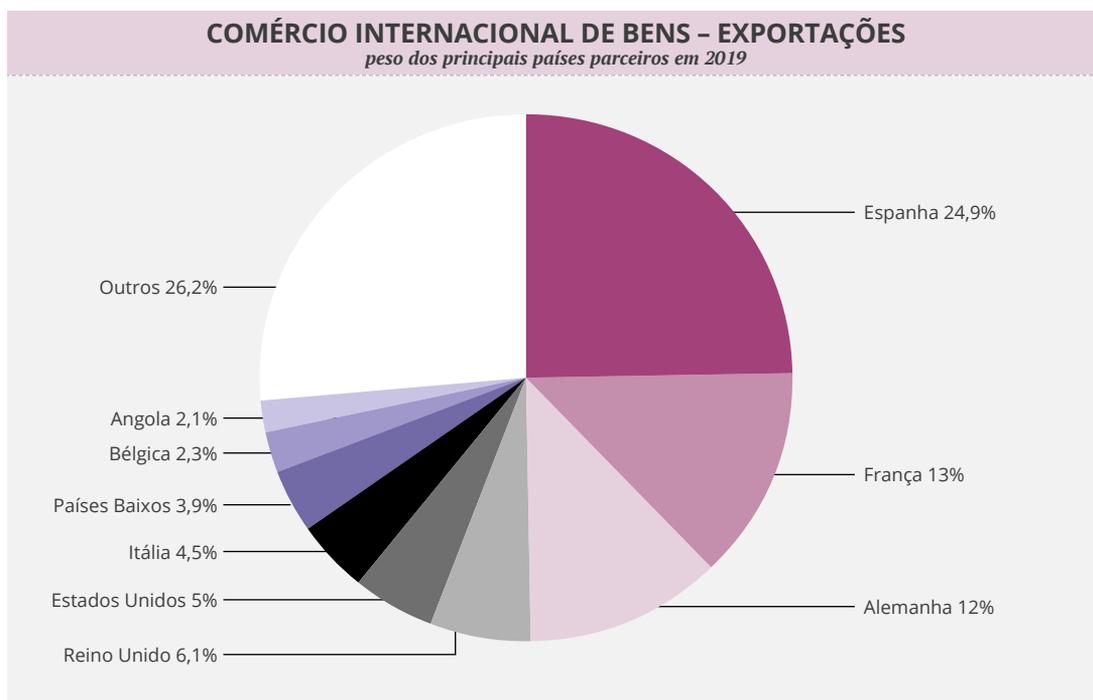
(84) Texto publicado por José Paulo Esperança, Luís Antero Reto e Fernando Luís Machado, professores do ISCTE – IUL, in “Países de destino das multinacionais portuguesas: a importância da Lusofonia”, texto integrado no livro “A Internacionalização da Economia Portuguesa – Casos de Sucesso Empresarial”.

(85) Estas questões foram colocadas pelos economistas António Manzonni, Carlos Figueiredo e José Félix Ribeiro no texto publicado no livro “A Internacionalização da Economia Portuguesa – Casos de Sucesso Empresarial”, intitulado “Uma abordagem geoeconómica das exportações portuguesas”.

não terem dimensão comparável com empresas de outros países, nem em termos de recursos humanos, nem em termos financeiros, incrementaram a sua presença através de novos instrumentos (registos junto das Instituições Financeiras Internacionais p.e.), estando atentas a cada vez mais mercados não tradicionais.

Foram estas empresas que, de acordo com os citados J. P. Esperança, Luís Reto e Fernando Machado, não obstante serem *“mais pequenas mas mais ágeis do que as grandes empresas oriundas das economias mais desenvolvidas, potenciaram o crescimento da quota dos produtos portugueses nos mercados mundiais, numa conjuntura particularmente adversa e com crescentes obstáculos à globalização”*.

O gráfico seguinte apresenta o peso, em 2019, dos principais parceiros portugueses no que concerne a exportações de bens. O peso da China nas exportações portuguesas já representava, nesta data (2019), cerca de 1%.



A nível mundial e, particularmente, desde a abertura da China ao mundo exterior, tem-se assistido a um cada vez maior incremento dos fluxos internacionais na área do comércio e do investimento. Um número crescente de empresas tem vindo a operar em territórios para além das suas fronteiras o que tem contribuído para uma crescente globalização e interdependência entre as economias.

Portugal não fugiu a este desiderato. Os empresários portugueses sentiram a necessidade de procurar a internacionalização para os negócios das suas empresas. Vários foram os motivos que os conduziram a essa situação.

## 1.2. DESAFIO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Teoricamente, e seguindo o que nos informa Nádía Simões<sup>(86)</sup> e Nuno Crespo<sup>(87)</sup> as razões que ajudam as empresas portuguesas a enquadrar a decisão de internacionalização são:

- Ter o objetivo de diversificar mercados;
- Procurar o aumento de lucros, particularmente quando as margem de lucro das empresas são bastante diminutas, face à situação concorrencial;
- Procurar uma localização mais próxima das matérias-primas, reduzindo custos;
- Pretender ter relações estratégicas com empresas estrangeiras;
- Relocalizar, visando uma maior exploração de economias de escala;
- Aceder a fatores produtivos especializados, ou com vantagens de custo.

No que concerne propriamente às razões e motivações que levaram as empresas portuguesas a seguir o caminho da internacionalização, estudos demonstram, no que se refere à decisão de internacionalização, que a principal motivação para a realização de investimento de internacionalização das multinacionais portuguesas foi/é a procura da diversificação de mercados com potencial de crescimento, contrapondo à escassa dimensão do mercado interno.

Os mesmos autores chamam a atenção, contudo, para os fatores de risco que estão associados à internacionalização, dividindo-os em três tipos:

- O risco decorrente do próprio em que se pretende investir (político, económico, burocrático, legal, etc.);
- O risco cambial (alterações nas taxas de câmbio, afetando desde a fase de planeamento de operações produtivas até à fase de expatriação de lucros);
- O risco cultural, assumindo-se que cada país tem comportamentos e atitudes diferentes. Investir na China, por questões culturais<sup>(88)</sup>, não é igual a investir no Senegal, do mesmo modo que investir em Omã não será igual a investir no Brasil.

O Investimento direto português no estrangeiro (IPDE) é um fenómeno que ocorre praticamente desde 1980, embora atinja valores significativos só nos anos 90, e particularmente, desde 1997. Como exemplo deste crescimento refira-se que em 1999 o valor do IPDE atingia o valor de 518 milhões de contos acelerando para 1.164 milhões de contos em 2000. Portugal, em 1998, ocupava o 8º lugar, em valor absoluto, entre os maiores investidores externos a nível mundial, à frente de países com economias fortes como o Canadá e a Itália, e logo atrás da Suíça, e via, a partir de 1999, saldos positivos entre o investimento efetuado no estrangeiro e os investimentos estrangeiros efetuados em Portugal<sup>(89)</sup>.

No texto *“Países de destino das multinacionais portuguesas: a importância da Lusofonia”*, publicado por José Paulo Esperança, Luís Antero Reto e Fernando Luís Machado, autores a que atrás nos referimos, são identificadas na globalidade 415 filiais de empresas multinacionais portuguesas<sup>(90)</sup>.

(86) Nádía Simões é professora de Economia no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

(87) Nuno Crespo é vice-reitor do no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa e um dos coordenadores do livro *“A Internacionalização da Economia Portuguesa – Casos de Sucesso Empresarial”*.

(88) Esta matéria será tratada neste estudo em capítulos subsequentes.

(89) Tal resulta dos fortes investimentos na aquisição de empresas pré-existentes feitos pela CIMPOR, TELECOM, PORTUCEL, EDP, CGD e a distribuição da SONAE.

(90) Consideram-se multinacionais portuguesas as que segundo a OCDE (2008) controlam ou possuem ativos localizados em países que não o seu país de origem, ou sejam, as empresas que realizam um Investimento Direto no Estrangeiro.

O quadro seguinte reflete tal situação:

<b>FILIAIS DE EMPRESAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO</b>	
<b>PAÍS</b>	<b>Nº DE FILIAIS</b>
ANGOLA	54
BRASIL	44
ESPAÑHA	44
FRANÇA	33
CHINA	31
HOLANDA	29
EUA	23
REINO UNIDO	21

Fonte: Portdata/INE (2017)

É interessante verificar que a China, em 2017, já apresentava 31 filiais portuguesas, reflexo do referido anteriormente, onde se dá nota na entrada da China de empresas como a Hovione (saúde), a Filstone Natural (calcários) que em março de 2021, e após um novo desafio imposto pela pandemia, inaugurou o primeiro Filstone Center, em Yunfu, reforçando a presença dos seus materiais na China, e a Corticeira Amorim (revestimentos). A estas acrescem a Efacec, a Salvador Caetano, a SDV – Sociedade de Distribuição de Vestuário e, desde 2005, a seguradora Europe Assistance Portugal.

Das 415 empresas reportadas no trabalho de José Paulo Esperança, Luís Antero Reto e Fernando Luís Machado, foi possível identificar, cruzando alguma informação disponível e pela sua relevância, as que constam no quadro que se apresenta em baixo.

<b>MULTINACIONAIS DE PORTUGAL</b>	
<b>DESIGNAÇÃO</b>	<b>SECTOR</b>
ALTICE	Telecomunicações
AMBAR	Papelaria
AMORIM ENERGIA	Energia
BRISA	Operador Infraestrutura Transporte
COMPAL	Ramo Alimentar
CORTICEIRA AMORIM	Cortiça
CUF (GRUPO)	Diversos
EUROPE ASSISTANCE PORTUGAL	Seguros
EFACEC	Energia, Sistemas e Mobilidade Eletrica
FCM CONSTRUÇÕES	Construção Civil e Obras Públicas
FILSTONE	Calcários
FLAMA	Louça e Eletrodomésticos
GALP	Energia
GRUPO NABEIRO	Comercialização Café

<b>MULTINACIONAIS DE PORTUGAL (CONTINUAÇÃO)</b>	
<i>DESIGNAÇÃO</i>	<i>SECTOR</i>
GRUPO OI	TIC
HOVIONE	Química Fina
ISA – INTELLIGENT SENSING ANYWHERE	Telemetria e Telegestão
JOÃO DE DEUS & FILHO	Refrigeração Automóvel
LEYA	Editores
MO	Vestuário, Calçado e Acessórios
MILLENNIUM BCP	Banca
MONTEADRIANO	Construção Civil e Obras Públicas
MOTA ENGIL	Construção Civil e Obras Públicas
PATINTER	Transportes Internacionais
PETROTEC	Fabrico de Bombas de Gasolina
RENOVA	Produtos feitos de papel
ROFF CONSULTING	Consultoria em soluções de gestão
SDV	Distribuição de vestuário
SECIL	Cimentos
SOMAGUE	Construção Civil e Obras Públicas
SONAE (GRUPO)	Distribuição, telecomunicações e Investimento
SPORT ZONE	Vestuário, Calçado e Acessórios Desportivos
TEIXEIRA DUARTE	Construção Civil e Obras Públicas
THE NAVIGATOR COMPANY	Papel
TOYOTA CAETANO PORTUGAL	Automóveis

Fonte: Wikipedia e outras

Independentemente do que se passa com o mercado chinês, a diversidade de países com investimento português é notória e demonstrativo de que os empresários portugueses estão predispostos a investir em países de geografias distantes e culturalmente diferentes.

O investimento português foi efetuado em diversas geografias para além da China e dos países de língua portuguesa. São exemplo os Emiratos Árabes Unidos, a Índia e as Maurícias e, ainda, como nos refere Vanessa Oliveira na sua tese de mestrado a Argentina, o Botswana, o Egito, Chipre, Gâmbia, Canadá, Guiné Equatorial, Israel, Quênia, as Ilhas Caimão, Malásia, Nigéria, Panamá, Catar, Rússia, Arábia Saudita, Senegal, Suazilândia, Togo, Uganda, Uruguai, as Ilhas Virgens ou a República Democrática do Congo.

Voltando novamente ao que nos referem José Paulo Esperança, Luís Antero Reto e Fernando Luís Machado, podemos concluir que “o crescimento do comércio (a que podemos acrescentar o investimento) não se deve à descoberta de Portugal pelas empresas estrangeiras mas sim à descoberta do resto do mundo pelas empresas portuguesas” e é esta a dinâmica que tem de ser encontrada pelas empresas portuguesas no grande desafio que a Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” representa.

## 2. ESTRATÉGIA DE PORTUGAL COM A CHINA

### 2.1. RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO

Em 27 de Agosto de 2021 a RTP Notícias publicava no seu sítio uma notícia afirmando:

*“O Presidente chinês, Xi Jinping, disse hoje que a China está pronta para trabalhar com Portugal para “reforçar sinergias” entre as estratégias de desenvolvimento de ambos os países, durante uma conversa com Marcelo Rebelo de Sousa. Segundo a agência noticiosa oficial Xinhua, Xi afirmou, durante uma conversa telefónica com o Presidente português, que Pequim quer “promover a cooperação” em áreas como a energia, finanças e construção de infraestruturas. O Presidente chinês e secretário-geral do Partido Comunista da China apontou ainda para a cooperação em países terceiros, apelando à participação portuguesa na Iniciativa Parceria para o Desenvolvimento de África”.*

A China persiste assim na sua política de aproximação a Portugal. Mas como tem reagido o nosso país? Qual a estratégia de Portugal perante a China, sabendo-se integrado, por um lado, numa comunidade económica que nem sempre tem reagido de forma favorável aos países membros que desenvolvem relações com Pequim e, por outro lado, sendo aliado dos Estados Unidos da América que continua a dar sinais evidentes de uma agressiva competição económica com a China?

Como vimos nos capítulos anteriores, a entrada de capital chinês em diversas áreas de negócio tem sido significativa, com destaque para os sectores de eletricidade, seguros, serviços financeiros, transportes, petróleo, comunicação social, imobiliário (os cidadãos chineses são aqueles que maior peso tiveram na procura internacional por habitação no mercado português<sup>(91)</sup>).

Por outro lado, o comércio entre os dois países – para o nosso estudo destacamos já o facto da China ser o quinto país maior fornecedor das empresas do sector Metalúrgico e Eletromecânico – mostra-se cada vez mais significativo.

Não obstante tais evidências, verificamos que Portugal tem sido cauteloso mas ativo nas relações com a China. Se, por um lado, se mostra aberto às iniciativas chinesas e tem celebrado protocolos com a China, por outro lado mantém-se aparentemente discreto, dando-se a imagem de que são mais as entidades chinesas a procurar Portugal do que o contrário.

Na realidade, temos assistido a constantes aproximações da China a Portugal, com impacto e em número mais significativo do que aquelas que Portugal tem feito, mas tal sem significar que Portugal se tenha mantido numa posição passiva.

Aqui ocorre-nos as afirmações do Presidente Xi Jinping pronunciadas na sua visita oficial a Portugal em 2018 que afirmava *“a relação entre Portugal e a China não é fruto do acaso”* e em complemento *“uma parceria forjada com a abordagem certa desafia qualquer distância geográfica, é mais densa do que cola e mais forte do que metal ou rocha”*.

---

(91) Dados de acordo com o estudo “Living Destination” apresentado pela consultora JLL em Outubro de 2021. De acordo com este estudo aos chineses seguem-se os brasileiros e os franceses o que contraria a tendência de 2012 onde os angolanos e os franceses assumiam uma maior relevância.

*Em Dezembro de 2021, e no âmbito da realização do presente Estudo, o Senhor Secretário de Estado da Internacionalização de Portugal, Prof. Dr. Eurico Brilhante Dias, transmitiu, relativamente à relação de cooperação Portugal-China, algumas linhas que são importantes referir:*

- *Portugal e a China têm todo o interesse em estimular os movimentos de cooperação ente os dois países, desenvolvendo uma agenda política de cooperação bilateral, em diversos domínios;*
- *Entende que o posicionamento de Portugal tem sido mais ativo (do que discreto) exemplificando com a visibilidade do IDE chinês em Portugal; intercâmbio de visitas presidenciais, os protocolos assinados, entre outras iniciativas realizadas;*
- *A celebração da parceria estratégica Portugal/China, tem um grande significado para um país da dimensão de Portugal, já que são poucos os países da nossa dimensão que têm uma parceria estratégica com a China;*
- *Esta abertura de Portugal ao capital chinês tem impacto positivo para Portugal, um vez que o nosso país é visto internacionalmente como um país europeu com capacidade para ser recetor do IDE chinês;*
- *Portugal tem acompanhado sempre e reforçado a sua participação na Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, como forma de levar à participação das empresas e instituições nestes mercados, utilizando os instrumentos financeiros que são disponibilizados;*
- *Foi o caso da adesão ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, visando proporcionar espaço para as empresas Portuguesas poderem aproveitar oportunidades;*
- *Estas oportunidades estão na consultoria de gestão, na consultoria técnica em projetos e no próprio desenvolvimento dos projetos; na fiscalização de obras, nos projetos de engenharia; nos projectos de arquitetura; nos projetos de recolha de lixos; nos projetos ambientais; nos sistemas de informação;*
- *E em áreas similares/conexas e não tanto na execução dos (grandes) contratos de Bens e/ou Construção, não muito possíveis pela distância e pela dimensão dos mesmos;*
- *O Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura é um banco recente, que nasceu para financiar infraestruturas e financiar investimentos lucrativos, mas recentemente tem-se desviado do seu foco, pelas necessidades prementes do mundo; espera-se que após a fase do COVID, o Banco retome o seu percurso;*
- *Assinale-se que este Banco ainda possui procedimentos de procurement estabilizados. Falta evoluir nesse sentido, para consolidar a sua intervenção no mercado, por forma a permitir, potencialmente, às empresas Portuguesas poderem vir a ter uma maior intervenção;*
- *No contexto do relacionamento com a China foi criado o Fórum Macau, que se constituiu como um mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental. Tendo como objectivo a consolidação do intercâmbio económico e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, utilizando Macau como plataforma de ligação entre os países participantes, afigura-se como de muita importância para as empresas portuguesas dado, inclusivamente, o Fundo que gere.*



### 2.2. PROJETOS SINES E 5G

No caso do terminal portuário Vasco da Gama em Sines, o Governo português mostrou-se particularmente aberto, promovendo a obra e apresentando-a às autoridades chinesas.

É o que nos informa o sítio Hoje Macau, ao publicitar o discurso do primeiro-ministro, António Costa, a propósito da inauguração do voo Pequim – Lisboa e na presença do presidente do parlamento da China, Zhang Dejiang. O primeiro ministro português ao se referir ao porto de Sines, afirmou *“Não ignoramos como o porto de Sines tem uma posição capital para poder vir a ser, ao nível das rotas marítimas, uma peça fundamental desta iniciativa”*, sendo a iniciativa naturalmente a *“Uma Faixa, Uma Rota”*.

A construção do novo terminal portuário em Sines, designado como Terminal Vasco da Gama, teve, porém, novos desenvolvimentos.

Com um investimento calculado na ordem dos 642 milhões de euros, a obra foi a concurso público internacional mas, devido à pandemia, acabou sem qualquer proposta<sup>(92)</sup>.

Estávamos em Abril de 2021 e José Luís Cacho, presidente do conselho de administração do Porto de Sines, justificou tal situação afirmando *“Não nos podemos esquecer que este é um investimento totalmente privado, que necessita de um contexto económico estável e favorável para poder avançar”*.

Mas o facto do concurso ter ficado deserto não significa que o negócio não seja aliciante pois como nos informa Ricardo Santos da revista *“Sábado”* *“na Europa, não há porto de águas profundas mais próximo do Canal do Panamá e da costa leste norte-americana. Sines é porta de entrada e de saída do continente, permite a manobragem a porta-contentores de grande escala e, em 2020, movimentou 42 milhões de toneladas de produtos, entre eles petróleo ou gás, e mais de dois milhões de contentores”*.

Tal, na sua opinião, pode conduzir a que *“a corrida pelo novo terminal pode bem ter-se intensificado com o fim do concurso público. E ter ficado reduzida a dois tubarões”*, e esses tubarões são os Estados Unidos e China.

De acordo com o já referido Ricardo Santos *“no xadrez do comércio marítimo internacional, a China preparava-se para uma jogada de mestre. Ficava com o novo terminal do porto de Sines, consolidava as suas novas rotas da seda e colocava uma lança afiada na Europa”*.



(92) É interessante assinalar que mais de 50 empresas manifestaram interesse nesta obra, ao consultar os documentos do concurso. Do lado chinês esse interesse foi evidenciado pela COSCO Shipping, a maior empresa chinesa de transporte marítimo.

E, Ricardo Santos continuava *“Do lado americano, os motivos de interesse em Sines são vários. Além da localização geográfica, o porto alentejano possui um terminal de gás natural que pode permitir aos EUA exportar esse bem para a Europa, diminuindo a dependência dos europeus em relação à Rússia.”* George Glass, que foi embaixador dos EUA em Portugal, utilizou a expressão *“Singapura do Oeste”* para caracterizar aquilo em que Sines se pode converter no caso de ser aceite o investimento norte-americano”.

Não é assim de estranhar que o jornal “Público” tenha produzido a página que apresentamos sob o título *“EUA entram na corrida pelo porto de Sines contra a China”*.

Na realidade, esta obra é de extrema importância para as empresas do sector Metalúrgico e Eletromecânico e, naturalmente deverão estar atentas e tomar posições negociais tendo em vista a maximização da sua participação neste empreendimento.

Outra das matérias que durante bastante tempo atraiu os media foi a questão da introdução em Portugal da tecnologia 5G<sup>(93)</sup> para a qual se dizia que a chinesa Huawei estaria muito interessada. O concurso para a implementação desta tecnologia acabou por ser ganho em Outubro de 2021 pela NOS.

A chegada da tecnologia 5G trouxe consigo uma grande polémica entre os Estados Unidos e a China. Os americanos vetaram não só a presença de empresas chinesas de telecomunicações nas suas redes como pressionaram os seus aliados a banirem os equipamentos da Huawei, empresa considerada como estando na dianteira da nova tecnologia. Os EUA afirmavam (Trump) e afirmam (Biden) que os equipamentos dessas companhias representam um risco à segurança nacional, pois a China poderia utilizá-los para espionagem ou interferir no funcionamento da infraestrutura de outros países.



Por outro lado a China nega toda essa narrativa e afirma que os Estados Unidos apenas pretendem combater comercialmente a tecnologia chinesa. O que é certo é a Huawei, juntamente com a ZTE outra empresa chinesa, foi banida na Austrália, no Canadá, na Nova Zelândia e no Reino Unido<sup>(94)</sup> e ainda na França, no Japão, na Polónia, na Roménia e na Suécia.

(93) De uma forma simples a tecnologia 5G é a evolução natural das gerações anteriores (3G e 4G) trazendo mais velocidade na ligação à internet e novas aplicações que poderão revolucionar a sociedade ao estabelecer ligações entre telemóveis, viaturas, eletrodomésticos, equipamentos de segurança, etc.

(94) Estes quatro países juntamente com os Estados Unidos fazem parte de um grupo designado como Five Eyes que tem como fim cooperar em questões de inteligência.

Estes dois grandes projetos – Porto de Sines e tecnologia 5G – acabaram por trazer alguns “embarços” a Portugal, uma vez que o Embaixador dos Estados Unidos em Portugal<sup>(95)</sup> à data, efetuou a seu propósito algumas declarações consideradas “desagradáveis”. Sobre o Porto de Sines, o embaixador Glass depois de o classificar como *“incrivelmente estratégico para a distribuição do gás natural liquefeito americano”*, disse *“esperar que a construção e gestão do novo terminal “não vá para os chineses”*. Se for, isso compromete a distribuição e *“afetava a nossa visão daquilo que Sines se pode tornar. Vimos no passado que, se os operadores forem chineses, eles têm a capacidade de negar acesso a navios norte-americanos. Isso não pode acontecer. Sobretudo se pensarmos em Portugal como o hub de gás e centro da segurança energética europeia”*.

Sobre a questão da tecnologia 5G, reproduzimos o que foi publicado em 28 de Setembro de 2020 pelo jornal “Público”: Glass é taxativo ao dizer que os EUA preferiam que Portugal não tivesse qualquer equipamento da Huawei na rede de 5G e adiantou *“Se não tivermos parceiros confiáveis na rede de telecomunicações portuguesa, mudará a forma como interagimos com Portugal em termos de segurança e de Defesa. Temos feito chegar esta mensagem alto e bom som: a forma como trabalhamos com a NATO ou como trocamos informação classificada será afetada. Se tivermos confiança nas telecomunicações, seremos capazes de continuar a relacionar-nos como no passado. Se não tivermos, teremos de mudar a forma como comunicamos com Portugal”*, disse o embaixador.

Em conclusão Glass afirma que *“Portugal tem de escolher entre os “amigos e aliados” EUA e o “parceiro económico” China”*.

O facto de Portugal ser membro da União Europeia acarreta consigo alguns constrangimentos na relação com a China e como tal esse facto é parte inerente à definição de uma estratégia nacional.

Como referimos atrás a relação entre a China e a União Europeia tem tido altos e baixos sendo de registar que não tem conseguido falar a uma só voz.

Na realidade, os estados membros, não obstante por vezes serem alertados para que se acautelarem no relacionamento com a China e serem alertados para alguns investimentos considerados problemáticos (energia, portos, telecomunicações, etc.) o que é certo é que, como revelava a McKenzie e como já reportámos, as expetativas na União indicam uma tendência crescente de aquisições chinesas de indústrias e empresas tecnológicas europeias, sendo expetável um forte investimento em infraestruturas de transporte e logística e em toda a zona do Sul da Europa.

---

(95) O Embaixador dos Estados Unidos George Glass desempenhou funções entre Agosto de 2017 e Janeiro de 2021. De acordo com comunicação social será substituído pela Embaixadora Charno Levine.

### 2.3. COOPERAÇÃO COM PAÍSES TERCEIROS

No que concerne à cooperação com países terceiros, particularmente Países de Língua Portuguesa (PLP), Portugal tem-se mostrado mais aberto, mais exposto, tal como demonstram iniciativas concebidas entre o nosso país e a Embaixada da China.

Ainda no decurso de Novembro de 2021 foi anunciada a realização do “Fórum para a Cooperação Luso-Chinesa em Mercados de Países Terceiros” promovida pela Missão Mista Económica Comercial Portugal China<sup>(96)</sup> que contava com a presença do Ministro português da Economia e da Transição Digital e do Vice-Ministro do Comércio da China. Neste Fórum era proporcionada uma Bolsa de Contactos que previa o encontro com empresas chinesas da área financeira, da inovação tecnológica e produção, da energia e infraestruturas, da agricultura e dos serviços.

Estava assim prevista uma Bolsa de Contactos que contava, entre outras, com empresas como o Bank of China, a Fosum International, o China Development Bank, a CICC – China International Capital Corporation, a Huawei, a China Tree Gorges Corporation, a China Communications Construction Company, a CSEEC – China State Construction Engineering Corporation, a Beijing Capital Airline e a Laofangzi Restauração.

Desde há alguns anos que a cooperação entre Portugal e a China para abordagem a países terceiros tem vindo a ser alvo de reconhecimento entre os dois países.

O próprio vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros Wang Chao em 2018 declarava que as duas partes têm cooperado “ativamente” na América Latina e África, através do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. E ainda que *“Portugal é um “membro importante” da União Europeia (UE) e tem “tradicionalmente influência” na América Latina e África”*.



Como sabemos o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (MACAU), também denominado “Fórum Macau”, foi criado em 2003, sendo muito estimulado pela República da China e constituiu-se como uma entidade multilateral agregando os oito países de língua oficial portuguesa e a China e tendo o apoio e a colaboração governamental de Macau. São assim membros do Fórum de Macau, Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Como já referimos anteriormente, em 2010 foi anunciada a criação do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China – Países de Língua Portuguesa com o objetivo de promover a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e tendo como princípios

(96) A iniciativa foi adiada para a data posterior.

promover o Investimento Empresarial, obter benefícios mútuos particularmente no respeitante à proteção ambiental, e à responsabilidade social e tendo como linha de força estimular o desenvolvimento social dos países membros.

O valor total envolvido no Fundo é de mil milhões de dólares dos Estados Unidos e desses mil milhões existem já projetos específicos em desenvolvimento / desenvolvidos. Exemplos são:

- **Brasil (2017)** – Projeto Solar no Brasil: projeto com valor total de US\$ 200 milhões. US\$ 20 milhões são do fundo que é destinado à produção de 200 megawatts de energia;
- **Angola (2014)** – Projeto Elétrico de Angola II: Segundo financiamento de 50 milhões de dólares;
- **Moçambique (2013)** – Projeto Agrícola em Moçambique (2013): Foi o primeiro projeto aprovado pelo fundo, possui um financiamento de 10 milhões de dólares americanos financiados pela Corporação Chinesa Wanbao Grains & Oils Co. para a produção de arroz

A existência deste Fundo é considerada por Portugal estratégica e como tal é recomendada às empresas do sector que estejam atentas aos desenvolvimentos vindouros.

A China tem-se empenhado em promover iniciativas em base tripartida, ou seja em bases que envolvem o nosso país. E isso é curioso verificar em textos publicados do lado chinês. Para ilustrar, apresentamos um texto académico publicado por Yi Sun onde é descrita a importância dos países que falam português para a China:

*“A comunidade dos países de língua portuguesa poderá desempenhar um papel importante nas relações sino-portuguesas. Em termos do potencial da cooperação marítima, com uma área total de Zona Económica Exclusiva (ZEE) de cerca de 8 milhões de Km<sup>2</sup>, os países de língua portuguesa têm hoje a quarta maior ZEE do mundo; o mar é um dos elementos identitários desta comunidade de países; todos os países de CPLP são países costeiros e três são arquipélagos; sendo a CPLP uma comunidade de países costeiros, os Transportes Marítimos, Portos e Logística são vitais para o desenvolvimento dos países membros. Após o regresso de Macau, a China tem-se empenhado para promover a parceria com os PLP como um bloco lusófono, para além de desenvolver uma diplomacia mais sofisticada com cada um deles”. “Em 2003 constituiu-se, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum) em Macau, um círculo relacional de cooperação em torno de elo linguístico – língua portuguesa. O Fórum organiza e coordena regularmente os encontros de alto nível, feiras de promoção de investimento, exposições comerciais, treinamento de pessoal, etc... Entre eles, destaca-se, em especial, a trienal Conferência Ministerial que reúne os ministros da China e dos países lusófonos com a missão de discutir e aprovar o Plano de Ação trienal para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os PLP.*

*No Plano de Ação (2017-2019) aprovada em outubro de 2016, verifica-se um grande alargamento das áreas de cooperação que cobre comércio, investimento, cooperação de indústria, infraestrutura, finanças, agricultura, energia, transporte, educação, turismo, cultura, desporto, ambiente, saúde, ciência e tecnologia etc. Ainda nesse documento, o conceito de “Uma Faixa, Uma Rota” foi introduzido pela primeira vez, o que se interpreta como a extensão do projeto da nova Rota da Seda para os PLP”.*

Pela importância de que reveste para este nosso Estudo, é importante reter esta última interpretação, que a ser geral, pode abrir as portas à cooperação com as empresas portuguesas, em geografias em que à partida, não estavam incluídas na Iniciativa.

## 3. COOPERAÇÃO PORTUGAL CHINA

### 3.1. SECTORES A APOIAR

Como já vimos nos capítulos anteriores, a China tem feito uma abordagem ao continente africano muito baseada na construção de infraestruturas, embora seja algo relevante referir também que se tem preocupado com as questões da educação, numa perspectiva de desenvolvimento desta através da sua própria autossustentabilidade. Nos tempos atuais, a abordagem baseia-se estruturalmente e apenas na Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Esta Iniciativa tem-se mostrado evolutiva, ou seja, se numa primeira fase estava confinada à Eurásia, rapidamente evoluiu para os diversos continentes e hoje, como já vimos, estabeleceu protocolos com mais de uma centena de países e organizações internacionais.

Como Fernanda Ilhéu e Joana Campos<sup>(97)</sup> referem no seu trabalho sobre “A Cooperação Portugal China na Industrialização dos PALOP” é importante identificar quais os possíveis sectores de cooperação das empresas portuguesas com as empresas chinesas na industrialização dos PALOP, que possam ser envolvidos no quadro da “Uma Faixa, Uma Rota”.

As conclusões deste estudo permitem identificar esses sectores. A análise destas duas autoras, baseadas nos planos dos próprios países e na capacidade luso-chinesa, conduz-nos à identificação dos seguintes sectores:

- Infraestrutura;
- Energia;
- Agroindústria.

E explicam porquê:

#### **No sector das Infraestruturas:**

*“Ambos os países, Portugal e China, possuem protocolos de cooperação assinados pela IP Engenharia, SA/Grupo de Infraestrutura de Portugal e o grupo Teixeira Duarte com a China Tiesiju Civil Engineering Group/China Railway Engineering Corporation cujo objetivo passa pelo desenvolvimento de infraestruturas de transporte, ferroviárias e rodoviárias nos PALOP (Agência Lusa, 2017). O Secretário de Estado da Internacionalização de Portugal, Eurico Brilhante Dias, referiu na cerimónia de assinatura do protocolo entre a IP Engenharia, SA/Grupo de Infraestrutura de Portugal e o grupo chinês que “Portugal já mostrou que é um parceiro de longo prazo nos PALOP e, por isso, com a China somos o parceiro que tem as melhores condições para a abordagem a estes mercados”.*

*“A construtora portuguesa Mota-Engil possui um acordo de parceira estratégica com a China Communications Construction Company (CCCC) que, entretanto, se tornou num acionista de referência da Mota-Engil ao adquirir 30% do seu capital. Esta empresa possui também um projeto de cooperação multilateral com a China National Complete Engineering Corporation e com a Thai Moçambique Logística para a construção da linha de caminho de ferro que liga Moatize ao porto de Macuse, em Moçambique (Jornal de Negócios, 2017)”.*

---

(97) Joana Campos é professora no ISEG e membro da ARNS – Associação dos Amigos da Nova Rota da Seda

**No sector da Energia:**

*“A cooperação energética é uma parte importante da BRI, uma vez que os países ao longo da BRI possuem boas condições de recursos que englobam, aproximadamente, 133 mil milhões de toneladas de reservas de petróleo, 158 biliões m<sup>3</sup> de gás, 446 mil milhões de toneladas de carvão e 130 toneladas de urânio, valores que representam mais de metade das reservas totais do mundo. Esta cooperação envolve a exploração de recursos, utilização e transformação de energia, construção de infraestruturas, serviços energéticos e construção e desenvolvimento de infraestruturas de logística e transporte (Belt and Road Portal, 2019).*

*Relativamente às energias renováveis, de acordo com o Encarregado de Negócios da Embaixada da China em Lisboa, Xu Zhida, a China pretende desenvolver a proteção ambiental e as indústrias de novas energias e, coincidentemente, Portugal tem como prioridade a transição digital e climática, fazendo destes dois países bons parceiros de cooperação neste sector (Forum Macao, 2020)“.*

**No sector da Agroindústria**

*“A agroindústria é um dos sectores prioritários para desenvolvimento dos PALOP e um sector que Portugal e China têm interesse em investir pela abundância de recursos naturais e condições agroclimáticas favoráveis. De acordo com o Portal Digital Agronegócios, são considerados investimentos estratégicos neste sector “investimentos na indústria de máquinas e equipamentos, na provisão de mecanização, incluindo a pulverização aérea, no melhoramento do gado, na irrigação, na produção comercial, no processamento e empacotamento, em sistemas de frio e silos“.*

*São várias as empresas portuguesas e chinesas que investem no sector, como a Angonabeiro do grupo Delta, na produção e processamento de café em Angola e a empresa chinesa Jiangsu Jiangzhou Agricultural Science & Technology Development Co que investiu, em Angola, a Jiangzhou Agriculture, Lda., um projeto que gerou aumento de emprego e que consiste no cultivo de produtos hortícolas, árvores de fruto, cereais e criação de gado bovino (Macauhub, 2019). De acordo com a International Finance Corporation (2021), para o desenvolvimento deste sector, são necessários regulamentos melhorados nos sectores de transporte (vias de comunicação), energia e TIC, sectores que, como referido anteriormente, Portugal e China têm interesse em investir (Macauhub, 2020)“.*

## 4. EMPRESAS DO SECTOR E A CHINA

### 4.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como vimos existe um relacionamento cada vez mais importante entre as empresas portuguesas e as chinesas, mas tal relacionamento nos últimos tempos tem sido condicionado à existência da pandemia.

O efeito e impacto pandémico tem provocado que as empresas direcionem a sua atenção e os seus esforços sobretudo para combater os efeitos diretos e indiretos que a pandemia provoca nos seus recursos.

E esse combate veio a ter efeitos ao nível da estratégia que já se encontrava em marcha. As empresas do sector metalúrgico e eletromecânico lutam pela sua cada vez maior qualificação em termos de recursos, particularmente os recursos humanos, e pela inovação tecnológica.

O sector surge, assim, em transformação, que sendo executada de forma paulatina permite atingir objetivos de maior sustentabilidade.

Uma outra transformação inerente ao sector prende-se com as questões ambientais, uma vez que é notória a sua atenção e preocupação crescentes para esta matéria.

Assim sendo, e neste momento em particular, a questão da internacionalização não se assume para a generalidade do sector como um objetivo de curto prazo. Naturalmente que as empresas estão atentas e sabem que o seu relacionamento com a China tem um potencial em crescendo, potencial esse que tem vindo a ser aproveitado em termos de importações. Como atrás referimos a China contribui já com mais de 4% do total de importações para o sector, vindo sempre num crescendo e sendo já o 5º país maior fornecedor de *inputs*.

Por outro lado, a presença da China faz-se sentir no mercado internacional, apresentando-se como concorrente direto no sector dos moldes que tem sido muito representativo nas exportações portuguesas.

De acordo com o sítio <https://www.moldeschina.com/pt/ferramentarias>, *“atualmente a China é a maior produtora de máquinas de injeção plástica e moldes em aço e a sua indústria de ferramentas abastece cerca de 30% do mercado mundial de moldes de injeção e, mesmo sem números precisos, acredita-se que existam mais de 5.000 espalhadas por todo o país. Existem regiões mais populacionais de ferramentarias, como as regiões de Taizhou, Shenzhen e Guangzhou. Embora muitas sejam de tamanho pequeno e médio, algumas das maiores ferramentarias mundiais se encontram na China”*.

Isto significa que o sector deverá estar muito atento à presença chinesa, não só em termos do mercado que a China pode representar para si, mas também, ter em muita atenção a capacidade da China em colocar no mercado produtos que até aqui eram originários de outras geografias.

Pensamos que, neste momento, é adequado lembrar que a China está pondo de parte a sua política de produzir em massa para atingir novos mercados através de preços muito competitivos.



A China como vimos no capítulo relativo à sua estratégia comercial, está a substituir esta estratégia pela da produção de bens e equipamentos com incorporação científica e tecnológica avançada e isso está a ter impactos importantes no mercado internacional.

## 4.2. OPORTUNIDADES

A Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” vem trazer às empresas do sector uma oportunidade. A inclusão do espaço luso na Iniciativa, significando um cada vez maior relacionamento entre Portugal e a China, trás inerente um alargamento do mercado dos produtos produzidos pelo sector – novas obras, significam mais fornecimentos, maior produção.

Mas a inclusão dos Países de Língua Portuguesa alarga ainda muito mais o mercado para o sector. Em capítulo anterior demos informação sobre os projetos já realizados ou em realização no mundo. Trata-se de projetos relevantes de valores muito significativos que envolveram a participação de entidades públicas ou privadas chinesas e empresas do país beneficiário.

Nestes projetos assistiu-se a uma mudança de paradigma.

Numa fase inicial da cooperação chinesa, os projetos eram executados de uma forma totalmente fechada. A China fazia os projetos, que construía utilizando as suas empresas, os seus operários e os seus materiais, enfim, que geria e fornecia a obra desde o início até ao fim. O beneficiário limitava-se, pois, a receber a obra e a inaugurar-la.

Esta forma de trabalhar era facilmente reconhecida em países que beneficiaram da cooperação chinesa como Angola e Moçambique.

Hoje, a situação alterou-se ou, pelo menos tem tido uma tendência forte para se alterar. Mas essa tendência pode ou não vigorar consoante a negociação com o país beneficiário.

Peguemos em alguns dos projetos que já identificámos inseridos na “Uma Faixa, uma Rota”:

- **Projeto Kuming (China)/Vianciana (Laos)** – As empresas chinesas foram responsáveis por 90% de todos os trabalhos de construção. 10% da mão de obra foi laociana.
- **Ferrovia de alta velocidade Moscovo (Rússia)/Kazan (Rússia)** – Foi constituído um consórcio entre as empresas russas OJSC Mosgiptotans e OJSC Nizhegorodmetroproekt e a chinesa CREEC – China Railways Eryuan Engeneering Group Co.
- **Ferrovia Kunming (China)/Banguecoque (Tailândia)** – Foi constituída uma joint-venture. As empresas chinesas tem a responsabilidade de realizar os estudos de viabilidade, projetar o sistema, construir os túneis e pontes e estabelecer os trilhos. Competirá igualmente à China efetuar o design da ferrovia e supervisionar a sua construção, fabricar os comboios e os sistemas de sinalização. As empresas tailandesas têm a responsabilidade de realizar os estudos sociológicos e de impacto ambiental, efetuar as desapropriações, tratar da engenharia civil geral, do fornecimento da energia e efetuar o fornecimento dos materiais de construção. Foi decidido ainda que a China asseguraria o sistema durante três anos e faria formação profissional dos técnicos tailandeses nas áreas de operações e manutenção. A Tailândia a partir do nono ano de implementação do projeto

passaria a assegurar a total responsabilidade da ferrovia e a China passaria a desempenhar as funções de consultora.

Como se vê, tratam-se de três projetos de grande dimensão, estratégicos para a China e que envolveram diversas formas de colaboração entre a China e os beneficiários, mas onde as empresas chinesas já não tiveram a total e completa responsabilidade de execução do empreendimento, uma vez que nele participaram empresas locais.

Um exemplo relevante é o que nos dá o projeto designado como “Área da Grande Baía”<sup>(98)</sup> que foi declarado como sendo uma oportunidade para os países membros do Fórum e que envolve a construção de infraestruturas, estabelecimento de sistemas industriais modernos, conservação ambiental, etc.

O projeto iniciado em Fevereiro de 2019 será executado até 2035. Sobre este projeto escrevia-se no editorial da Revista Fórum de Macau do Verão de 2019 que *“Tanto a Secretária-Geral, Xu Yingzhen, como os Secretários-Gerais Adjuntos Ding Tian e Rodrigo Brum, reafirmaram ao longo dos últimos meses, as oportunidades da Área da Grande Baía são um excelente desafio para as empresas e homens de negócio tanto da China como dos Países de Língua Portuguesa”* e mais adiante *“Com a Área da Grande Baía abrem-se novas oportunidade para parcerias e contactos numa das mais ricas e desenvolvidas regiões da China continental”*.



#### - Na Eurásia

Julgamos, porém, que cenários como os descritos não farão parte do leque de oportunidades para as empresas do nosso sector, particularmente como fazendo parte de consórcios para a execução de projetos financiados no quadro da “Uma Faixa, uma Rota”. Já o mesmo não se pode afirmar se empresas portuguesas funcionarem como subcontratadas para o fornecimentos de bens a incorporar em tais obras. Recomenda-se, por isso, que estejam atentas ao que a Iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” vier a proporcionar.

Já o caso do “Área da Grande Baía” poderá ser diferente. Aqui trata-se de um projeto onde participa ativamente uma multilateral – O Fórum Macau, de que Portugal é membro. Neste caso concreto as oportunidades de participar são de explorar.

#### - Nos Países de Língua Portuguesa

No discurso do Presidente Xi Jinping com que abrimos este Estudo, este referia que “a China está disponível para cooperar com Portugal para fomentar uma cooperação mais produtiva com o Países de Língua Portuguesa”. Só por si esta afirmação é de extrema importância pois significa na prática que as empresas portuguesas (certamente que em conjunto com as empresas chinesas) têm aqui

(98) O Projeto Grande Baía designado em inglês pela sigla “GBA” é um Plano de Desenvolvimento concebido para a área da baía de Guangdong envolvendo várias regiões da China: Macau, Hong Kong, Cantão, Shenzhen, Zhongshan, Jiangmen e Zahqing. Este plano de desenvolvimento iniciou-se em 2019.

uma oportunidade de monta que pode ser operacionalizada com a utilização da ferramenta financeira que é o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China – Países de Língua Portuguesa que como já referimos tem como objetivo promover a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e tendo como princípios promover o Investimento Empresarial de forma a se atingir o desenvolvimento social dos povos envolvidos.

Significa isto que as empresas do sector deverão estar atentas aos desenvolvimentos que este Fundo vá apresentando e particularmente estarem atentas aos projetos onde existe uma participação ativa do Fórum Macau, que envolve também iniciativas na própria China já que ela é um estado-membro.

Em ponto anterior demos três exemplos de projetos já financiados pelo Fundo, projetos esses que evoluíram o Brasil, Angola, Moçambique.

Nesta altura sente-se a necessidade de ter mais informação sobre o funcionamento do Fundo. Sabemos que a Secretaria de Estado da Internacionalização de Portugal pretende torna-lo o mais transparente possível e fazer a sua divulgação. Na realidade, é importante para as empresas do nosso sector saber como funciona o Fundo e muito especialmente como é feita a aquisição de bens e serviços.

Em ponto anterior abordámos a questão dos sectores que nos Países de Língua Portuguesa estariam mais em condições de poder beneficiar do apoio da China e verificámos que algumas das nossas empresas teriam já estabelecido protocolos com as entidades chinesas.

São os casos de:

- IP Engenharia, SA/Grupo de Infraestrutura de Portugal;
- Grupo Teixeira Duarte com a China Tiesiju Civil Engineering Group/China Railway Engineering Corporation para as infraestruturas de transporte, ferroviárias e rodoviárias nos PALOP;
- Mota-Engil que possui um acordo de parceira estratégica com a China Communications Construction Company (CCCC) (que entretanto se tornou sua acionista ao assumir 30% do capital) e que estabeleceu um protocolo para um projeto de cooperação multilateral com a China National Complete Engineering Corporation e com a Thai Moçambique Logística para a construção da linha de caminho de ferro que liga Moatize ao porto de Macuse, em Moçambique.

Estas três entidades – IP Engenharia, SA/Grupo de Infraestrutura de Portugal, Teixeira Duarte e Mota-Engil – ligadas ao sector da construção e às infraestruturas de transporte e que já têm em estado avançado a cooperação com entidades chinesas, em sectores particularmente importantes para as empresas do nosso sector, poderão constituir uma excelente oportunidade para a constituição de parcerias especializadas e para o estabelecimento de subcontratos.



### 4.3. INCENTIVOS AO ENVOLVIMENTO DAS EMPRESAS

Ao longo deste Estudos temos feito referência a diversas entidades que podem enquadrar uma envolvimento da participação das empresas portuguesas na iniciativa.

Em resumo essas entidades multilaterais são:

#### • Banco Asiático de Desenvolvimento

O Banco Asiático de Desenvolvimento tem tido uma participação muito limitada no que respeita à Iniciativa. Embora tenha feito o financiamento dos estudos iniciais, a sua participação em termos de financiamento de novas ações tem sido limitada. Aliás, ao analisarmos o financiamento das ações que a Iniciativa teve e tem em curso, vemos que ele provém em especial dos quatro maiores bancos chineses e do Banco de Desenvolvimento da China, que em conjunto asseguraram cerca de 89% do financiamento total. Tal análise não pode porém ser considerada como definitiva, pois a situação de pandemia retirou alguma capacidade à Iniciativa, ou seja acabou por atrasar toda uma dinâmica que se apresentava como muito vigorosa e como tal é muito cedo ainda para se tirarem conclusões sobre qual o papel que este Banco poderá ou irá desempenhar no futuro.

Por isso se recomenda que as empresas interessadas em trabalhar no quadro da Iniciativa, se mantenham atentas aos projetos identificados com este Banco.



#### • Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura

Esta multilateral foi até agora, muito pouco divulgada em Portugal. Trata-se de uma multilateral nova, mas que se pressupõe que terá um papel importante no desenvolvimento da Iniciativa. Embora alguns autores refiram que a criação do Banco teve a ver com a própria Iniciativa, o que é um facto é que ao Banco aderiram já dezenas de países e alguns com capacidade económica relevante. Tratando-se de uma multilateral, não se pode afirmar que o Banco apenas serve interesses chineses.

O Banco, face à conjuntura mundial, mudou nos últimos tempos a sua estratégia, sendo presentemente aprovados projetos na área da saúde ou na área da ajuda direta à economia dos países membros.

De acordo com declarações do Secretário de Estado da Internacionalização do Governo de Portugal, saindo do período de pandemia, o Banco naturalmente se virará apenas para a questão das infraestruturas.

Como referimos, o Banco está no mercado há poucos anos e a sua juventude pode justificar, bem como a aprendizagem que as entidades chinesas estão a fazer sobre o que é realmente a multilateralidade<sup>(99)</sup>, o facto de não serem ainda muito claros os seus procedimentos e em especial o seu processo de aquisição de bens e serviços. Sabemos, no entanto, que estão a ser feitos esforços no sentido de criar uma clara transparência nos procedimentos.

(99) Sobre este assunto ver na Parte II, ponto 2.2 as declarações da Mrs. Fu Ying ex. Vice-Ministra dos Negócios Estrangeiros da China.

Há pois que estar atento à evolução do Banco e sugere-se uma visita regular ao seu sítio onde é dada informação sobre os projetos que estão em aprovação (<https://www.aiib.org/en/projects/list/index.html?status=Proposed>).

• **Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China – Países de Língua Portuguesa**

O Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China – Países de Língua Portuguesa, é igualmente um Fundo que não tem tido muita divulgação.

Criado oficialmente em Junho 2013 e com um capital social de mil milhões de dólares americanos, o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China – Países de Língua Portuguesa, passou a ser administrado por Macau.

De acordo com as autoridades chinesas<sup>(100)</sup> desde a criação do Fundo que se assistiu a uma “*subida drástica*” da cooperação económica entre a China e os oito países de língua portuguesa e que “*muitas empresas de países de língua portuguesa abrem sucursais na China*” e que também promoveu a “*realização de muitos empreendimentos num valor estimado de 9000 milhões de dólares americanos*”.

Estas afirmações surgem como promissoras e tiveram impacto junto das PME macaenses que mostraram interesse no mercado dos 8 países lusófonos.

Identificámos, assim, três tipos de interesse:

- Por um lado, o da participação de empresas portuguesas nos projetos financiados pelo Fundo, tendo como beneficiário um dos países membros;
- Por outro lado, o apoio que o Fundo tem dado para que os oito invistam na China;
- E ainda por outro, a potenciação de parcerias com empresas chinesas, particularmente as macaenses.

É assim, desejável que as empresas no nosso sector, interessadas na cooperação com entidades chinesas, estejam muito atentas aos desenvolvimentos decorrentes da performance deste Fundo e sobre o mesmo solicitem a informação necessária junto das entidades portuguesas de apoio, particularmente da AICEP.

---

(100) Afirmações proferidas por Chen Xing, subdirectora do departamento para os Assuntos Económicos e encarregada da divisão de Comércio do Gabinete de Ligação em Macau.

## 5. COMO TRABALHAR COM A CHINA

### 5.1. COMO INICIAR UMA RELAÇÃO DE NEGÓCIO

No Ocidente é comumente aceite que trabalhar com entidades chinesas não é fácil. E não é, muito particularmente, devido às questões culturais.

Os académicos ocidentais cada vez se preocupam mais com a ligação do mundo dos negócios às questões da cultura e daí, cada vez mais obras sobre esta temática estejam a ser publicadas, numa altura em que o mundo se apresenta mais globalizado e com manifestações de aculturamentos cada vez mais manifestos (forma de vestir, forma de se apresentar, padrões de consumo, etc...).

Quando se deseja trabalhar com entidades chinesas nem sempre comportamentos ocidentais são os mais desejáveis. Para obter sucesso é necessário entender e interiorizar a lógica da cultura chinesa.

A cultura chinesa é filosoficamente baseada no respeito (no respeito pelos mais velhos, no respeito pela hierarquia, no respeito pelo género) e assume enquadramentos completamente contrários aos dos ocidentais.



Destaca-se, neste enquadramento, a questão do relacionamento entre o tempo e o dinheiro. Para um chinês, tempo é tempo e dinheiro é dinheiro. A precipitação, a ansiedade, o “é para ontem” não existe. Tal, não é muitas vezes compreendido pelos ocidentais e é causador de impaciências e frustrações.

Quando uma empresa/entidade ocidental tem como objetivo vir a trabalhar com chineses, deve levar muito em conta as regras comportamentais chinesas que estão profundamente enraizadas nas pessoas e que decorrem da tradição e a tradição tem séculos, remontando a tempos muito antes de Cristo.

Mas, claro que, não obstante essa questão, é perfeitamente possível trabalhar com a China e os portugueses tem-no feito desde o século XVI. E esse é um potencial, curiosamente mais reconhecido pelos chineses do que pelos portugueses<sup>(101)</sup>.

O protocolo chinês a que nos dedicarmos posteriormente traz-nos alguns conselhos sobre o que as empresas devem fazer.

Concretamente, eis alguns conselhos protocolares iniciais e básicos:

- Se necessitar marcar uma reunião, faça-o por escrito, preferencialmente com muita antecedência (um a dois meses);

(101) Este potencial traz-nos à memória o facto da China reconhecer, nos nossos dias, Portugal como uma potência histórica.

- Tenha presente que os chineses não gostam de fazer negócios com empresas que não conhecem. A utilização de um intermediário (pessoa ou empresa) é crucial;
- Demonstre que a sua empresa tem boa reputação, cumpre os seus compromissos e recolhe o respeito dos seus pares;
- Traduza os seus documentos e as suas apresentações para chinês;
- Não reporte nada de negativo relativamente aos seus concorrentes;
- Seja tolerante e acima de tudo paciente. Não demonstre ansiedade, nem desejo de fazer o negócio rapidamente;
- Não se entusiasme com atitudes faciais afirmativas dos seus interlocutores. Essas só são demonstrativas da gentileza e do espírito de não confronto dos seus interlocutores.

Já analisamos a importância das questões culturais, já sabemos que “tempo” não é “dinheiro” e já conhecemos princípios protocolares base aplicados ao mundo dos negócios.

Mas, como é que damos início a uma relação comercial?

Henry Quaresma<sup>(102)</sup>, num artigo publicado na “Brazil Export Magazine” refere que iniciar uma relação comercial com a China implica quatro etapas que são:

- Visitas para Conhecimento do Mercado;
- Participação em Eventos;
- Visitas Empresariais;
- Visitas para Negociação

#### **Visitas para Conhecimento do Mercado**

Trata-se da visita inicial onde o empresário vai sentir a realidade do mercado. É a visita onde deve contactar com a Embaixada (se existente), com a AICEP (se existente), com eventuais Câmaras de Comércio, com entidades que de alguma forma estejam ligadas ao seu mundo e que podem aconselhar, dar notas de experiências anteriores, erros cometidos, sucessos obtidos etc. e eventualmente marcar as primeiras reuniões com entidades chinesas diretamente e indiretamente ligadas ao seu negócio. É também a visita onde “verá a vida a correr”, os mercados tradicionais, os centros comerciais, os transportes, as comunicações e telecomunicações, os hábitos do povo, os preços dos produtos e serviços, etc.

É a visita onde se estabelecerão os primeiros contactos com as entidades e individuais locais, onde se demonstrará a reputação e honorabilidade.

#### **Participação em Eventos**

A China realiza anualmente inúmeras feiras temáticas um pouco por todo o País. Em complemento ao descrito anteriormente a “feira” é o local ideal para se entender a cultura e o processo de negociação.

É o local ideal para estabelecer contato com entidades governamentais nacionais e regionais e para estabelecer contato com empresários chineses para o estabelecimento de parcerias ou de interlocutores/intermediários locais que possam funcionar como agentes locais.

---

(102) Henry Uliano Quaresma é um autor brasileiro, que publicou o livro “O Fator China e o Novo Normal”. Henry Quaresma tem publicado artigos na revista brasileira dedicada à exportação “Brazil Export Magazine”. É o CEO da empresa Brasil Business Consulting.

Naturalmente as visitas iniciais devem respeitar os grandes princípios protocolares anunciados, particularmente os que se referem à questão de respeito, tolerância e paciência.

### **Visitas Empresariais**

Serão as visitas a homólogos dos interlocutores. Aqui aplicam-se algumas regras que serão desenvolvidas posteriormente e que respeitam à hierarquia. De facto é muito importante que quem efetuar as visitas tenha uma posição hierárquica equivalente à pessoa que será a interlocutora. Daí a grande importância do cartão de visita mencionando o título de quem se apresenta nas reuniões e a importância que o cartão possa ter uma tradução em chinês simplificado<sup>(103)</sup>.

### **Visitas para Negociação**

Nas visitas de negociação é aconselhada a aplicação dos princípios e regras que se definirão no subponto seguinte.

## 5.2. ESTILO DE NEGOCIAÇÃO COM ENTIDADES CHINESAS – PRINCÍPIOS E REGRAS

Segundo John L. Graham<sup>(104)</sup> e N. Mark Lam<sup>(105)</sup> aprender a negociar com os chineses é o maior desafio da atualidade para os executivos ocidentais e afirma que existem oito elementos que definem o estilo chinês de negociação:

### **1º) Dignidade e prestígio:**

Aplica-se neste elemento o conceito de “face” que, no capítulo relativo ao protocolo cultural, detalharemos. Este conceito aplica-se em todas as instituições, quer sejam governamentais quer nas empresas, quer em qualquer organização. É um conceito base que representa como que uma cotação da pessoa, ou da entidade. Para poder bem aplicar este conceito/elemento não se deve dizer “não” diretamente, não se deve rejeitar uma proposta ou convite sem mostrar apreciação, não se deve interromper a conversa alheia e deve-se sempre obedecer à hierarquia.



### **2º) Ligações Pessoais (“Guanxi”<sup>(106)</sup>):**

O “guanxi” representa o capital social que um indivíduo tem no seu grupo social, na sua família e no seu trabalho. É fundamental para o sucesso de estrangeiros, pois os chineses só deixarão alguém entrar em sua rede de “guanxi” se entenderem que vale a pena e só vale a pena se um indivíduo possuir integridade, boa posição na hierarquia social e/ou profissional e ser respeitado.

(103) Pela sua importância dedicaremos no capítulo respeitante ao Protocolo uma descrição sobre os cartões de visita.

(104) John Graham é um perito americano especializado em marketing e negociações internacionais particularmente com a China e o Japão. Escreveu vários livros considerados de referência sobre o tema China e publicou vários artigos em jornais como o Los Angeles Times, La Opinion, and the New York Times. Foi ainda consultor de diversas empresas e instituições como a Toyota Motor Sales, AT&T, the United States Trade Representative, the United States Institute of Peace, and The National Institute of Health.

(105) N. Mark Lam é autor do livro “China Now: Doing Business in the World’s Most Dynamic Market”. É um jurista originário da República da China (Taiwan) especializado em Negócios Internacionais. É representante nos Estados Unidos da América de empresas asiáticas de tecnologia e foi CEO da Live365.com, uma empresa da Silicon Valley, pioneira na rádio vis internet com base na tecnologia da nuvem. É co-autor do artigo “Negociações com a China” publicado em 2003. É professor da Universidade da Califórnia.

(106) Guanxi é a palavra chinesa que significa “relações”, ou “ligações” em termos de linguagem de negócios e que é utilizado quando se pretendem “abrir portas” e facilitar os contactos.

Este conceito é de tal forma importante que as empresas podem deixar de ter relacionamento pelo simples facto de mudarem um executivo. O importante não é a empresa, é quem a representa, é com quem uma determinada entidade tem uma ligação pessoal. Mas o que fazer quando não se está integrado numa rede de ligações pessoais. Pois bem, é utilizar intermediários a funcionar como embaixadores. Mas como nos advertem alguns autores e entre eles Tom Chung<sup>(107)</sup> há que ter cuidado neste capítulo pois existem situações em que os intermediários prometendo acesso a tudo e a todos apenas querem tirar proveito próprio.

### 3º) Intermediários:

Mais uma vez nos é chamada a atenção para a questão dos intermediários ou na expressão chinesa para os Zhongjian Ren. Como já vimos ao descrever a história da China, os chineses desconfiam muito dos povos ocidentais e em geral dos estrangeiros. Por isso, é basilar que se recorra a intermediários/parceiros para se estabelecer os primeiros contactos com os representantes de empresas e/ou áreas dos governos locais e central que participarão dos negócios pretendidos. John Graham e Mark Lam, aconselham que se recorra a conterrâneos, familiares, ex-colegas ou antigos parceiros de negócios. O intermediário é importante em todas as fases do negócio. Como já vimos os chineses não vão dizer “não” diretamente aos estrangeiros mas, se for o caso, irão dizer “não” aos intermediários. Mas não só nas etapas de negociação os intermediários vão ser importantes. Eles, como nos ensina Graham e Lam, têm capacidade de compreender melhor as nuances e expressões faciais e da fala de um chinês e “Na China, os intermediários – e não os negociadores – são quem trazem à tona o assunto de negócios a ser discutido. E o intermediário muitas vezes é quem resolve os diferendos se existentes.”



### 4º) Estatuto Social:

O Estatuto Social ou, na expressão chinesa, “*Shenui Dengji*”, é fundamental. Como já vimos e como iremos também desenvolver quando tratarmos das questões do protocolo o respeito à hierarquia é um elemento basilar. Como mais uma vez nos dizem Graham e Lam, os chineses só negociarão, se a empresa com quem estão tratando, mandar representantes à altura de quem os recebe do lado chinês, e Graham e Lam contam-nos que quando a General Motors estava tentando adquirir a Shanghai Auto, em 1995, o presidente da GM, John F. Smith, fez três viagens a Pequim para se encontrar com os executivos chineses.

Essa é uma das razões por que se veem na China, Buicks (GMs) e não Fords.

(107) Tom Chung é o autor do livro “Negócios com a China. Desvendando os Segredos da Cultura e Estratégias da Mente Chinesa”, 2005

### 5º) Harmonia Interpessoal:

A sintonia entre as duas partes, a “harmonia interpessoal”, ou seja a “Renji Hexie” em chinês é igualmente um factor muito forte e até está ligada à sabedoria popular, como mais uma vez nos descrevem Graham e Lam. Dois desses ditados são: “Um homem sem um sorriso não deveria abrir um negócio” e “Só uma pessoa amigável e de bom temperamento ganha dinheiro”. Na China, nas relações entre iguais, o principal é a amizade e demonstração de intenções positivas. Uma vez alcançada a harmonia – o que pode levar muito tempo – bons negócios podem acontecer e a confiança mútua gerada garante muito mais o cumprimento dos termos acordados que qualquer contrato assinado. A mente consciente, segundo Chung é responsável por apenas 5 a 9% do que fazemos, detecta diferenças pela curiosidade ou rejeição. A mente inconsciente, responde por até 95% do nosso pensamento, detectando semelhanças que nos trazem certeza e segurança. Logo, essa é a parte preponderante do pensamento das pessoas, e entender as diferenças entre as duas é fundamental. O segredo da harmonia na opinião de Chung é o “espelhamento”, enfatizando as semelhanças de pensamento (congruências), mesmo que pequenas, pois elas criam a sintonia mútua necessária para que o resto seja discutido.



Segundo Chung, criar harmonia com os chineses não passa necessariamente pela língua, responsável por apenas 7% do que “dizemos”. Do restante, 33% estão na musicalidade da voz, e 60% na comunicação não verbal.

Ainda segundo Chung, é fundamental entender como o seu “oponente” pensa e se porta, acompanhando o seu ritmo, para só depois tentar conduzi-lo na negociação. É importante conhecer a história da China, a língua e cultura chinesas, compreender o Confucionismo, pois estes geraram as regras da etiqueta social.

Mas, entrar em sintonia, não é concordar com o outro em tudo, mas sim dar relevo à parte em que se concorda – se ela existir – e, principalmente, validar a opinião do outro no restante em que discordam mas de maneira sincera e respeitosa.

### 6º) Pensamento Holístico<sup>(108)</sup>:

Os chineses têm contrariamente aos ocidentais uma visão integral e um entendimento mais geral dos negócios. Os ocidentais pensam de maneira linear (“uma coisa de cada vez”), enquanto os chineses e outros povos asiáticos pensam de forma holística, vendo o todo. Essa diferença é, de acordo com Graham e Lam, a maior causa de conflitos em negociações, pois os ocidentais têm a tendência para facilmente se irritam com a “falta de progresso” e com as perguntas que voltam a tratar de assuntos anteriormente negociados e que já estavam definidos. Na China, “nada é definido até que tudo esteja definido”, ou seja, os chineses analisam todos os aspectos do negócio ao

(108) Na expressão chinesa “Zhengti Guannian”

mesmo tempo, enquanto os ocidentais tendem a querer negociar cada parte em separado. Por outro lado, os chineses facilmente cancelam as negociações até mesmo em partes que já haviam sido negociadas ou voltam a regatear sobre elas.

Serão sinais de progresso o facto de as perguntas começarem a ser de partes específicas do acordo, e a entrada de executivos de alto escalão nas reuniões.

### **7º) Regatear e Poupar:**

Num país que passou por tantas vicissitudes históricas que trouxeram tantas dificuldades económicas e tanta instabilidade política e social, o ato de poupar, denominado "Jiejian", é milenar e isso reflete-se no ato de regatear ao máximo. Em geral, os chineses, quando praticam a venda, pedirão um preço mais alto que o usual. Os ocidentais não devem, por isso, levar as primeiras ofertas em consideração, pois é esperado que se regateie e se encontre um equilíbrio entre o preço pedido e o preço considerado justo.

### **8º) Comprometimento, Persistência e Empenho (Chiku Nailao):**

Encontramos no "*Chiku Nailao*", expressão chinesa para designar o comprometimento, a persistência e o empenho, mais uma diferença cultural importante. Contrariamente à cultura ocidental em que o mais importante são atingir os objetivos, na cultura chinesa, mais importante do que o resultado é o esforço realizado para atingir tais objetivos.

Ser reconhecido a um chinês empenho, comprometimento e persistência é muito importante e honorável.

Nos negócios, isso pode significar que um chinês se prepare muito melhor e com muito mais empenho que um ocidental e que chegue à mesa de negociações numa posição de vantagem.

Graham e Lam sugerem três táticas para superar essa situação:

- Faça perguntas, algumas mais de uma vez, (sempre de maneira respeitosa) pois isso pode ajudar a expor as fraquezas do argumento do outro lado da mesa, fazendo os negociadores chineses a se sentirem obrigados a aceitar novas concessões. Isso demonstra empenho do seu lado;
- Mostre comprometimento com a negociação fazendo pesquisas por exemplo sobre normas internacionais de negócios que os interlocutores chineses possam potencialmente desconhecer ou até sobre o que seus concorrentes oferecem (mas sempre de maneira subtil). Ainda mais interessante é demonstrar resultados práticos que a empresa chinesa viria a alcançar com o que está sendo negociado;
- Paciência e compreensão.

De forma resumida, os especialistas John L. Graham e N. Mark Lam colocam a negociação com os chineses da seguinte maneira:



*“Para os ocidentais que desejam fazer negócios na China, aqui vai a palavra final: Mexa-se agora, e aprenda as regras do jogo desenvolvendo as relações pessoais (“guanxi”) necessárias para fazer seu negócio prosperar na China. Não espere resultados imediatos. Velhas amizades fazem milagres através do tempo; cada ano investido agora na China vai ser pago no futuro – porque num país de memórias milenares, relacionamentos no presente têm de ser cultivados com paciência”.*



### 5.3. PROTOCOLO CULTURAL

A cultura chinesa é determinante quando se efetuam análises sobre o País e manifesta-se ao nível do modo de vida, do pensamento das pessoas, das suas atitudes e maneiras de estar, na forma de vestir, na gastronomia, nas suas crenças e no código de etiqueta.

Respeitar a cultura de um povo, que tem um impacte natural nas instituições e nas empresas, pode ter uma influência decisiva na concretização de negociações e estabelecimento de relações com entidades chinesas.

Atendendo à globalização, existe uma constante mudança no que respeita à cultura comercial e, de acordo com alguns especialistas, existe uma aproximação à cultura empresarial ocidental. No entanto, mesmo esta, apresenta diferenças entre si. Assim, parece aconselhável a fluência cultural ou seja a compreensão sobre a cultura de quem negocia connosco, particularmente como essa cultura opera e daí decorrente, os seus efeitos sobre a forma de estar e comunicar.

Mas tal nem sempre se apresenta fácil. Como nos afirma Edward T. Hall<sup>(109)</sup> *“a aproximação cultural exige de nós próprios a reorganização do nosso pensamento”* e muito poucas pessoas desejavam fazê-lo. De acordo com Michelle LeBaron<sup>(110)</sup>, a comunicação na aproximação cultural é determinante. Pelo seu interesse eis algumas atitudes/comportamentos que foram identificados por esta especialista para que essa aproximação cultural se efetue sem originar conflitos:

- Mensagens não-verbais e gestos podem ser tão importantes quanto o que é dito;
- A expressão facial e o tato podem ser importantes e a sua utilização deve ser feita de forma equilibrada e refletir sempre o desejo de comunicar de forma franca e plena;
- A construção de um bom relacionamento pode contribuir para a eficácia ao longo do tempo;
- O pensamento criativo pode ser uma alternativa importante para a resolução de problemas;
- Perguntas diretas e observações não devem ser entendidas como geradoras de conflitos mas como uma forma de se avançar mais esclarecidamente.

Conforme nos cita Maria João Tomás<sup>(111)</sup> *“ter um modelo de negócio adaptável, e uma abordagem de mente aberta, é fundamental para o sucesso da internacionalização”*. E, é de facto, essa adaptabilidade que explica algum do sucesso e insucesso que muitas empresas obtêm na sua caminhada para a internacionalização. Por sua vez J. B. Barney, professor norte-americano de gestão estratégica, em 1986, afirmava que *“organizações que dão a devida importância às questões culturais são capazes de aumentar a sua eficiência e competitividade”*. De facto, não dar importância às questões culturais constitui um risco pois pode acarretar uma má imagem e dificultar uma entrada num mercado.

(109) Edward T. Hall foi um antropólogo americano e pesquisador cultural, “muito conhecido por ter desenvolvido o conceito da comunicação proxêmica, explorando a coesão cultural e social ao descrever como as pessoas se comportam e reagem em diferentes tipos de espaços pessoais já culturalmente definidos”.

(110) Michelle LeBaron é professora na Universidade de British Columbia Faculty of Law do Canadá e especialista na área de gestão de conflitos

(111) Maria João Tomás é investigadora e docente convidada do ISCTE-IUL para a área de negócios internacionais.

Daí que muitos autores especialistas nas questões decorrentes da internacionalização e formação de parcerias entre atores de diversas culturas, passassem a recomendar que, haja preocupação com as questões culturais e, como tal, passassem de igual forma, a serem estudadas.

Em termos conclusivos à introdução da questão cultural relativa à importância do protocolo chinês vamos citar o que Maria João Tomás nos refere sobre a questão dos desafios culturais da internacionalização: *“para conseguir ultrapassar os riscos culturais é necessário ter uma postura aberta e tolerante, ser flexível, entender a cultura, conhecer a História do país, saber a língua, perceber os padrões culturais morais e éticos. (...) é preciso não esquecer que as capacidades interculturais exigem capitalização psicológica, adaptabilidade, autoconfiança, resiliência e otimismo, tendo consciência de que elas condicionam, uma boa estratégia de negócio e a possibilidade de alcançar liderança”*.

Feita esta sumária análise reflexiva sobre a importância das questões culturais no mundo dos negócios em particular no que respeita à internacionalização, cumpre-nos agora descrever alguns aspetos significativos do protocolo chinês.

Se quiséssemos encontrar, no campo dos negócios, uma diferença cultural importante entre os ocidentais e os chineses é interessante começar pelo binómio “tempo-dinheiro”, binómio a que já nos referimos anteriormente. É comum os ocidentais afirmarem que “tempo” é “dinheiro”. É uma expressão que remonta aos antigos filósofos gregos e que ainda hoje é utilizada não só em termos populares como também por líderes e gestores visionários. Pois bem, para os chineses “tempo é tempo” e “dinheiro é dinheiro”.

Como nos transmite Isabel Amaral, especialista em protocolo e comunicação intercultural, para os chineses *“a paciência é sinónimo de um carácter forte, sendo um valor acrescentado em qualquer negócio. Os chineses cultivam os silêncios e as pausas para ponderar, meditar e compreender antes de emitir uma opinião. Por serem negociadores astutos e perseverantes, prolongam as reuniões, controlando o tempo e o ritmo da negociação ao longo de todo o processo”*.

Como sabemos, a China é conhecida pela sua etiqueta muito específica, pela manutenção dos seus costumes, pelo respeito mútuo e pela sua formalidade. Na realidade na China o culto dos antepassados e as tradições milenares, mantêm-se como muito fortes e qualquer desrespeito por esses fatores pode ser desastroso para quem trabalha ou quer vir a trabalhar com a China. Na China o protocolo de negócios é, de facto, rigoroso e muitas vezes pouco compreensivo para com as atitudes e jeitos dos ocidentais.

É fundamental que os interlocutores ocidentais demonstrem ser honrados, terem boa reputação e serem respeitosos. Estes três fatores constituem aquilo que na China se apelida de *“Mian-Zi”*, ou na expressão anglófona *“face”*<sup>(112)</sup>. Como nos refere Hanna Michael<sup>(113)</sup> no sítio Feng Shui Store<sup>(114)</sup> acerca do protocolo, chinês *“It is critical that you give face, save face and show face when doing business in China”*. Muito do comportamento chinês se baseia em princípios filosóficos

(112) Em português o termo Mian-Zi poderá ser traduzido por “dignidade e prestígio”. O conceito de “face” foi já por nós introduzido em capítulo precedente.

(113) Michael Hanna, nascido em 1958 em Hong Kong é Mestre e especialista na cultura chinesa particularmente no que respeita às questões de etiqueta e protocolo.

(114) Feng Shui é uma arte chinesa que procura criar a harmonia e melhorar a energia vital nos seres e ambientes.

transmitidos por Confúcio<sup>(115)</sup>, considerado como o grande mestre das questões morais, da lealdade e das relações sociais e particularmente no que respeita aos códigos de conduta entre os jovens e os mais velhos, entre os homens e as mulheres e entre o povo e os seus dirigentes. Destes princípios filosóficos decorrem desde logo comportamentos que se aplicam a todas as situações.



#### 5.4. ALGUMAS REGRAS PARA FAZER NEGÓCIO

A negociação com interlocutores chineses tem, pelas razões culturais, muitas especificidades. Alguns especialistas a quem recorreremos dão-nos algumas regras gerais que podem ser úteis na fase de negociação. Procurando identificar esses princípios respigamos de Michael Hanna e dos textos de Isabel Amaral, alguns dos comportamentos a ter nas reuniões com entidades chinesas que se expressam seguidamente.

##### Regras Comportamentais

- São necessárias marcações de reuniões e, se possível, devem ser feitas com um a dois meses de antecedência, de preferência por escrito.
- Deve-se chegar às reuniões no horário ou um pouco mais cedo. Os chineses consideram a pontualidade uma virtude. Chegar atrasado é um insulto e pode afetar negativamente o seu relacionamento.
- Envie uma agenda antes da reunião para que colegas chineses tenham a chance de convocar especialistas técnicos antes da reunião. Numa sala de reuniões a delegação visitante deve entrar na sala precedida pelo chefe da delegação, que começa por cumprimentar o seu congénere.
- O critério é a hierarquia e a fila de cumprimentos é alinhada a partir do líder.
- Normalmente as saudações são formais e a pessoa mais velha é sempre saudada primeiro.
- Um bom aperto de mão forte é a forma mais comum de saudação com estrangeiros, com saudações menos formais com uma ligeira reverência ou aceno de cabeça.
- Muitos chineses mais velhos olham para o chão ao cumprimentar alguém.
- O chefe da delegação costuma ficar sentado no topo da mesa virado para a porta. Todos os lugares na mesa devem estar assinalados com os nomes e os cargos.
- Se levar uma equipa para as negociações (e deve fazê-lo para não ficar em desvantagem), ordene-a para facilitar a colocação à mesa. Se forem todos do mesmo nível, o critério passa a ser a idade. É preferível haver um porta-voz, para que nenhum membro de uma delegação contradiga um outro.
- As perguntas devem ser formuladas cuidadosamente. Os chineses não gostam de dizer “não” para não perderem a “face”, nem o fazerem a si perder a “face”. Se lhe responderem duas vezes “talvez” ou “é inconveniente”, mais vale não insistir.
- Nunca demonstre irritação ou impaciência.
- Nunca critique nem ponha em causa ninguém em público.
- Quem perde a “face” dificilmente a recupera. Mas quem faz perder a “face” a um chinês, não fica melhor.
- Os telemóveis podem tocar com frequência. Nunca peça aos chineses que desliguem seus telemóveis.
- Não faça grandes movimentos com as mãos. Os chineses não falam com as mãos.

(115) Confucio foi um filósofo chinês que viveu entre 551-479 AC e que deixou marcas profundas em toda a cultura chinesa

- Os chineses não são confrontadores. Eles não vão dizer abertamente “não”, eles vão dizer “que vão pensar sobre o assunto” ou “eles vão ver”.
- As negociações comerciais ocorrem em um ritmo lento e esteja preparado para que a agenda se torne um ponto de partida para outras discussões.
- Na condução das negociações, os chineses são subtis e ambíguos, colocando inúmeras questões.
- Seu preço inicial deve deixar espaço para negociação.
- No final de uma reunião, espera-se que você saia antes do seu homólogos.
- A troca de ofertas faz parte do processo de negociações. O anfitrião costuma dar um presente ao convidado. Deve começar por recusar para não mostrar ganância e, depois de alguma insistência, agradeça mas não o desembulhe, a não ser que o seu interlocutor insista para o fazer.

### **Cartões de Visita**

Os cartões de visita (chamados como “*Ming Pian*” pelos chineses), são apresentados quando todos se encontram pela primeira vez e devem ser dados e recebidos com ambas as mãos.



Eis outras regras relativas à apresentação e recepção dos cartões de visita:

- Nunca entregue o seu cartão de visita ao seu contato chinês deslizando o mesmo na mesa pois isso é considerado extremamente desrespeitoso.
- É humilhante colocar o cartão de alguém diretamente em seu bolso, sem olhar para ele primeiro.
- Traduza um lado do seu cartão de visita para mandarim (se for o caso) usando caracteres chineses simplificados impressos em tinta dourada, já que o ouro é uma cor auspiciosa.
- O seu cartão de visita deve incluir seu título.
- Examine um cartão de visita antes de colocá-lo na mesa ou numa caixa de cartão de visita.
- Nunca escreva no cartão de alguém a menos que lhe digam para o fazer.

### **Relacionamento e Comunicação**

Eis algumas noções básicas de etiqueta empresarial relativas a relacionamentos e comunicação, extraídas dos ensinamentos de Michael Hanna:

- É imperativo que, ao se apresentar, a pessoa com maior estatuto seja a primeira a fazê-lo.
- Os chineses não gostam de fazer negócios com empresas desconhecidas pelo que trabalhar com um intermediário individual ou uma empresa é crucial.
- Se pretender visitar a entidade na China, antes de chegar, envie materiais preferivelmente escritos em chinês.
- Os chineses costumam usar intermediários para fazer as perguntas que não desejam fazer diretamente.
- O preconceito de género não existe nos negócios.
- Tratar os chineses de forma informal especialmente na frente de seus colegas, pode ser desastroso para o processo negocial.
- Na China há uma demarcação entre negócios e socialização. Jantares sociais não são lugar para tratar de negócios.
- Não aponte ao falar, não coloque a mão na boca, não aponte com o dedo indicador.
- Não tome o aceno chinês como acordo pois este é apenas um sinal de que eles estão ouvindo com atenção.

### **Modo de Vestir e de se Apresentar**

O modo de vestir na China de hoje está mudando de forma muito rápida. A maioria dos chineses da cidade usa facto e gravata ao estilo ocidental quando vai a uma reunião de negócios. É aconselhável que os estrangeiros se vistam da mesma forma.

Ao usar joias estas deverão ser modestas e não sumptuosas, tal como outros ornamentos que não deverão ser vistosos.



Assim sendo:

O traje de negócios deve ser conservador e despretensioso, ou seja:

- Os homens devem usar fatos escuros e conservadores;
- As mulheres devem, igualmente usar fatos conservadores ou vestidos com decote alto;
- As mulheres devem usar sapatos rasos ou sapatos de salto muito baixo;
- As cores brilhantes devem ser evitadas.





The background image shows several vertical metal rods, likely made of steel, that have been exposed to a corrosive environment. The rods are heavily rusted, with a thick, orange-brown layer of rust covering significant portions of their surface. The rods are arranged in a grid-like pattern, and the background is blurred, suggesting a laboratory or industrial setting. The lighting is somewhat dim, highlighting the texture of the rust.

## IV. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

## CONCLUSÕES

O estudo não esgota o tratamento da problemática do relacionamento entre Portugal e a China e, daí, a internacionalização do sector metalúrgico e eletromecânico com base na Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Trata-se de um estudo que, não tendo tal pretensão, pretende, sim, constituir-se como que um trabalho analítico que visa proporcionar informação sobre a atuação da China, particularmente sobre a Iniciativa e sobre os impactos que esta pode vir a ter na economia portuguesa e, particularmente, nas empresas do sector.

Estamos crentes que as análises, descrições e informações contidas no Estudo poderão auxiliar as empresas do sector que pretendem analisar e, eventualmente, tomar decisões sobre a sua entrada no mercado chinês, seja sobre a forma de fornecimento de bens e serviços, seja sob a forma de parcerias ou ainda sob a forma de subcontratações, quer de entidades chinesas, quer de empresas portuguesas, particularmente as do sector da construção que estabeleceram protocolos ou mesmo as que já têm as entidades chinesas na sua estrutura acionista.

A Iniciativa chinesa está em pleno desenvolvimento, não obstante o seu vigor ter esmorecido, um pouco, com a ocorrência da pandemia. Isto significa que este Estudo representa apenas um ponto de situação à data de Dezembro de 2021.

Tal é muito importante, pois a Iniciativa não é pacífica e tem incentivado o agravar das disputas comerciais entre, fundamentalmente, os Estados Unidos da América e a China. Lembramos aqui o que refere Fernanda Lhéu ao escrever que vivemos momentos de incerteza nas relações entre os Estados Unidos e a China e por isso, é impossível, prever o futuro.

Sendo “Uma Faixa, uma Rota” a Iniciativa estratégica chinesa de cariz económico-comercial com reflexos a nível político e social, que induz por essa razão e de acordo com as autoridades chinesas, o desenvolvimento mundial, fácil é constatar que a sua implementação nunca será linear e estará sempre assente em polémica e contestação. Esta situação, levará a que nos anos que se nos seguem haja avanços e recuos, modificações de estratégias específicas e talvez descobertas de novos caminhos.

E essas modificações serão de muita importância para o nosso país. Imagine-se como as situações serão diferentes se, por hipótese, as entidades chinesas ganharem o concurso para o Terminal Vasco da Gama em Sines. A China passará a ter uma maior presença na nossa economia e o que é que isso acarretará?

Seja como for, o Estudo visou fundamentalmente fazer uma caracterização da Iniciativa, trazendo informação e dados atualizados.

Assim, é possível tirar algumas conclusões, algumas delas, porém não definitivas.

A apresentação destas conclusões é efetuada por seis partes, o que não significa que não se entrelacem entre elas:

- No que concernem à China;
- No que concernem à “Uma Faixa, uma Rota” de per si;
- No que concerne aos impactos internacionais;
- No que concerne aos impactos em Portugal;
- No que concerne aos impactos nas empresas portuguesas do sector;
- No que concerne aos impactos nos Países de Língua Portuguesa.

Vejamos então os respetivos desenvolvimentos.

### **No que concernem à China**

- A China de hoje reflete no seu relacionamento externo uma história de guerras, ocupações militares, epidemias, secas, inundações e revoluções. Só compreendendo muito bem todos estes fatores é que é possível entender a mentalidade chinesa na sua totalidade;
- A China teve uma economia fechada durante décadas. Apenas a partir de 1970 começa a dar os primeiros passos para a sua abertura. É significativo o tornar-se membro da OMC – Organização Mundial de Comércio e do Conselho de Segurança das Nações Unidas;
- A partir de 1978, a China inicia as reformas na sua estrutura socioeconómica, reduzindo-se o papel do Estado e incrementando o desempenho do mercado. Como resultado, conseguiu reduzir a taxa de pobreza, aumentar com sucessivas taxas de sucesso o PIB e, entre outros, o Índice de Desenvolvimento Humano;
- É definida uma nova estratégia político-económica que liberaliza os sistemas de formação de preços e o comércio externo. São criadas as ZEE (Zonas Económicas Especiais) e, daí decorrente, o país beneficia de um aumento estrondoso de investimento externo e consegue absorver o *know-how* que lhe é trazido pelas empresas que investiram nas áreas de tecnologia e ciência;
- Em paralelo, a China aposta forte na Educação e em Centros de Ciência e Pesquisa. Vários jovens partem para as universidades mais famosas da Europa e Estados Unidos para fazerem formação;
- A China torna-se a segunda economia em termos de *ranking* mundial. É, neste ranking, o país que mais exporta, o que tem a maior reserva de divisas estrangeiras, o maior comprador de Títulos de Tesouro americanos;
- Em plena pandemia, o país fez uma forte aposta na procura interna, estimulando o consumo através da distribuição de vales de compras para aquisição de equipamentos (particularmente os informáticos), refeições, actividades culturais e mesmo para a aquisição de automóveis.

### **No que concerne à “Uma Faixa, uma Rota”**

- A “Uma Faixa, uma Rota” é uma Iniciativa de cariz económico-comercial, concebida em 2013 e implementada depois de 2016, com a entrada em vigor do 13º Plano Quinquenal de Desenvolvimento, que consiste na criação de corredores económicos rodoviários e marítimos que ligarão a China ao Sudoeste Asiático, à Europa e a África;
- Existem várias designações para definir a Iniciativa – “Nova Rota da Seda”, “Cinturão e Rota”, “Belt & Road”, simplesmente a sigla “B&R”, ou ainda a sigla “BRI”;
- Em Abril de 2019, 125 países no mundo tinham já assinado acordos com a China no âmbito da iniciativa;
- O suporte financeiro até ao momento à Iniciativa tem sido dado pelo Governo da China, China Development Bank, China Exim Bank e outros;

- Os meios que as entidades chinesas têm colocado na Iniciativa são decorrentes da sua robustez financeira, da capacidade política, da capacidade de penetração em diversas economias onde constroem e reabilitam infraestruturas e edifícios públicos ou de lazer e desporto, da robustez das suas empresas que conseguem entrar no capital ou ter participações em sectores estratégicos da economia, da capacidade que a China teve em absorver rapidamente a tecnologia das empresas que investiram nas ZEE e das políticas internas de incentivo à inovação e geração de ciência;
- Criação e liderança da multilateral BAI – Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura;
- Os sectores envolvidos na Iniciativa são as ligações ferroviárias, as ligações rodoviárias, a energia, os oleodutos, os gasodutos, os portos, as comunicações e as telecomunicações;
- Os países que, até ao momento, têm beneficiado da Iniciativa são, entre outros: a China, o Reino Unido, o Laos, a Rússia, a Sérvia, a Tailândia, o Uzbequistão, o Turquemenistão, o Casaquistão, o Paquistão, a Etiópia, o Quirquistão, o Tajiquistão, o Cambodja, a Indonésia, o Myanmar, o Vietname, o Bangladesh, o Sri Lanka, a Arábia Saudita, o Djibuti, o Egipto, a Nigéria, o Quênia, a Bielorrússia, a Grécia, a República Checa, a Venezuela, o Brasil, o Perú, o Chile e ainda o Equador;
- O Banco financiou, desde a sua criação 151 projetos, fundamentalmente na área da energia e nos transportes. Assume-se que talvez seja excessivo utilizar o termo liderança porque se trata de uma multilateral mas, o facto é que a China detém 30,77 % do capital do Banco o que lhe dá uma posição privilegiada.



#### **No que concerne aos impactos internacionais**

- Forte impacto negativo nos Estados Unidos. Impacto com altos e baixos na União Europeia. Pragmático na Índia. De apoio no Paquistão;
- A criação do BAI – Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura foi um sucesso com a adesão imediata de 57 países, considerados fundadores;
- Os Estados Unidos reagiram à Iniciativa com a criação da “Reconstruir Melhor o Mundo”, iniciativa anunciada em Junho de 2021, mas sobre a qual não existe nenhum desenvolvimento significativo.

#### **No que concerne aos impactos em Portugal**

- Portugal e a China mantêm relações comerciais desde o século XVI. As relações foram sempre pacíficas e foram estabelecidos acordos com o Governo de Cantão. Em 1887 Portugal e a China assinam um acordo reconhecendo esta a ocupação eterna de Macau mas, os acontecimentos decorrentes da revolução cultural maoista em 1966, levam Portugal a renunciar à ocupação perpétua de Macau e este TERRITÓRIO é devolvido à administração chinesa em Dezembro de 1999;
- As relações entre a China e Portugal têm sido muito respeitadas, por vezes referidas que as relações entre os dois não se assemelham às relações com os outros países da União Europeia, uma vez que Portugal tem, para a China, um estatuto especial;
- Significativa a adesão de Portugal ao BAI- Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura, não pela pequena participação no capital (0,07%) mas sim pelo facto de ser um membro fundador;
- Assinatura com a China em 2018 do Memorandum de Entendimento da “Uma Faixa, uma Rota” que estabelece as modalidades de cooperação bilateral, abrangendo uma ampla gama de sectores;
- Entusiasmo português para com a Iniciativa, demonstrada pelo incentivo dado às autoridades chinesas a participar no concurso do terminal Vasco da Gama em Sines;
- No quadro da Iniciativa poderá ser importante a presença de capital português na China (Hovione, Filstone, Delta, Amorim Investimentos, SVD, Salvador Caetano, etc.) e a presença de capital chinês em Portugal (China Three Gorges, Fosun, State Grid, etc...);

- Atitude ativa de Portugal quer no que respeita à cooperação bilateral mas sobretudo no que concerne à cooperação luso-chinesa em mercados de países terceiros.

#### **No que concerne aos impactos nas empresas portuguesas do sector**

- A China é o quinto maior fornecedor de *inputs* para o sector, ultrapassando a Bélgica e aproximando-se da Itália;
- Os fluxos comerciais com os países que são membros do BAII – Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura são frágeis, não atingindo as exportações e importações sequer 1% do total;
- As Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios são os bens transacionados em maior número seja nas exportações, seja nas importações;
- O processo de internacionalização das empresas portuguesas em geral tem sido um sucesso, tendo ao longo dos anos sido crescente e espalhado por diferentes geografias;
- A pandemia afetou as empresas do sector mas não esmoreceu o seu significativo esforço de estratégias que conduzam à sua sustentabilidade;
- A China tem vindo a desenvolver significativamente o sector de moldes e de fabrico de ferramentaria e está a abandonar a política de produção em massa substituindo-a pela política da produção de bens e equipamentos com incorporação tecnológica avançada;
- A China mudou o paradigma de incorporar nos países beneficiários da sua cooperação apenas fatores de produção de origem chinesa, estando cada vez mais aberta à formação de parcerias que envolvam a constituição de consórcios ou subcontratações. Tal depende, contudo, dos seus interesses estratégicos e da capacidade negocial dos países com quem trabalha.

#### **No que concerne aos impactos nos Países de Língua Portuguesa**

- Criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e decorrente Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, funcionando o primeiro como instrumento de divulgação da Iniciativa;
- Demonstração pública do grande interesse na Iniciativa por parte de países como Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Moçambique onde se declarou que estes Países serão incluídos na Iniciativa;
- Sinergias luso-chinesas poderem ser utilizadas para o desenvolvimento de projetos nos Países de Língua Portuguesa particularmente nos de África e Ásia e nos sectores já previamente identificados (infraestruturas, energia e agro-indústria), o que pode significar significativas oportunidades para as empresas portuguesas.



## RECOMENDAÇÕES

A participação das empresas do sector na “Uma Faixa, uma Rota” dependerá em substância do que for o desenvolvimento da Iniciativa e este afigura-se ainda de difícil antecipação.

A questão da “guerra” comercial com os Estados Unidos e por vezes com a própria União Europeia não facilita o estabelecimento de qualquer previsão.

Assim sendo, os diversos autores que estudam esta iniciativa, ou, sendo mais abrangente, a atuação como um todo da República Popular da China, não conseguem fazer previsões, embora todos eles se manifestem a favor do entendimento entre os países.

Como é comumente refletido pelos autores ocidentais, a Iniciativa é claramente favorável à China e alguns chegam mesmo a referir que é uma armadilha. As autoridades chinesas falam no bem-estar mundial, no desenvolvimento económico e social, na paz no mundo. Seja como for, a Iniciativa pode ser uma oportunidade para as empresas portuguesas caso ocorram determinadas situações.

Consideramos como hipótese mais válida a utilização do Fundo de Cooperação gerido pelo Fórum Macau, entidade com atribuições diretas na Iniciativa mas não descoraremos a existência de duas multilaterais de que Portugal é membro – O BASD – Banco Asiático de Desenvolvimento e o BAII – Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura.

É verdade que o BASD tem sido pouco ativo nas questões de financiamento da Iniciativa mas não prevendo o futuro não devemos descorar a obtenção de informações através da sua plataforma para vermos as oportunidades que podem surgir em termos de *procurement*.

Já com o BAII a situação é diferente. Tanto quanto fomos informados o BAII é nesta altura apenas um banco virado para o investimento e relevante por ser só isso. No entanto, se consultarmos os projetos que financia vemos que ultrapassa essa barreira. Como é um banco jovem, afirma-se que precisa de se clarificar a sua atuação e se tornar mais transparente nos seus processos, neste incluindo o de *procurement*.

Recomendamos, por isso, que as empresas estejam atentas aos desenvolvimentos que este banco irá ter no futuro, pois, tudo indica, irá ser um suporte para o desenvolvimento da Iniciativa.

Recomendamos também que as autoridades portuguesas divulguem junto das empresas de prestação de serviços e fornecedoras de bens, detalhes sobre este Banco, utilizando por exemplo os recursos que estão no terreno e que decorrem do protocolo entre a AICEP e o GPEARL.

Aliás o mesmo procedimento deveria ser efetuado sobre o que decorre do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

O presidente Biden anunciou na reunião do G7 que decorreu em junho de 2021 a Iniciativa “Reconstruir Melhor o Mundo” ou na expressão anglófona “Build Better World – B3W” que visa reduzir as necessidades do mundo em infraestruturas. Na realidade, trata-se do retomar uma velha iniciativa anunciada por Hillary Clinton em 2011 e curiosamente apelidada de “Nova Rota da Seda”.

A Iniciativa prevê apoiar entre outros, os países africanos na construção ou modernização das suas infraestruturas. Como vários autores referem é, claramente, uma Iniciativa que confronta a chinesa. É ainda cedo para se analisar esta iniciativa pois nada se sabe sobre ela e é possível que não passe apenas de uma declaração de circunstância.

É conveniente, no entanto estar atento, a possíveis desenvolvimentos que esta pressuposta iniciativa possa vir a ter, pois dela poderão decorrer oportunidades para as empresas do nosso sector.

Finalmente gostaríamos de chamar a atenção das nossas empresas para os fatores culturais e daí decorrentes, comportamentais, a ter nos encontros com entidades chinesas.

Cada vez se atribui maior importância à questão cultural que enquadra a aproximação entre povos de origem e história diferente. Esta problemática tem vindo a ser estudada, de forma cada vez mais profunda e é objeto de estudos académicos desenvolvidos pelas universidades mais conhecidas.

Este aspeto torna-se particularmente importante quando envolvem entidades chinesas. Por essa razão houve o cuidado de neste Estudo incluir não só os aspetos que decorrem de como trabalhar com as entidades chinesas mas também apresentar o protocolo cultural o que envolve os comportamentos a ter e como se apresentar.







**V.**  
**FONTES  
DE INFORMAÇÃO  
E BIBLIOGRAFIA**

## FONTES DE INFORMAÇÃO E BIBLIOGRAFIA

- AIB – Asian Infrastructure Investment Bank (consultado em 2021-03-30 e em 2021-07-02).
- Amaral, Isabel – Artigo “Protocolo de Negócios com chineses”, publicado no sítio “Link to Leaders” s/ data, <https://linktoleaders.com/protocolo-negocios-chineses/>
- ANEME – Barómetro do Sector Metalúrgico e Eletromecânico – Março 2021.
- ANEME – Dados estatísticos sobre os Subsectores.
- Augusto, Pedro – “Rota da Seda”, InfoEscola.
- Aiyar, Swaminathan S. Anklesaria – *Why US Allies Are Happy to Join China’s All*, artigo publicado no “The Diplomat” em Junho 2015.
- Banco Asiático de Desenvolvimento – [https://www.adb.org/search?keywords=one%20belt%20one%20road&page=1&facet\\_query=sm\\_field\\_countries%24name%3AChina%2C%20People%27s%20Republic%20of](https://www.adb.org/search?keywords=one%20belt%20one%20road&page=1&facet_query=sm_field_countries%24name%3AChina%2C%20People%27s%20Republic%20of) (consultado em 27-04-2021).
- Barata, Clara – Artigo “Itália quer entrar na Nova Rota da Seda de Xi Jinping e a UE preocupa-se” publicado no jornal Público” de 21 de Março 2019.
- Barney, J. B. – “Strategic Factor Markets: Expectations, Luck, and Business Strategy”, (1986).
- Campos, Anabela e Isabel Vicente – Artigo “Os negócios da chinesa Fosun”, publicado na revista Exame de Abril 2017.
- Cargo (Revista) – Artigo “Peça Chave para a Rota da Seda China adquire porto no Sri Lanka por 1,2 mil milhões de dólares”, publicado em 01 de Agosto de 2017.
- Carta de Moçambique – <https://www.cartamz.com/index.php/sociedade/item/1678-o-que-e-a-iniciativa-chinesa-uma-faixa-uma-rota-que-conta-com-a-presenca-de-filipe-nyusi> (consultado em 14-04-2021).
- Casaca, Paulo e Artamendi Nerea – “Reforma do Euro 2014 – Uma proposta”, Abril 2014 (Bruxelas).
- China Business News (Xangai), citado por Courrier International, Junho 2020.
- Chungkuo Shihpao / Chine Times Taipé, citado por Courrier International, Junho 2020.
- Condi, Gabriel – ChinaLink – Chinalinktrading Dezembro 2015 (consultado em 2021-03-25).
- Cordeiro, Tiago e Garattoni, Bruno – artigo “A Nova Rota da Seda” publicado na revista “Super Interessante” de Julho de 2017, atualizado em Março de 2019 – (<https://super.abril.com.br/sociedade/a-nova-rota-da-seda/>).
- Courrier International – “...E no fim ganha a China?”, Junho 2020.
- Crespo, Nuno e Tomás, Maria João – “A Internacionalização da Economia Portuguesa – Casos de Sucesso Empresarial”, Temas e Debates/Círculo de Leitores, Setembro 2017.
- Custódio, Gonçalo – Artigo “Uma Faixa, uma Rota, uma oportunidade, uma ameaça”, publicado no Jornal Económico, em Março 2019.
- Deloitte Insights – Embrancing BRI Ecosystem (2018).
- Diário de Notícias/Lusa – Artigo “G7 concordaram em lançar “grande plano” para travar a China” publicado em 12-06-2021.
- Diário de Notícias/Lusa – Artigo “China quer acordo comercial com EUA mas está pronta a retaliar se necessário” publicado em 27-11-2019.
- Diário de Notícias/Lusa – Artigo “Biden acusa a China de “proteger” autores de ataques informáticos” publicado em 19-07-2021.
- Dias, Natércia e Fernando Sequeira – Artigo “Acerca do Investimento português no Estrangeiro” publicado em “O Militante” Maio/Junho 2002.
- Domingues, Catarina – Artigo “Fundo China – Países de Língua Portuguesa – Cadeia de Investimento – publicado na revista “Macau”, sem data

- Estudar Fora.org – Artigo “*Tshingua, uma das melhores Universidades da China e do Mundo*” (consultado em 27-06-2021).
- EURObiz on line – <https://www.eurobiz.com.cn/the-belt-road-initiative-scope-of-projects-and-financing-issues/> de 3 de Janeiro 2019.
- Euronews – Artigo “*Uzbequistão quer ter o maior entreposto da Ásia Central*”, Novembro de 2020.
- Expresso das Ilhas – artigo “*Oitava Semana Cultural chinesa em Cabo Verde começa hoje, sob o signo de Rato*” publicado em 24 de Janeiro de 2020.
- Fórum de Macau, boletim semestral, verão de 2019.
- Freitas, João Abel de – “*A Nova Rota da Seda*” publicado em “*O Jornal Económico*”, Março de 2021.
- Future Rail – Artigo “*Russian Revolution: Is the Moscow-Kazan High Speed Rail Project on Track*” sem data. Consultado em 13-06-2021.
- Genté, Régis – Artigo “*A grande disputa pela Ásia Central*” publicado em *Le Monde Diplomatique*, Julho 2007.
- Grill, Sauga e Zand – “*A Bomba Relógio dos Empréstimos Chineses*” in *Der Spiegel* (Hamburgo), Junho 2019.
- Gusmão, Xanana – *Discurso* proferido em Boao, China em Abril de 2014.
- J Hall, Edward T. – “*The Dance of Life*”, 1984.
- Hanna, Michael – Artigo “*China – Everything you need to know about Chinese culture, etiquette, protocol, visiting, doing business and communicating in or with China*”, publicado no sítio Feng Shui Store, 2020
- Hoje Macau – Artigo “*António Costa sugere à China incluir porto de Sines na nova Rota da Seda*” – 12 de Julho 2017.
- Ilhéu, Fernanda – “*A Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI Os Países de Língua Portuguesa na Cadeia de Valor Global da China*” – publicado pela Associação dos Amigos da Nova Rota da Seda, sem data.
- Ilhéu, Fernanda – “*B3W versus BRI – Competição ou Cooperação*” publicada na Newsletter número 2 da Ordem dos Economista em 07 de Julho de 2021.
- Ilhéu Fernanda e Campos Joana – Artigo “*Cooperação Portugal-China na industrialização dos PALOP, no âmbito do BRI, disponível em file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/26196-Texto%20do%20Trabalho-59379-2-10-20211019%20(1).pdf* (consultado em 2021-11-28).
- Infopédia, Porto Editora, 2003-2021 (consultado em 2021-03-22).
- Instituto Nacional de Estatística – *Classificação das Actividades Económicas – 2007* (Consultado em 08-04-2021).
- Instituto Paulson, *Overview* (consultado em 2021-03-29).
- Johnston, Lauren A. – Artigo publicado para o International Center for Trade and Sustainable Development – denominado “*Como a iniciativa chinesa “Nova Rota da Seda” afeta o presente e o futuro da África?*”
- Jornal de Negócios – Artigo “*Grécia cede à China 67% do porto de Pireu até 2052*” – Abril 2016.
- Jornal de Notícias – Artigo “*FBI – Espionagem chinesa será a maior ameaça ao futuro dos Estados Unidos*” publicado em 08 Julho 2020.
- Júnior, Abelardo Arantes – Artigo “*O Paquistão e as estratégias ocidentais para a Ásia meridional*” publicado em *Sci Flo Brasil – Revista Brasileira de Política Internacional*, 2003.
- LeBaron, Michelle – Disponível em [www.beyondintractability.org/essay/communication-tools](http://www.beyondintractability.org/essay/communication-tools) (2013).
- Lima, Manuel de – Artigo “*Por que não fomos expulsos de Macau*”, publicado em *Século Ilustrado* em Maio de 1974).
- Lusa – “*Estratégia chinesa “Uma Faixa, Uma Rota” tem de respeitar direitos humanos*” – ONG (22-04-2019).
- Magalhães, Patrícia – Artigo “*Uma Faixa, uma Rota entre os Países de Língua Portuguesa*” – publicado na *Revista Macau*, Agosto de 2016.

- Mahbubani, Kishore – “*A China já ganhou?*” – Bertrand Editora, Novembro 2020.
- Malheiros, Manuel – Artigo “*Sines no centro da nova guerra fria*”, publicado em “Tal & Qual” em 16 de Junho de 2021.
- Marques, Ana Cristina – Artigo “*Inaugurada a viagem de comboio que une a China a Inglaterra*” publicado no “Observador” em 5-01-2017.
- Mendes, Carmén Amado – “*A Evolução das Relações Luso-Chinesas*” publicado em Observatorio de la Política China – Universidade de Coimbra, sem data.
- Mishra, Asit Ranjan – Artigo “*India may not alter rules of engagement with AIIB*” publicado em *Mint* de 29-07-2020.
- Moldes China - <https://www.moldeschina.com/pt/ferramentarias> (consultado em 29-11-2021).
- Murphy, Carlos – “*Is China Cooking the Books?*” in <https://alternativeeconomics.wordpress.com/2013/05/21/is-china-cooking-the-books?/> (2013).
- Nonnenberg, Marcelo José Braga – “*China: Estabilidade e Crescimento Económico*” (publicado em *Brazilian Journal of Political Economy* (2010)) e consultado em scielo.br.
- Odisseia (Canal) – Reportagem “*O Mundo segundo Jinping*” realizada em 2018 e passada no Canal Odisseia em Portugal em 26 de Junho 2021.
- Oliveira, Vanessa Virginia Mendes de – Dissertação sobre “*Investimento Direto de Portugal no Exterior (IDPE) – Caracterização e Mapeamento*”, sem data.
- Pires, Benjamim – “*O Foro de Chão*”, publicado no Blog “Macau Antigo” em 2 de Outubro de 2009.
- Pordata: Exportação de bens: Total e por principais países parceiros comerciais, Fevereiro 2021.
- Portal Diplomático da República Portuguesa – *História Diplomática com a República Popular da China* (consultado em 27-07- 2021).
- Portuguese.people.cn – Artigo “*Ferrovias China-Laos será concluída em 2021, apesar dos desafios*” – tendo por fonte o Diário do Povo de Novembro 2017.
- Portuguese.pleople.cn – Artigo “*Tem início a construção sino-tailandesa de ferrovia de alta velocidade em Pak Chong*” – tendo como fonte o Diário do Povo de Dezembro 2017.
- Público – Artigo “*Embaixador dos Estados Unidos avisa: Portugal tem de escolher entre EUA e China*”, publicado em 26-09-2020.
- Quaresma, Henry Uliano – Artigo “*A Arte de Negociar com os Chineses*” publicado em *Brasil Export Magazine*, Novembro 2016.
- Reis, Rodolfo Alexandre – Artigo “*Chineses, franceses e brasileiros são quem mais compra casa em Portugal*”, publicado em *Jornal Económico* de 19-10-2021.
- Rodrigues, Bernardo Salgado – “*O que é o Império do Meio*” in *Revista Diálogos Internacionais*, março 2020.
- Rodrigues, Pedro Caldeira – “*Pequim e Moscovo em Rota de Colisão*” – Visão, outubro 2019.
- RTP Notícias – artigo “*China pronta a “reforçar sinergias” com Portugal, diz Xi Jinping*”, publicada em 27-08-2021.
- Sakamoto, Camila – Artigo “*As vantagens do Corredor Económico China-Paquistão*”, publicado em *ChinaLink*, Fevereiro de 2017.
- Santandertrade.com – *Santander Trade Markets* (consultado em 2021-03-25).
- Santiago, Anabela Rodrigues – “*Uma Faixa, Uma Rota – Visão e Acções da Estratégia Chinesa*” – VIII Simpósio Electrónico Internacional sobre Política da China (março 2017).
- Santiago, David – Artigo “*Estados Unidos e China chocam de frente no primeiro encontro da era Biden*”, publicado pelo *Jornal de Economia* 19 março 2021.
- Santos, Ricardo – Artigo “*Porto de Sines disputado por Chineses e Americanos*” publicado na revista *Sábado* em 21-04-2021.

- Sapientia – Artigo *“Relações entre os Estados Unidos e Índia”* publicado em março 2021.
- Sapo 24 – Artigo *“Adesão de Itália a “Uma Faixa, uma Rota” na nova visita do Presidente chinês à Europa”*, março de 2019.
- Sharma, Rajeev – Artigo *«Here’s why Indian strategists should worry about China’s \$46 billion funding to Pakistan»*, publicado no jornal “Firstpost” em novembro 2015.
- Silva, Andreia Sofia – Entrevista a Joseph Chan Nap-kee, especialista na política *“Uma Faixa, Uma Rota: China nunca quis ser a polícia do Mundo”*, publicada em “Hoje Macau” abril 2021.
- Silva, Joana de Sousa Ribeiro Alexandre e Barros – *“As Relações União Europeia-China: O Impacto da Nova Rota da Seda”*, Dissertação em Ciência Política e Relações Internacionais, Especialidade em Globalização e Dinâmicas Regionais – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2000.
- Somos, Multiplataforma de Comunicação de Língua Portuguesa – Artigo *“Cabo Verde em Macau para se promover como “destino investimento”*, abril 2019.
- Sun, Yi - A Pareceria Azul China-Portugal: Uma Perspectiva Relacional, sem data, publicado em [http://188.166.100.127/images/Working-paper\\_2\\_Trabalho-final\\_Parceria-Azul-China-Portugal\\_Yi-Sun.pdf](http://188.166.100.127/images/Working-paper_2_Trabalho-final_Parceria-Azul-China-Portugal_Yi-Sun.pdf)
- The Economist – Londres, citado por Courrier Internacional, junho 2020.
- The Economist – Artigo *“Reino Unido, viragem a 180 graus face à China”*, publicado por Courrier International, maio de 2021.
- Tiny, Carlos P – Artigo *“E São Tomé?”* publicado em Telá Nón (Diário Digital STP), abril 2020.
- Todo Bom, Luís – Artigo *“Um conceito elaborado de diplomacia económica”*, publicado no Jornal de Negócios em junho de 2005.
- Tomás, Maria João – *“Os desafios culturais da Internacionalização”*, publicado em *“A Internacionalização da Economia Portuguesa”* (2017).
- Tonshev, Plamen – *“O Futuro Incerto das Novas Rota da Seda”*, in The Diplomat (Tóquio), abril 2020.
- Transparência Internacional Portugal – Artigo *“Vistos Gold, Investimento ou Branqueamento”*, consultado em julho 2021.
- TVI 24 – Notícia *“Portugal apoia fim do embargo europeu à venda de armas à China”*, outubro de 2010.
- Varzim, Tiago – Artigo *“Brexit: Exportações para o Reino Unido caíram em 2019 pela primeira vez em 10 anos”*, publicado em Jornal de Negócios, 8 de Fevereiro 2020.
- *Views Multilateralism”*, publicado no sítio EURACTIV.com (consultado em 26-06-2021).
- Vurusic, Valdo – Artigo *“Quando Belgrado cai nos braços de Pequim”* publicado pelo jornal *“Jutarnji List”* de Zagrebe e publicado no Courrier Internacional de Junho 2020.
- Wikipédia – *História da República da China (1912-1949)* (consultado em 2021-03-23); *História Económica da República Popular da China* (consultado em 2021-03-25).
- [www.people.com.cn](http://www.people.com.cn) – Quadros sobre os projetos realizados pela China.
- Ying, Fu – *“How China Views Multilateralism”*, publicado no sítio EURACTIV.com (consultado em 26-06-2021).



## NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

---

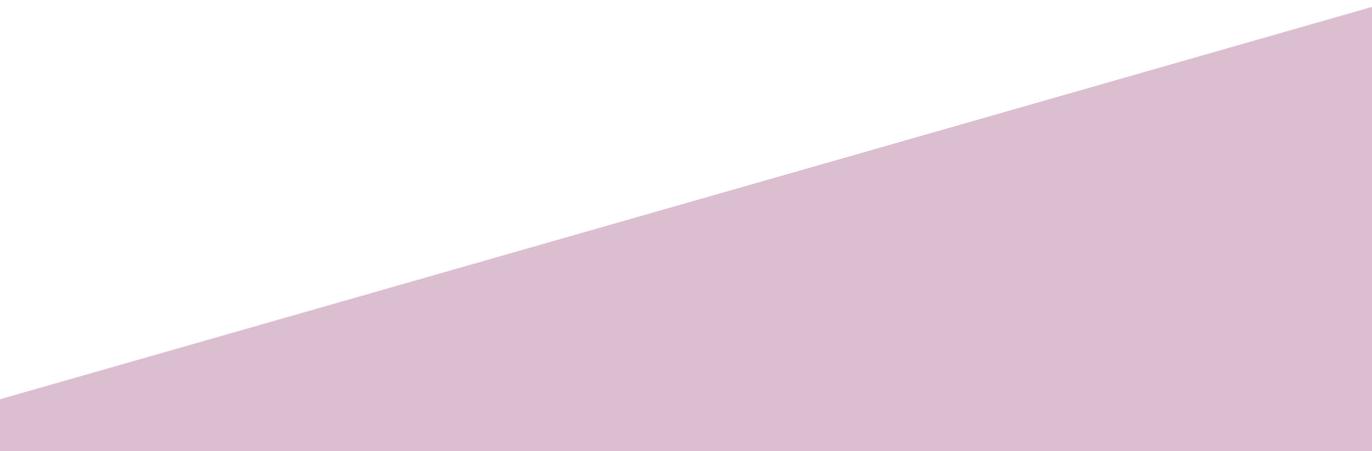
---

---

---

---

---







# METAL 2WORLD



Promovido por:



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA  
Fundio Europeu  
de Desenvolvimento Regional